

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIDADE DE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO

TIAGO ROSSI

**DESIGN ESPECULATIVO COMO MEDIADOR DENTRO DE UM
CONTEXTO DE CONTROVÉRSIAS**

PORTO ALEGRE
2019

TIAGO ROSSI

**DESIGN ESPECULATIVO COMO MEDIADOR DE ATORES HUMANOS
E NÃO HUMANOS DENTRO DE UM CONTEXTO DE CONTROVÉRSIAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Design, pelo programa de Pós Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer

PORTO ALEGRE
2019

R833d Rossi, Tiago

Design especulativo como mediador dentro de um contexto de controvérsias / por Rossi Tiago. – 2019.
143 f. : il., 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer.

1. Design especulativo. 2. Design crítico. 3. Design fiction.
4. Codesign. 5. Mediação. 6. Controvérsia. 7. Teoria ator-rede. 8. Design estratégico. I. Título.

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

TIAGO ROSSI

**DESIGN ESPECULATIVO COMO MEDIADOR DE ATORES HUMANOS
E NÃO HUMANOS DENTRO DE UM CONTEXTO DE CONTROVÉRSIAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Design, pelo programa de Pós Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Aprovado em 20 de Agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Carnos Scaletsky (UNISINOS)

Prof^a. Dra. Chiara Del Gaudio (Clareton University)

Dedico este trabalho a vida e ao meu filho Afonso. Antes deste mestrado, não era casado. Casei, tive um filho e agora terei a oportunidade de dizer que um dia passei pelo mestrado. Que sirva de incentivo e motivação para a trajetória dele. Um pai que imaginava demais ao

*ponto de pesquisar coisas que desafiam a
imaginação.*

RESUMO

Este trabalho visa compreender como projetar através da especulação e controvérsia. Para isso, o projeto compreende a natureza do design especulativo, e pela perspectiva da Teoria Ator-Rede, o conceito de Mediação e Controvérsia. A pesquisa exploratória baseou-se no mapeamento das controvérsias proposto por Venturini (2010) para explorar o contexto do Complexo Industrial Maesa em Caxias do Sul RS. A partir disto, a controvérsia foi representada e apresentada para um grupo de projeto para a criação das especulações. A trajetória da especulação, a partir de então, foi: Apresentá-la para participantes selecionados no contexto da controvérsia Maesa através de um grupo focal. Ao todo foram 3 grupos focais formados por grupos variados. A cada grupo focal, foi observado os tópicos principais entre os atores e a especulação pela perspectiva da Teoria Ator-Rede e do Design Especulativo. Posteriormente os tópicos principais eram levados para uma nova sessão de projeto com o grupo de projeto, que em conjunto como autor desta pesquisa, modificava a trajetória da especulação no contexto da controvérsia. Ao todo, foram realizados 3 grupos focais, onde a Especulação original no contexto da controvérsia foi alterada a cada ciclo. Compreende-se que o papel da controvérsia, se observado pela Teoria Ator-Rede permite explorar diferentes caminhos para a criticidade da especulação. Com isso, o Design Especulativo inserido dentro da controvérsia é mais um ator em seu contexto, no entanto, sua prática projetual possui o papel de agenciar diversos atores e perspectivas. Criando novos enredos e conexões improváveis.

PALAVRAS-CHAVE: Design Especulativo; Design Crítico; Design Fiction; Codesign; Mediação; Controvérsia; Teoria Ator-Rede; Design Estratégico

ABSTRACT

This working aims to understand how to project speculation and controversy. For this, the project understands the nature of speculative design, and from the perspective of Actor-Network Theory, the concept of Mediation and Controversy. The exploratory research was based on the mapping of controversies proposed by Venturini (2010) to explore the context of the Maia Industrial Complex in Caxias do Sul RS. From this, the controversy was represented and presented a project group for speculation creation. The trajectory of speculation from then on was: Introducing oneself to the selected participants in the context of the controversy Through a focus group. In all there were 3 focus groups formed by varied groups. Each focus group featured topics among actors and a specialty from the perspective of Actor-Network Theory and Speculative Design. Later the initial topics were introduced for a new project session with the project group, which is a set of authors of this research, modifying the trajectory of speculation in the context of the controversy. In all, 3 focus groups were held, in which a discussion was held on the topic. It is understood that the role of controversy, if observed by the Actor-Network Theory, allows exploring different avenues for a critique of speculation. Thus, Specific Design was implemented in a document on the subject, however, its ability to project the role of an actor and future. Creating new storylines and unlikely connections.

KEYWORDS: *Speculative Design; Critical Design; Design Fiction; Codesign; Mediation; Controversy; Actor-Network Theory; Strategic Design*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manifesto A/B	26
Figura 2 - Especulações tech em Startrek, Iron Man e Minority Report.....	31
Figura 3 - Possibility cone.....	33
Figura 4 - Black Mirror The Entire story of you	34
Figura 5 - Her.....	37
Figura 6 - Projeto para contenção de Tsunamis no Chile.....	39
Figura 7 - Maesa à época de sua construção, na.....	62
Figura 8 - Saída dos trabalhadores da Maesa pela	62
Figura 9 - Complexo MAESA Caxias do Sul em 2016.....	63
Figura 10 - Linha do tempo da situação da Maesa.....	65
Figura 11 - Representação da controvérsia Maesa	72
Figura 12 - Realidades Futuras para Especulação da controvérsia Maesa....	77
Figura 13 - Entulhos especulativos Maesa	79
Figura 14 - Capas de jornal especulativas 1.....	80
Figura 15 - Recorte do método: Etapa Prototipação da especulação.....	85
Figura 16 - Grupo Focal 1	86
Figura 17 - Tópicos principais grupo Focal 1	89
Figura 18 - Grupo Focal 2.....	92
Figura 19 - Tópicos abordados Grupo focal 2.....	96
Figura 20 - Capa de jornal especulativa Maesa feira portas abertas.....	97
Figura 21 - Placa especulativa Área da bagunça	98
Figura 22 - Organização das capas especulativas Grupo Focal 3.....	99
Figura 23 - Grupo Focal 3.....	101
Figura 24 - Tópicos abordados Grupo Focal 3	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Critérios gerais da especulação.....	40
Tabela 2 - Características da controvérsia	48
Tabela 3 - Critérios VENTURINI Mapeamento da controvérsia.....	58
Tabela 4 - Síntese dos direcionamentos da controvérsia	73
Tabela 5 - Grupo de projeto para criação da especulação	74
Tabela 6 - Realidades projetadas para a especulação	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Método.....	56
Quadro 2 - Roteiro semiestruturado Pré e Pós Grupo Focal	81
Quadro 3 - Etapas dos grupos focais.....	84
Quadro 4 - Participantes dos Grupos focais.....	84
Quadro 5 - Relação dos atores humanos e não humanos na especulação....	106

LISTA DE ABREVIATURAS

TAR	Teoria Ator-Rede
ANT	<i>Actor Nectwork Theory</i>
RS	Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos.....	19
2.1 A ESPECULAÇÃO NO DESIGN	23
2.1.1 Design crítico	23
2.1.2 Especulação por meio do design	27
2.1.3 Design Fictions: novos mundos e realidades pelas narrativas	36
2.1.4 Critérios da Especulação	40
2.2 O CONCEITO DE MEDIAÇÃO	41
2.3 CONTROVÉRSIA NA PERSPECTIVA TAR	47
2.3.1 Sociedade em uma rede heterogênea	49
2.3.2 A agência como exploração de horizontes	51
2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	53
3. MÉTODO	54
3.1 TIPO DE ESTUDO E ESTRUTURA DA PESQUISA	54
3.2 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES	55
3.3 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	60
4. RESULTADOS	61
4.1 MAPEAMENTO DE CONTROVÉRSIAS	61
4.2 1º CICLO DE PROTOTIPAÇÃO	74
4.3 2º CICLO DA PROTOTIPAÇÃO	80
4.1.2 Grupo Focal 2	91
5. DISCUSSÕES	108
5.1 DESIGN ESPECULATIVO MEDIA AS REDES NA CONTROVÉRSIA...	108
5.2 DESIGN ESPECULATIVO MOTIVA AS PERSPECTIVAS DA CONTROVÉRSIA	112
5.3 O DESIGN ESPECULATIVO SENSIBILIZA OS ATORES EM DIFERENTES PONTOS DE VISTA.....	115

5.4 A CONTROVÉRSIA PERMITE REPENSAR A ESPECULAÇÃO E MODIFICAR A TRAJETÓRIA DA ESPECULAÇÃO.....	117
5.5 O DESIGN ESPECULATIVO NA CONTROVÉRSIA PERMITE UMA PROTOTIPAÇÃO COLETIVA DE NOVAS FICÇÕES.....	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERENCIAS.....	127
APÊNDICES.....	135

1. INTRODUÇÃO

A imaginação é parte da atividade humana, entende-se que com ela o ser humano consegue visualizar diferentes conceitos e contextos. O design, por ser uma área que abrange diferentes campos e habilidades para sua atividade, carrega consigo a imaginação como um de seus fatores projetuais. A capacidade de projetar do design deixou de somente atuar em campos operacionais para a formalização de produtos. O avanço da sociedade e sua complexidade moldaram o design para rotas mais abrangentes, intangíveis e estratégicas. Conforme (SCALETSKY, 2016, p.15) o ato de projetar envolve processos e competências de relevâncias diversas, sendo que projeta-se desde a ideia ou conceito de um produto, serviços e experiências. Com isso, o entendimento de projeção expande-se para outros campos, os do próprio design. O ato de projetar subtende processos e envolve competências de relevâncias diversas. Além da materialização da ideia ou conceito em um produto, projetam-se serviços e experiências, deslocando o entendimento de “projeção” para outras áreas, expandindo ao final, os domínios do design” (SCALETSKY, 2016, p.15) Com isso, o design deixa de operar em campos operacionais e atua em desafios complexos da sociedade contemporânea.

Vive-se em um ambiente inundado de informações interconectadas por diversos elementos. A tecnologia se molda com o convívio humano, o mercado de trabalho cria novas regras de operação, as cidades crescem e a economia busca criar novos sentidos. O ser humano busca compreender seu papel na humanidade. Por conta disso, o mundo complexo exige um design que atue na complexidade. Para Cardoso (2012, p. 23) “no mundo complexo em que vivemos, as melhores soluções costumam vir do trabalho em equipes e em redes”. A complexidade é parte inerente do contexto social, sem ela não se criam novas conexões, “num universo de pura ordem, não haveria inovação, criação, evolução” (MORIN, 2011, p. 89).

A evolução da sociedade exige um tipo de design que atue em frentes de exploração do novo. Um design que abuse da sua imaginação, um design que crie realidades e que proponha novos horizontes. Flusser em sua analogia a fabricação explorou a condição de que a conexão com o homem e os objetos estariam cada vez mais presentes “as fábricas são lugares onde sempre são produzidas novas formas

de homens: primeiro o homem-mão, depois, o homem-ferramenta, em seguida, o homem-máquina e, finalmente, o homem-aparelhos eletrônicos. Repetindo: essa é a história da humanidade.” (Flusser 2007: 36-37). A imaginação de Flusser sobre o futuro levava o pensamento de que o contexto social iria ser moldado pelo contato com os inúmeros produtos. A relação de fabricação com o projeto de dei

A transformação social, moldou o design, pelo novo contexto ser um ambiente de causas dinâmicas e fluidas, o papel do design neste cenário moderno passou a ser o de aprender com o mundo ao seu redor e operar soluções para o sistema que receberia o design. Law (1992) acredita que "o conhecimento é uma questão material, mas é também uma questão de organizar e ordenar esses materiais" (LAW, 1992). Deste modo, o papel da atividade de design e do designer deixou de ser orientada somente a construção de produtos para observar demandas sociais que eram geradas pelo avanço tecnológico e novos contextos. A influência do projeto de design percorreria estágios além da materialidade. Da mesma forma que a atividade de design se moldou ao longo do século, o próprio design exerceu seu processo de ressignificação. Através da atividade projetual, a necessidade de expressar significados específicos, ou mesmo criticar processos e contextos foi incorporada por quem exercia o design. Dunne (2008) considera que a arquitetura e as belas artes costumam a se referir a cultura popular e industrial. Segundo o autor, o design é uma cultura popular. Seu idioma é acessível e atrai os sentidos, a imaginação e não o intelecto (DUNNE, 2008, p.147). Dentro da visão de Dunne, o design possui características que se inspiram nos contextos sociais. Ao utilizar suas competências e imaginação, o designer é capaz de fazer leituras do social e exercer seu papel de criticá-lo. Deste modo, o contexto possibilita que o design possa confrontar a realidade em que ele está inserido. O projeto passa a ser um palco de construção e reflexão de novos modelos e significados. Se antes o design era projetar produtos, o design deste novo momento exerce sua capacidade de refletir o tempo com intuito de aprender com ele. A atividade projetual do design passa a conceber projetos que exploram a crítica para a expansão de visões do próprio contexto. A atividade projetual do design não é restrita do designer, ela possibilita a troca de ideias de diferentes visões dentro do projeto.

A contribuição da área de design não é restrita para a atuação comercial e evolução da disciplina, há momentos em que o contexto social é colocado em cheque. Crises ocorrem na humanidade, sejam elas aplicadas ao contexto social ou

econômico. Os saberes do design podem auxiliar na interferência dos contextos de crise, podendo ser um papel fundamental em sua solução. Do mesmo modo que as narrativas literárias e audiovisuais criam fantasias utópicas e distópicas, o enredo social é pautado por momentos parecidos com a fantasia. Surgem contextos problemáticos em âmbitos sociais que necessitam das competências do design para sua resolução. O contexto de crise abre uma lacuna relevante para a sociedade. Latour aborda “é até possível argumentar que a própria noção de “interação” como um encontro ocasional entre agentes separados é uma consequência de informações limitadas sobre os atributos que definem os indivíduos” (LATOURE, 2012). Por outro lado, há crises surgem sem previsão, são momentos factuais que nascem e despertam o tecido social para um movimento reativo.

Dentro dos argumentos citados, entende-se que a crise é um balanço de diferentes características. Pode-se compreendê-la como mero fato ocorrido, somatório de ocorrências, um espaço sem destino certo. Percebe-se que o contexto de crise permite a agitação. Os espaços de conflito contribuem para diferentes oportunidades de atuação. Entretanto, exige-se um esforço de deslocamento para sua observação. Se há espaços de crises, algum movimento pode nascer para enfrentar este contexto. Contudo, do mesmo modo que os exemplos anteriores se movimentaram em busca de suas utopias, há contextos de crises ¹mais enquadradas ao lado distópico. Crises ocorrem, e pedem ser agentes capazes de mediar este contexto, seja na criatividade, inventividade, gestão ou imaginação.

Por outro lado, a concepção de um projeto de design não depende somente das equipes e da capacidade multidisciplinar. A construção de saberes não depende somente dos seres humanos. A atividade de design pode ser realizada entre atores humanos e não humanos. Partindo do pressuposto de que o artefato não humano pode gerar conhecimentos relevantes para o andamento do projeto, entende-se que ele também é parte do ambiente de projeto e mediação. A negociação ou processo entre os envolvidos dentro da atividade projetual pode sofrer interferência dos artefatos. Segundo Tonelli (2016) "a ideia é que a sociedade é feita de humanos e não humanos, sujeitos e objetos. No cotidiano, humanos e não humanos nunca estão

¹ O desastre de Mariana em Minas Gerais, que ocasionou a destruição da região mineira. Falhas, que relacionadas a um processo gerencial da empresa Vale, ocasionou a transformação territorial do espaço público. Semelhanças com o caso Mariana, surgiram em Brumadinho. A organização opera no contexto, no entanto, seus erros contabilizam um desastre ambiental e social de grandes proporções.

dissociados. Eles formam, em conjunto, redes que constituem aquilo que chamamos de real" (TONELLI, 2016). Observando o contexto do social desta perspectiva, para Law (1992) "é uma forma de sugerir que a sociedade, as organizações, os agentes, e as máquinas, são todos efeitos gerados em redes de certos padrões de diversos materiais, não apenas humanos. (LAW, 1992). Nota-se ao observar este ambiente de contribuição entre pessoas, máquinas, redes de serviços, e outras engenhosidades podem efetuar expansões para o próprio design. Para Latour (2012) "devido a constante restrição do Significado (contrato social, questão social, assistentes sociais), nossa tendência é limitar o social aos humanos e as sociedades modernas, esquecendo que a esfera do social é bem mais ampla que isso" (LATOUR, 2012, p.24). Ao observar as visões propostas por Latour (2012) entende-se que contexto social é amplo e não sofre interferências apenas por pessoas, mas sim de artefatos volumétricos, plataformas, serviços entre outros. O papel do design neste contexto, além de mobilizar aliados é o de interpretar a relação entre os atores humanos e não humanos.

Visto que a capacidade do design de construir sentidos e moldar a realidade garante ao design um fomentador de inovação e imaginação. A atividade projetual pode resultar em oportunidades de projeto e visões que expandem o contexto social. Do mesmo modo, a prática projetual pode resultar em demandas que confrontam a realidade para exercer um sentido de despertar crítico e reflexivo dentro do seu contexto. Dunne (2008) sugere que:

"contribuir para a produção de um mundo habitável", o design precisa ser transformado, expandindo o seu alcance para incluir especulações sobre a melhor maneira de fornecer condições para a habitação. Não deve apenas visualizar um "mundo melhor", mas despertar no público o desejo de um. São necessárias abordagens de design que se concentrem sobre a interação entre a realidade retratada de cenários alternativos, que muitas vezes aparecem didáticos ou utópicos, e a realidade cotidiana em que estão encontrado. (DUNNE, 2008, p.83).

Ao imaginar probabilidades fora da realidade atual, o projeto de design pode engajar o contexto social a embarcar na imaginação desta nova realidade. Sendo que em um ambiente aonde há controvérsias na definição de um futuro desejável para o contexto social, o ato de projetá-lo é uma forma de compreender seus potenciais futuros, e até moldá-los em conjunto. Além disso, a especulação pode revelar dados que podem potencializar a imaginação do que está sendo debatido. Em vista disso,

dentro desta perspectiva, pode-se então recorrer ao próprio projeto como momento de engajar os envolvidos no confronto da realidade. Segundo Dunne e Raby (2013) "trata-se de significado e cultura, sobre aumentar o que a vida poderia ser, desafiando o que é, e fornecendo alternativas que afrouxam os laços que a realidade tem em nossa capacidade de sonhar. Em última análise, é um catalisador para o sonho social" (DUNNE; RABY, 2013, p.189). A interação com os artefatos projetados dentro do design possibilitariam este despertar motivacional a imaginar situações não acessadas. Ao exercer este papel de abstração dentro da atividade, ou até mesmo fora dela, a conexão entre os artefatos possibilitariam uma abdução ente os atores. Sendo que neste contexto existem atores humanos e não humanos, o despertar não seria somente de informação, mas sim de novos sentidos dentro do contexto. Malpass (2013) aborda que o campo da especulação é uma prática e pesquisa que não deve se fechar em si, sendo confinada apenas para discussões de designers. (MALPASS 2013). Por outro lado, mesmo exercendo o engajamento dos atores envolvidos, em caso de momentos voltados a debates entre atores humanos. O design, como visto antes, pode sofrer com as divergências, no entanto, o papel é entender os atores e as atividades envolvidas no contexto para sim, poder manipular os dados. Segundo Law (1992) a "tarefa é estudar esses materiais e métodos, para entender como eles se realizam, e notar que poderia, e frequentemente deveria, ser de outra maneira" (LAW, 1992 Tradução nossa). Logo, o entendimento do contexto faz parte da atividade de design, além disso, para evoluir o design é necessário aprender com a interação dos atores, sejam eles humanos e não humanos. Meyer (2011) ao abordar Latour (2000:178) compreende que entendemos que o controle do designer sobre o destino de um artefato está condicionado a dois fatores: o alistamento de pessoas; e o controle sobre o comportamento destas pessoas, de forma a tornar previsível suas ações na rede do artefato. (MEYER, 2011 Apud Latour 2000:178). Por isso, há a necessidade de compreender como a especulação pode atuar em um ambiente atores humanos e não humanos, sendo que ele é uma rede fomentada pelas controvérsias e rivalidades. A atividade projetual do design de especular pode então ser a mediadora deste contexto de crise.

Em Caxias do Sul – RS, há um complexo industrial configurado como patrimônio histórico da cidade, ele é conhecido por MAESA². Dentro deste contexto,

² O Espaço de 53 mil m² que abrigava a unidade da Fábrica 2 voltada ao processo de fundição da Indústria Metalúrgica Eberle, empresa relevante da região no Século XX, encontra-se abandonado

há um palco de controvérsias que podem ser exploradas como abertura criativa na construção de futuros desejáveis para o complexo.

Dentro deste ambiente, entende-se que é possível mapear os atores envolvidos no processo de controvérsia da MAESA. Sendo que ao mapeá-los, pode-se então reconfigurá-los. Neste sentido, o design e a especulação podem fazer parte do contexto da controvérsia. A partir disso, se faz necessária a construção de novas realidades. O Design Especulativo possui características que expandem a visão projetual para ambientes de imaginação de novas realidades. Ao criticar o contexto atual, ou imaginar futuros, o Design Especulativo contribui para exercer seu papel de mediação do contexto presente na busca de orientar melhor caminhos a serem seguidos. Ao mesmo tempo que a atividade projetual exerce o engajamento com a MAESA e seu destino. Do mesmo modo o contexto da MAESA é marcado por diferentes interesses, entende-se que a compreensão de seus atores humanos e não humanos podem influenciar no processo de construção de futuros desejáveis e de reagregação social. Por tanto, ao mediar um ambiente de controvérsia, tendo conhecimento do contexto social híbrido de humanos e não humanos, pode-se então reconfigurar o futuro a partir do Design Especulativo. Sendo assim, a atividade de especular exerce um papel de democracia, dando voz aos atores mapeados dentro do contexto de controvérsia. O objetivo então não é definir qual opinião é a mais plausível, mas sim construir uma visão coletiva de futuro desejável para a MAESA.

A partir deste cenário, chega-se ao problema de pesquisa: como o design especulativo pode mediar um contexto de controvérsias?

após a saída da unidade da Voges que utilizava o espaço para o mesmo processo de fundição. (PIONEIRO, 2015). Em 2015, o governo do Estado do Rio Grande do Sul doou o complexo ao município de Caxias do Sul como patrimônio histórico. Desde então o município e seu seus moradores buscam entender o papel da MAESA como legado da cidade. Diferentes entidades buscam planejar o processo de ocupação territorial, entretanto, este processo não exerce uma configuração democrática (PIONEIRO, 2017). Há divergências nas opiniões voltadas ao futuro do complexo, em utilização do espaço, configuração de serviços que serão prestados a comunidade, restauro do patrimônio histórico e orientação de projetual do que será feito com o espaço. Além disso, há divergências também no entendimento do impacto gerado para o contexto social. O poder público, não compactua com alguns ideais voltados a entidades de preservação arquitetônica e histórica, movimentos colaborativos também defendem outras ideias (PIONEIRO, 2018). O debate sobre futuro da MAESA envolve também os moradores da cidade, tendo em vista que muitos deles buscam se associar em diferentes iniciativas com o intuito de ter uma voz na construção de conceitos que impactarão na cidade de Caxias do Sul.

1.1 Objetivos

Nesse sentido pretende-se entender o papel do design especulativo como um mediador de atores humanos e não humanos dentro de um contexto de controvérsias. Os objetivos específicos são:

- I Compreender a controvérsia do caso Maesa;
- II Compreender como materializar a especulação a partir do mapeamento da controvérsia;
- III Compreender o papel da especulação na mediação dos atores;
- IV Entender o posicionamento dos atores envolvidos sobre o potencial da especulação/controvérsia diante de uma temática de crise;

Para buscar o embasamento teórico para a discussão das questões apresentadas no problema de pesquisa, foram desenvolvidos três capítulos teóricos divididos em: Design Especulativo, Mediação e Controvérsia, sendo que Mediação e Controvérsia são enquadrados dentro da perspectiva da Teoria Ator-Rede.

O primeiro capítulo aborda as características do Design Especulativo, suas comparações com a prática crítica e a reflexão por meio do projeto. No segundo capítulo, será abordado o conceito de Mediação enquadrado na Teoria Ator-Rede e como ela aborda o contexto social sem barreiras entre humanos e não humanos. Dentro desta perspectiva o contexto social é uma relação entre atores humanos e não humanos que podem gerar conhecimentos entre si e serem reorganizados para uma finalidade a ser definida. Neste capítulo, também será explorada a capacidade de mediação do design. Sendo que, pelo ponto de vista da Teoria-Ator-Rede, será explorado o conceito de Agência abordado por Latour (2015) em que o artefato pode ganhar um outro significado por estar em um ambiente em Rede. A mediação será explorada como prática projetual mobiliza conhecimentos e gera artefatos que podem despertar conceitos despercebidos pelo ambiente de projeto. No terceiro capítulo, será explorado o conceito de controvérsia, no qual para Latour (2001) desenvolve o conceito de tradução (ou mediação) criando uma nova leitura dos interesses e potenciais dos atores humanos e não humanos. Para Venturini (2010) “considera que controvérsias são o fenômeno mais complexo a ser observado na vida coletiva. São

identificadas como questões que ainda não produziram consenso, sobre as quais os atores discordam ou concordam na discordância” (VENTURINI, 2010).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi proposta uma pesquisa qualitativa de característica exploratória, enquadrando o complexo industrial Maesa, situado em Caxias do sul-RS. A pesquisa considerou em sua estrutura (i) Mapeamento de controvérsias, (ii) Trajetória da Especulação. Tópico dividido em subcapítulos: (ii.i) 1^a Ciclo de prototipação, que aborda a formação de um grupo projeto com designers sensibilizados pelo mapeamento da controvérsia para a criação da especulação, (ii.ii) 2^o Ciclo de prototipação. Que aborda a apresentação da especulação para grupos focais com atores enquadrados dentro do contexto da controvérsia, que após a discussão, acionava o grupo de projeto dos designers na modificação da trajetória da especulação.

O mapeamento das controvérsias realizada na atividade (i) buscou investigar diferentes informações relacionadas ao contexto da Maesa, sendo que tais informações foram coletadas através de pesquisa documental, vivência dentro da controvérsia e entrevistas. O propósito desta atividade era o de investigar o contexto da Maesa com o objetivo de compreender sua controvérsia, seus atores e complexidades envolvidas. Posteriormente o trabalho representou a controvérsia. Na sessão Trajetória da especulação (ii), foi desenvolvido a 1^o ciclo da especulação a partir do contexto da controvérsia. Que posteriormente era apresentada para o grupo focal (grupo focal 1). No tópico (ii.i) o envolvimento da especulação na controvérsia era debatido em conjunto com um grupo de projeto envolvendo o pesquisador e designers. A especulação modificava sua trajetória para ser apresentada para um novo grupo focal (grupo focal 2), repetindo os ciclos até o grupo focal 3.

Segundo Callon (2008):

A implicação importante na rede sociotécnica reside em que se quer saber o que é transportado entre os pontos, conhecer como são e de que maneira ocorrem os deslocamentos, o que está circulando, apreciar o que está em causa, o que está se fabricando como identidade, a natureza do que se desloca, etc. (CALLON 2008, p. 308).

Ao abordar a apresentação da especulação para o grupo focal como um momento de alistamento entre os atores, a perspectiva da TAR auxilia na observação do contexto de rede dos atores e na tradução para novas rotas da especulação. Ao todo, foram realizados três grupos focais com média de X integrantes cada. Nos

grupos focais, as especulações dentro da controvérsia eram apresentadas, sendo que o autor buscou não influenciar a discussão, deixando os integrantes discutirem e trocarem seus pontos de vista. Os grupos focais foram gravados em áudio e vídeo para análise posterior. Para esta etapa, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977), que possibilitou avaliar de forma crítica os materiais gerados a cada grupo focal. O conteúdo analisado foi debatido posteriormente pelo grupo de projeto, no qual eram desenvolvidas novas trajetórias para a especulação.

Este trabalho aborda o Design Especulativo, sob a perspectiva da Teoria-Ator-Rede. Dentro deste contexto, visa explorar a capacidade do design de construir futuros desejáveis e mobilizar aliados em contextos marcados por controvérsias. Porém, em uma situação de controvérsias, qual o papel do design especulativo de poder agenciar os atores para reconhecer novos padrões e mobilizar novas configurações de aliados? Com base nos estudos de (LAW, 1992), (LATOUR, 2000, 2005, 2015), entende-se que o contexto social é movido por um emaranhado de valores sociais e artefatos humanos e não humanos que se relacionam entre si. Também que o design especulativo é um meio de explorar alternativas de conceituação, se o design consegue prever e os envolvidos reconhecerem que há algo errado com a visão, é um modo de rescrever o processo de conceituação aprendendo com os atores, que neste contexto são atores híbridos. Por isto, um documento, protótipo, contrato, ilustração, demonstração de opinião oposta, pode interagir despertar no ambiente de projeto um conceito de democracia na qual a controvérsias passa a ser um palco de criatividade na exploração de novas trajetórias projetuais.

A atividade projetual, se observada pela ótica da especulação, possibilita que os processos visualizados dentro da atividade possa encorajar os participantes a imaginarem novos regramentos. Para (MEYER, 2010, 2011) o processo de design pode influenciar os atores envolvidos por meio do próprio projeto. Além disso, o artefato contém elementos que despertam dados a serem observados e explorados pelo próprio projeto. Em suma, o design especulativo pode despertar agências antes não previstas dentro de um ambiente que possa estar desgastado pelos conflitos inerentes a atividade projetual. Neste sentido torna-se pertinente estudar a atuação do design especulativo como mediador dos atores humanos e não humanos. Se há

como observar agências entre artefatos humanos e não humanos, pode-se reconfigurá-las como um meio de questionar a atuação do projeto em si.

Esta pesquisa é dividida em capítulos, contendo em primeiro a Introdução, que contextualiza e evidencia os problemas desta Dissertação, em seguida a Revisão crítica da literatura, que aborda os tópicos necessários para a compreensão a especulação no design, mediação e controvérsia, tópicos abordados nesta pesquisa. Por conseguinte, as sessões método, resultados e discussão. Ao final, será reservada para as considerações finais e limitações da pesquisa.

2. REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

Nesta etapa do trabalho, apresentaremos os assuntos referentes a esta pesquisa, o (i) Design Especulativo, (ii) Mediação e (iii) Controvérsia.

Iniciaremos o recorte teórico abordando o papel da especulação no design, que será tratada a partir de (MALPASS, 2017), (DUNNE, 2008), (DUNNE; RABY 2013), (AUGER, 2013) construção de artefatos e experiências que desafiam critérios sociais, extrapolam o presente e imaginam realidades futuras, para a seguir entender as características necessárias para a construção de projetos enquadrados nestas temáticas.

O contexto de mediação irá explorar a capacidade em rede entre os atores. O contexto de controvérsia será compreendido pela perspectiva dos estudos da Teoria-Ator-Rede. Nela, as veremos as visões de (LATOUR, 2012), (VENTURINI, 2010) visão dos atores da qual o mundo é um contexto social complexo e sem subdivisão de atores humanos e não humanos, também compreenderemos o papel da controvérsia no alistamento dos atores. Associado ao design, o tópico de mediação e controvérsia veremos a capacidade do design de mediar os processos da atividade projetual no contexto de atores humanos e não humanos.

Posteriormente, será abordado pela Teoria-Ator-Rede o conceito de Mediação. Na qual a relação entre atores humanos e não humanos compreende na capacidade de enxergar um mundo heterogêneo e seus regramentos, sendo que o design é parte desta rede de atores. Por fim, a controvérsia como um olhar do contexto de design e da Teoria-Ator-Rede. Neste capítulo, será explorado o contexto da controvérsia, o campo do conflito e a capacidade do design de envolver-se no contexto da

controvérsia, sendo que sob o olhar da Teoria-Ator-Rede é possível compreender a agência entre os atores e suas novas configurações do contexto sócio-técnico.

2.1 A ESPECULAÇÃO NO DESIGN

Nesta sessão conheceremos o conceito de design especulativo e qual o seu papel na contribuição novos horizontes criativos. Antes disto, como visto na sessão anterior compreende-se que a realidade na qual o design está inserido é complexa devido a diferentes fatores sociais. O desenvolvimento da tecnologia, o crescimento das cidades, o avanço dos objetos conectados as redes, fatores permeiam uma sociedade dinâmica e hiperativa. Portanto, o contexto de mundo no qual o design está inserido permite explorar diferentes fatores sociais.

2.1.1 Design crítico

Antes de compreendermos o conceito de design especulativo, se faz necessário abordarmos primeiro o conceito de design crítico devido as semelhanças entre as duas práticas. O termo design crítico foi abordado por por Anthony Dunne (1997) no qual descreve uma prática que ele e Fiona Raby desenvolveram como bolsistas de pesquisa no início dos anos 90 em Londres no Royal College of Art (RCA) (MALPASS, 2017 p.4). A prática crítica do design cresce busca abordar por meio do projeto de design uma forma de explorar além dos limites do design. Para Malpass (2017) “a prática de design crítica oferece um meio de usar o design do produto como um meio para focar as preocupações centrais da disciplina e além dos limites disciplinares normais” (MALPASS, 2017 p.4). Devido ao escopo de complexidade atual, entende-se que construir novos saberes com o design é um desafio moderno. Os avanços na disciplina constroem ramificações e subdivisões em diferentes focos de atuação. Para o autor, “a prática crítica de design é um entre um número crescente de abordagens que visam apresentar e definir abordagens interrogativas, discursivas e experimentais em práticas de projeto e pesquisa” (MALPASS, 2017 p.4). Além da

prática crítica no design, deve-se fazer a distinção entre prática crítica e teoria crítica. O autor argumenta que a diferença está na crítica como parte da etapa projetual:

O que distingue o design crítico de outras formas de design é a criticidade. Mas qual modelo de criticidade? existe uma relação entre a prática crítica do design e a teoria crítica; no entanto, na prática crítica de projeto, a teoria crítica é discutivelmente aplicada estrategicamente e esporadicamente, usando conceitos para inspiração e explicação, em vez de tentar construir um argumento completo e internamente consistente. (MALPASS, 2017 p.11)

Na explanação de Malpass, visualiza-se a importância do ato de projetar. Pelo ato de criticar se somar ao ato de projetar, a capacidade de reflexão é exigida durante o processo de projeto. A habilidade de construir e imaginar alternativas faz da especulação um modo de pensar o design de forma não tradicional como projeto e sim um modo de utilizar o design para expandir seu conhecimento. O autor Levi (2011) abordando Deleuze na experiência do fora relata que pensar significa criar diferentes estratégias de vida para o mundo em que se vive. A experiência do fora na visão de Deleuze é a própria criação do plano de imanência, conceito que relaciona nosso mundo e não como transcendência metafísica. (LEVY, 2011 p.13) Na relação de imanência proposta por Deleuze e relatada por Levi entende-se que a relação no mundo é pautada pelos significados vinculados e seus próprios sentidos emanados. Na proposta do autor, o uso voltado aos estudos da linguagem pode-se relacionar ao projeto de construção de sentido do design. Sendo que, a prática crítica inerente ao ato de projetar pela especulação. Sendo assim, Malpass (2017) aborda que “como uma prática de design, o design crítico talvez seja melhor compreendido em relação a abordagens de design recentes que expandem métodos, táticas e estratégias de design além da geração de produtos de consumo” (MALPASS, 2017 p.11).

O projeto de design crítico se assume como um projeto de design que vai além da atuação voltada para o mercado comercial. A criticidade no ato de projetar é parte do processo crítico e especulativo. Não é diferente com o campo do design especulativo proposto por Raby e Dunne (2016), conforme os autores "a especulação é baseada na imaginação, a habilidade de literalmente imaginar outros mundos e alternativas" (RABY; DUNNE, 2016). A associação dos autores ao ato de imaginar possibilidades além do real, além de explorar a criatividade característica do design

se vincula a prática crítica que foge dos padrões mercadológicos do projeto de design. A especulação e a proposição são uma tática central na prática crítica do design, sendo mais presente no design especulativo. O design especulativo como parte crítica do design se concentra na convergência sociocientífica e sociotécnica (MALPASS, 2017, p.56.).

Na atividade do design especulativo, o ato de projetar o artefato deixa de ser o foco principal, e o que ganha destaque é a construção de saberes que o artefato pode gerar. Para Malpass:

Prática de design crítico é usada como um meio para envolver o público do usuário e provocar debates. Isso é feito incentivando o público a pensar criticamente sobre os temas engendrados no trabalho de design. Operando desta maneira, o design crítico pode ser descrito como uma prática afetiva, ao invés de explicativa, na medida em que abre linhas de investigação em oposição a provar respostas ou soluções para questões ou projetar problemas. (MALPASS, 2017, p.32)

A visão de um design não comercial que desenvolve o projeto como gerador de ideias de provocação é explorada por (MALPASS, 2017, p.31). A busca por interpretações subjetivas do artefato projetado associado ao projeto crítico especulativo pode ser enquadrado na perspectiva de Kippendorf, na qual o autor descreve como projetar o discurso. (Kippendorf, 2006, p.32). A proposta de kippendorf salienta que o projeto de design projeta artefatos vinculados a intenções de projeto, na qual podem emanar diferentes visualizações. O artefato, por gerar discussões pode ser enquadrado na perspectiva de protótipo, no qual Malpass relata que o objeto é um projeto de protótipo incentiva o espectador a considera-lo em um contexto cotidiano de uso. E faz com que o espectador faça perguntas diferentes sobre o objeto do que se ele fosse tratado como uma obra de arte ou resultado de outra etapa criativa. (MALPASS, 2017, p.32). Na visão de Cardoso (2016) “Toda vez que olhamos para um artefato, associamos a ele uma série de valores e juízos ligados à nossa história, individual e coletiva” (CARDOSO, 2016, p.111). Compreende-se que o artefato interfere no contexto social devido seu processo de construção de sentido e intenções de projeto no design. A abordagem da prática crítica explorada nos estudos de Malpass evidencia que o artefato crítico em si não possui características funcionais, pois é projetado com o objetivo de sensibilizar no argumento crítico que ele carrega. Por conta disto, inúmeros artefatos críticos e especulativos são enquadrados como

objetos artísticos. O autor Dunne, buscou representar as diferenças entre a prática crítica e a prática industrial do design. Em um documento chamado de Manifesto A/B, evidencia a comparação.

Figura 1- Manifesto A/B

[a]	[b]
affirmative	critical
problem-solving	problem-finding
design as process	design as medium
provides answers	asks questions
in the service of industry	in the service of society
for how the world is	for how the could be
science fiction	social fiction
futures	parallel worlds
fictional functions	functional fictions
change the world to suit us	change us to suit the world
narratives of production	narratives of consumption
anti-art	applied art
research for design	research through design
applications	implications
design for production	design for debate
fun	satire
concept design	conceptual
consumer	citizen
user	person
training	education
makes us buy	makes us think
innovation	provocation
ergonomics	rhetoric

Figure 3.2 Dunne & Raby's A/B Manifesto

Fonte: Dunne e Raby (2013)

Fica clara a intenção do autor em revelar as diferenças entre as práticas. Enquanto o design industrial busca construir soluções de problemas e artefatos comerciais, a prática crítica busca criticar, provocar discussão e refletir por meio do projeto. Enquanto a prática industrial busca se adequar a padrões comerciais, a prática crítica desafia a lógica do consumo. O projeto por ser experimental, provoca diferentes modos de enxergar o artefato. Tornando-o um agente de novos saberes. Para Cardoso (2016) “a grande importância do design reside, hoje, precisamente em sua capacidade de construir pontes e forjar relações num mundo cada vez mais

esfacelado pela especialização e fragmentação de saberes” (CARDOSO, 2016, p.234).

2.1.2 Especulação por meio do design

Durante o processo projetual de design, são aplicadas diferentes práticas para a construção de sentido do que está sendo projetado. Dentro da especulação, o autor Malpass acredita que a capacidade reflexiva durante a especulação transcendem a materialidade para voltar a dinâmicas discursivas, críticas e experimentais (MALPASS, 2013). A prática especulativa estimula a quebra de padrões e de entendimento da realidade. Dentro da atividade projetual no design especulativo as crenças e conhecimentos dos envolvidos devem ser colocadas de lado para subverter e descobrir novos paradigmas. Ao projetar o discurso, a prática crítica de design pode ser descrita como uma forma de pensamento crítico entre outras formas de pensamento crítico. (MALPASS, 2017, p.48)

A visão abordada por Malpass sugere um design mais voltado para a desconstrução do método através da atividade projetual e da crítica realizadas através do artefato. Este processo aberto ao novo possibilita a construção de novos espaços de discussão durante o envolvimento com o projeto. Para Dunne e Raby (2013) o design especulativo prospera na imaginação com o intuito de abrir novas perspectivas aos chamados problemas capciosos (*wicked problem*) para criação de espaços de debate, inspiração e encorajamento (DUNNE; RABY, 2013). A especulação no design para os autores é um formato de abertura a novos experimentos. Que muitas vezes pode potencializar as descobertas durante a atividade projetual. "Projetos especulativos podem atuar como um catalisador para redefinir nossa relação coletiva com a realidade" (DUNNE; RABY, 2013). Além disso, a especulação pode ser um meio para enfrentar problemas complexos na contemporaneidade, modificar crenças, atitudes e comportamentos na sociedade. (DUNNE; RABY, 2013).

Para Malpass (2017) deveríamos considerar a linhagem histórica e a trajetória dessas práticas, o design associativo³ veio primeiro, depois o design crítico e, mais

³ O design associativo trabalha subvertendo as expectativas e as interações com o design de produtos comuns e cotidianos. (MALPASS, 2017, p.93.)

recentemente, o design especulativo. (MALPASS, 2017, p.92.) As origens históricas do design especulativo surgiram através de experimentos estéticos e simbólicos com o design. Conforme Fieel e Fiell (2005) no movimento Radical Design entre as décadas de 1960 e 1970, estúdios de design Italianos focados em ambientes, mobiliários e produtos domésticos comandados por Andrea Branzi, Ettore Sottsass e Alessandro Mendini já exploravam os conceitos. (FIELL; FIELL, 2005). A exploração estética e simbólica entre as décadas marcava o início de uma transformação na forma de atuar o design. Através dos projetos que questionavam os padrões da época, a prática especulativa começou a atrair atenção de projetos que explorassem a crítica da realidade. Para o autor Johung (2016) "as propostas críticas e às vezes radicais do design especulativo direcionam o mundo como o conhecemos para uma vida como ela deveria ser" (JOHUNG, 2016). A exploração crítica da realidade comum na prática especulativa e crítica busca questionar o contexto social vivido. Para Malpass "a crítica especulativa se concentra em como os valores sociais, políticos e culturais afetam a pesquisa científica e a inovação tecnológica, e como eles são cada vez mais informados pelas teorias sociológicas dos estudos de ciência e tecnologia (STS)" (MALPASS, 2017, p.59.)

Dentre os autores que abordam esta prática, para Malpass é preocupante que o design especulativo fique somente dentro de ambientes restritos. O autor teme que a prática se torne excessivamente auto-refleiva e introvertida, além de se tornar elitista e restrita a estudiosos. Sendo que seus resultados geralmente são apresentados em amostras de arte e museus (2013, p.334). No entanto, para Dunne (2008) a prática especulativa deve estar fora do ambiente comercial. O autor defende que este tipo de prática só deve existir fora do contexto comercial, pois funciona como uma crítica do mesmo. O design conceitual do design especulativo não é o estágio conceitual do projeto de design, mas um produto para desafiar conceitos e preconceitos. (DUNNE, 2008, p.84). Para criticar os modelos de consumo e uso do design, o autor acredita que questionar sua realidade é uma forma de desafiar o sentido de utilização do design. "O desafio é desfocar os limites entre o real e o fictício, para que o visionário se torne mais real e o real seja visto como apenas uma possibilidade limitada, um produto da ideologia mantido através do design crítico de um excesso de bens de consumo" (DUNNE, 2008, p84). Outro ponto interessante é o engajamento proporcionado pelo design especulativo. Conforme Michael (2012a) "o design especulativo se diferencia do design crítico, pois o engajamento dos públicos que

utilizam os objetos faz parte da própria significação e ressignificação do artefato" (MICHAEL, 2012^a). A partir deste ponto de vista de Michael, pode-se entender que qualquer que seja o artefato dentro da prática especulativa, ele têm um papel fundamental para ressignificar o artefato em si. Deste modo, o próprio design e todos que estiverem envolvidos se ressignificam com a prática especulativa. Para Nold (2015) o autor acredita que "O design crítico e o design especulativo propõe objetos normativos que têm um poder de engajamento em um nível emocional profundo, além de propor futuros alternativos" (NOLD, 2015, p.8).

Design orientado ao projeto da realidade é aprisionado por questões técnicas. O design especulativo rompe barreiras limitantes, possibilitando imaginar um novo contexto de realidade. Não é preciso imaginar um mundo onde questões tecnológicas e suas aplicabilidades são redutoras. Ao especular, há novas regras que orientam o projeto. Um projeto aberto a desbravar o novo. Salienta-se aqui, que a característica de disseminar sem a posse da informação correta é perigosa, contudo, a especulação perderia seu valor se a rebaixassem como uma atividade controlada. Entende-se que a especulação precisa desbravar o novo, mesmo que seu caminho percorra terrenos controversos.

Ao mesmo tempo que é exercida a reflexão e crítica através da atividade projetual, o design especulativo contribui para a construção de rotas para realidades alternativas. Mesmo que algumas delas não saiam do papel, a abertura de ideias durante o debate e a construção de sentido pode contribuir para os rumos do que está em debate através da especulação. Segundo Auger (2013) "o papel do design especulativo é por dois propósitos distintos: Permitir pensar sobre o futuro, e criticar a prática atual" (AUGER, 2013). Do mesmo modo que o design especulativo permite a abertura para questionar e construir realidades, a prática crítica reflexiva que percorre a especulação pode atuar em outros campos do design, como o design social, design participatório e o codesign. Conforme Malpass (2013) "

a prática crítica é encontrada na literatura em campos como o codesign, o design social e o design participatório. Essas últimas, no entanto, se estabeleceram outorgando ao designer o papel de facilitador em processos que buscam enfrentar problemas sociais complexos". (MALPASS, 2013).

Com base nos estudos organizados acima, nota-se que o design especulativo possui potencial de fomentar a problematização de contextos, abrir questionamentos

não permitidos com a prática convencional do design, e também projetar alternativas de projeto para construção de futuros. É também visto que o design especulativo pode questionar as realidades e o *status quo* operante do contexto baseado no uso de narrativas imaginativas. Conforme Dunne (2008) ao invés de focar no objeto, a abordagem permite seduzir o espectador no mundo das ideias. (DUNNE, 2008, p.147). Partindo deste referencial teórico, entende-se que o design especulativo é um meio e não um fim para experimentar e expandir a própria atividade de design. Ele também têm o papel, como o design, de cruzar seu conhecimento com outras atividades. Para Dunne e Raby (2013) "é aí que acreditamos que o design especulativo pode florescer – fornecendo prazer complicado, enriquecendo nossas vidas mentais e ampliando nossas mentes em formas que complementam outras mídias e disciplinas" (DUNNE; RABY, 2013 p.189). Se o exercício de design especulativo conforme visto anteriormente, pode ser uma prática coletiva e de mediação entre os envolvidos, ela pode influenciar os atores nela inseridos. Por outro lado, há situações em que a prática especulativa pode acarretar em uma falta de direcionamento dentro do contexto de projeto, "um grande problema com o conceito de especulação é que pode parecer oferecer qualquer um a chance de pensar o que quer que ele ou ela deseje" (WILKIE; SAVRANSKY e ROSENGARTEN, 2017, p.53). A observação dos autores demonstra o potencial de abertura do design especulativo, em que ele se projeta para expandir concepções. No entanto, ao abordar que a chance de pensar é dada a qualquer um, pode-se entender que há situações que podem ser dificultosas dentro de um ambiente de geração de ideias.

Figura 2 - Especulações tecnológicas em Startrek, Iron Man e Minority Report



Fonte: Marvel Studios, Paramount Pictures. Fox Film. Adaptado pelo autor

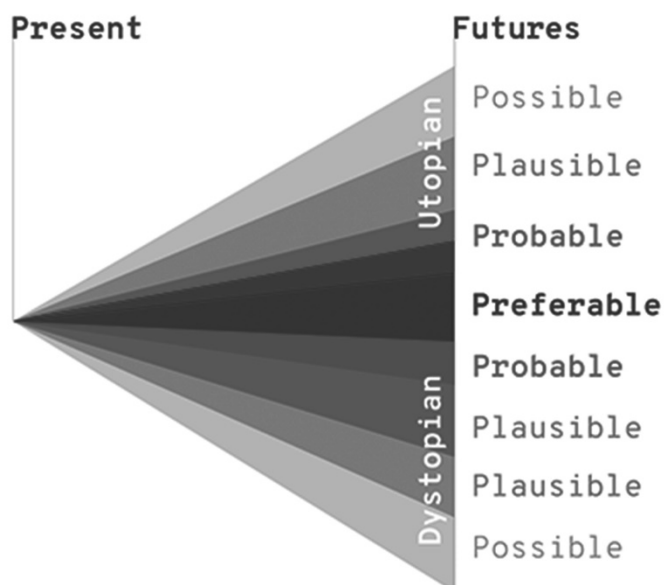
A série clássica de *sci-fi* dos anos 60 Jornada nas Estrelas (*Star Trek*), criava uma realidade na qual seres humanos e extraterrestres conviviam entre si explorando o cosmos. Por ser uma série da década de 60, alguns artefatos e comportamentos ainda representavam a época de origem, por outro lado a criatividade da criação do universo da série foi tão rica, que extrapolou as barreiras de sua época imaginando novas leis sociais e artefatos. O tele transporte, um feixe de luz projetado do chão da nave *Enterprise* ainda é um conceito utilizado em algumas obras de ficção. O motivo da imagem acima é a abordagem relacionada a comunicação. Os tripulantes da espaçonave carregavam consigo um artefato de comunicação que simulava com muita aproximação o telefone celular que viria se tornar realidade na década de 90. Por mais que o artefato não seja a realidade do aparelho celular dos anos 90, uma produção seiscentista especulou uma conduta da sociedade. O mesmo vale para o personagem Tony Stark, o Homem de Ferro. O personagem da editora de quadrinhos Marvel nos cinemas, interpretado pelo ator Robert Dawney Jr é cercado de artefatos tecnológicos, a maioria deles são projeções futuras de produtos do cotidiano. No caso da Marvel, dependendo do segmento de suas histórias, a especulação é controlada. No entanto, Tony Stark usa imaginações de produtos que promovem evoluções na indústria da tecnologia. Já o filme de 2002 do cineasta Steven Spielberg, *Minority Report*, estrelado pelo ator Tom Cruise explora uma realidade da década de 2050 na qual a polícia possui um sistema que prevê crimes. Por mais que a narrativa e a

estética do filme corrobore para a invasão do cotidiano, instrumentos semelhantes usados no filme já estão sendo aplicados em alguns países como experimentos. (ALJAZEERA, 2019). O que possibilita esta experimentação é a hiperconectividade dos artefatos a internet. Os dados compartilhados pelos produtos possibilita cruzamentos antes não possíveis. As narrativas permitem que a imaginação do homem crie mundos variados. Para Levy (2011) “a linguagem da ficção – seu elemento real – coloca o leitor em contato com a irrealidade da obra, com esse mundo imaginário que toda narrativa evoca” (LEVY, 2011, p.20). Relacionando a menção de Levy com o contexto do design especulativo, compreende-se que a especulação no design, do mesmo modo que a especulação ficcional vista nas narrativas das histórias, a criação de novos modos de ver o futuro. Tais narrativas que auxiliam o presente a compreender probabilidades na qual a humanidade transitará. No entanto, nota-se que as características preditivas das narrativas não são o foco da especulação no design. As características críticas permitidas pelo processo buscam gerar discussões, não definindo um caminho a ser seguido. Como na literatura e no cinema, a especulação busca apresentar uma nova realidade. Conforme Levy “a literatura não é uma explicação do mundo, mas a possibilidade de vivenciar o outro do mundo” (LEVY, 2011, p.27). Em vista disso, percebe-se que a realidade ficcional influencia o movimento do mundo nas descobertas de diferentes realidades.

Mesmo entendendo essa crítica dentro da prática especulativa, entende-se que ela é que faz ser rica a prática. Deste modo, o design especulativo é uma forma de expansão, ao mesmo tempo em que é metodologicamente projetada pelo próprio design. Conforme Dunne e Raby (2013):

O que nos interessa, no entanto, é a ideia de futuros possíveis e usá-los como ferramentas para melhor entender o presente e discutir o tipo de pessoas que o futuro quer e, claro, as pessoas não querem. Eles geralmente tomam a forma de cenários, muitas vezes começando com uma pergunta e se? e se destinam a abrir espaços de debate e discussão; portanto, eles são necessariamente provocativos, intencionalmente simplificado e fictício. Sua natureza fictícia exige espectadores suspender sua descrença e permitir que sua imaginação vagueie, momentaneamente esqueça como estão as coisas agora e pense em como as coisas poderiam ser. (DUNNE; RABY, 2013 p.3.)

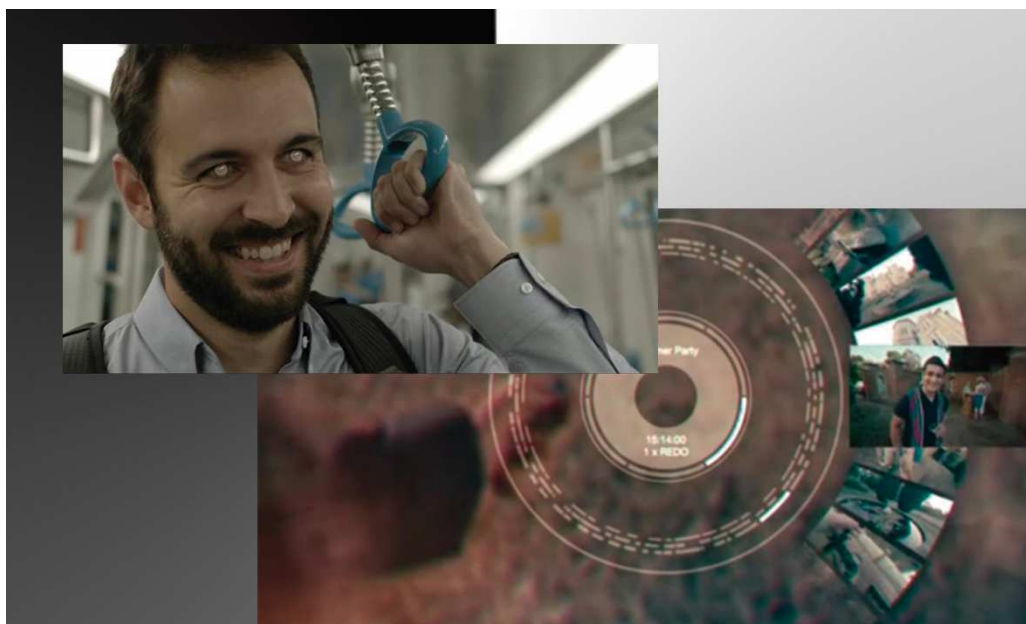
Figura 3- Possibility cone



Fonte: Dunne e Raby (2013)

Com base nos potenciais de expansão e confronto de padrões, o design especulativo revela potenciais de questionar o próprio contexto de design. Entende-se que a abrangência do design especulativo volta-se a diferentes áreas de interesse, desde a produção de artefatos abstratos, experimentos que dialogam com a realidade presente de forma crítica e também futura (DUNNE, 2008) e (DUNNE; RABY, 2013), capacidade de exercer um papel crítico dentro de ambientes coletivos como visto por (MAPLASS, 2013). Em suma, o design especulativo caracteriza-se pela habilidade de criar desconfortos. Ao interagir com produtos fora do convencional, realizar experiências que fazem refletir, o design especulativo possui competências de motivar pessoas a imaginar. Da mesma forma que a literatura, teatro, cinema imagina universos ficcionais, a especulação pode exercer este papel na democracia.

Figura 4- Black Mirror The Entire story of you



Fonte: Netflix. Adaptado pelo autor

A série de ficção *Black Mirror* explora de forma crítica a fusão entre o contexto social e a tecnologia. No episódio demonstrado acima, *The entire story of you*, explora uma realidade na qual a sociedade filma em tempo real seu cotidiano pelos olhos. Na realidade do episódio, é comum compartilhar memórias e momentos sociais com outras pessoas, sendo que tal possibilidade contribui para desdobramentos perigosos. Por explorar a tencionamentos críticos, o episódio é narrado do ponto de vista de um homem com crises de confiança e um casamento em crise. Em dois momentos relevantes da especulação, o personagem compartilha sua entrevista de emprego em uma confraternização. Após fazer tal ação, se inicia um debate social de como o comportamento do personagem deveria ter ocorrido. Em outro momento relevante, o casal, em uma crise matrimonial ainda maior decide iniciar o ato sexual revivendo momentos iniciais do relacionamento. A vida do casal, por já estar instável era vivida consumindo momentos não no presente.

As possibilidades tecnológicas e seus impactos sociais são inúmeros dentro da série, ao especular, cada episódio da série gera inúmeros debates sobre o convívio tecnológico que a sociedade agrega ao seu dia. Uma das qualidades da série é a de tencionar impactos futuros. Sendo que na realidade fora da ficção a tecnologia avança

compreendendo seus possíveis impactos negativos graças a contribuição do programa. O design especulativo funciona de duas maneiras. Primeiro, como uma prática, analisa os avanços em ciência e tecnologia os processa em ambientes domésticos por meio da criação de protótipos. Segundo, como uma forma de prática usada para reimaginar o presente tecnológico. O design especulativo não se preocupa com as tendências dominantes na progressão tecnológica, mas com a variedade de tecnologias possíveis e os caminhos a serem escolhidos (MALPASS, 2017, p.56).

Compreende-se que a preocupação do design especulativo está no argumento associado a prática especulativa. Em suma, um projeto que não busca responder perguntas, mas sim provocar novas discussões. Como visto acima nas abordagens da ficção como *Black Mirror*, a especulação é associada a narrativa da ficção. Criando novos modelos de enxergar o futuro, o mundo, e suas condições sociais. Para Deleuze (1988) a narrativa é o movimento para um ponto, não apenas desconhecido e ignorado, mas algo que parece não existir antes de tal movimento. Sendo que essa espécie de realidade é o espaço onde a narrativa se torna real e atraente (Deleuze, 1988 p.341). Do mesmo modo que as histórias do cinema e da literatura, a narrativa vincula-se como forma de linguagem que traduz o sentido para a realidade que foi desenvolvida. Para Levy (2011):

Na versão literária, por sua vez, a linguagem deixa de ser um instrumento, um meio, e as palavras não são mais apenas entidades vazias se referindo ao mundo exterior. Aqui, nas entidades vazias se referindo ao mundo exterior. Aqui, a linguagem não parte do mundo, mas constitui seu próprio universo, cria sua própria realidade. É justamente em seu literário que a linguagem revela sua essência: o poder de criar, de fundar um mundo. Dessa forma, as palavras passa a ter uma finalidade em si mesmas, perdendo sua função designativa. (LEVY, 2011, p.20)

O uso da linguagem como forma de expressar narrativas, entende-se como construção de sentidos. Ao mesmo de que o design constrói significados durante o projeto, a especulação no design cria significados que são explorados nas imaginações projetadas. Conforme Levy (2011), o que faz a linguagem da ficção, ao contrário da linguagem cotidiana é a possibilidade de experimentação. (LEVY, 2011 p.19).

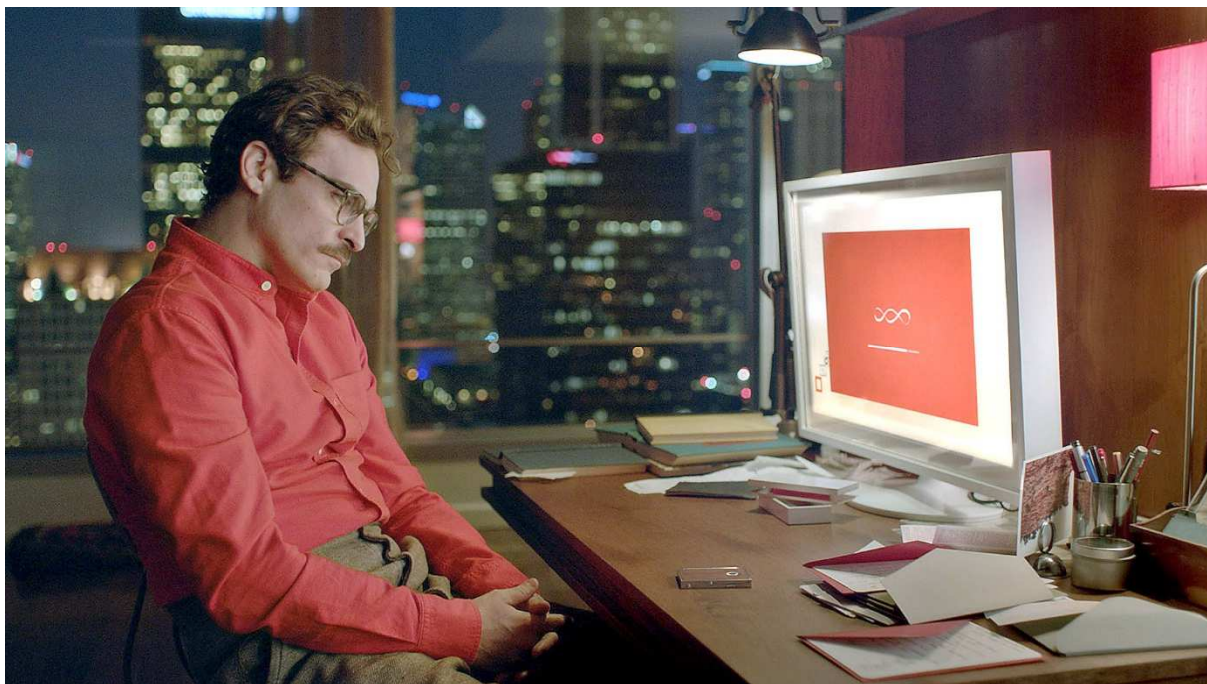
Compreende-se até aqui que o design especulativo é entendido como uma experimentação otimista voltada a imaginação, sendo que ela defende uma compilação de elementos projetuais que configuram um novo significado para a realidade. Contudo, o design especulativo se acomoda dependendo do contexto, se

for em um ambiente projetual ou ferramenta de imaginação, ele abre horizontes de projeto. No entanto, ele também pode exercer um papel de mediação de projetos, motivando compreensões antes não imaginadas no projeto. Entende-se então que o design especulativo é a capacidade de sonhar desprendido das leis da realidade. Imagina-se primeiro para depois analisar de forma crítica o que foi especulado.

2.1.3 Design Fictions: novos mundos e realidades pelas narrativas

Do mesmo modo que o design crítico e design especulativo utilizam a prática crítica para questionar o contexto social, o design ficcional carrega tais elementos para a sua prática, “as ficções de design são importantes porque nos dão a capacidade de ver o mundo não apenas agora, mas também como poderia ser. É uma maneira de materializar ideias e especulações sem as restrições pragmáticas do design comercial de produtos”. (MALPASS, 2017, p.54). A ficção no design, como visto na sessão anterior pela série *Black Mirror*, desafia as expectativas entre realidade e ficção. A ficção no design está intimamente relacionada à prática crítica de projeto. Ela traz abordagens conjuntas do design de produto e ciência e ficção científica. Tais combinações desafiam a realidade, especulando ideias através de protótipos e narrativas (MALPASS, 2017, p.54). Ao confrontar os padrões do presente pela proposta imaginada, a ficção questiona os limites tecnológicos e sociais. A imaginação das narrativas explora pela ficção um tipo de imaginação de novos produtos, sistemas, tecnologias e normativas sociais.

Figura 5 - Her



Fonte:

O sistema operacional, não é limitado a regramentos de *User Experience*, conduta primordialmente adotada a projetos orientados a interfaces com o usuário. O designer imaginou como seria na visão dele e do diretor o sistema operacional. As crenças de projeto eram as visões futuras relacionadas as temáticas de roteiro. O designer comenta em uma entrevista (GISMONDO 2019) que o pintor Mark Rothko ⁴ foi uma inspiração artística aplicada a interface do usuário projetada. O filme, por imaginar uma realidade única que tensionava propostas da interação social com a tecnologia, também repensou aspectos da cidade de Los Angeles CA. Segundo o designer, durante uma exibição do filme em uma das cabines de imprensa pessoas que viviam em Los Angeles ficaram impactadas com a possibilidade de pegar um metrô e desembarcar na praia. A realidade da cidade não possui uma linha de metrô com desembarque beira mar. A capacidade especulativa do filme, além de trazer

4

Nascido Marcus Rothkowitz, em russo em 1903, Mark Rothko foi um artista abstrato americano de meados do século XX. Embora Rothko fosse um homem muito instruído e acadêmico que falava quatro línguas, suas habilidades artísticas eram em grande parte inatas, já que ele não tinha quase nenhum treinamento em pintura ou desenho. O estilo de assinatura das pinturas de Mark Rothko foi denominado como a técnica da pintura Color Field, da qual ele era o membro mais proeminente. Negrito blocos de cor foram dadas bordas destaque e juntos compõem estas grandes composições abstratas que permanecem particularmente famosas até hoje. (MARKROTHKO, 2019)

diferentes visões sobre a interatividade com tecnologias também contribuiu para um sonho de mobilidade local.

Do mesmo modo que a tecnologia seja uma das lentes exploradas na especulação, compreende-se que ela não é o foco principal de projetos especulativos. Dunne e Raby (2013) ao relacionar o design com a ficção e literatura, relatam que por serem designers e não escritores, o design busca construir coisas que criam níveis semelhantes de reflexão e prazer, porém usando a linguagem do design. Ainda, exploram a capacidade do design especulativo de buscar a interação com o espectador. Na colocação dos autores “o que acontece quando as especulações se movem atrás do tela ou a partir das páginas de um livro para coexistir no mesmo espaço que o visualizador? (DUNNE; RABY, 2013 p.86) entende-se aqui como o contato de uma pessoa com a especulação.

Dentro do contexto da prática especulativa, existem valores nos quais são carregados dentro do processo de construção da especulação, tais valores são identificados no processo imersivo da imaginação. O fator decisivo na ficção de design é a capacidade de ver o mundo não como ele é, porém, como ele poderia ser. A ficção de design é utilizada para desenvolver novas realidades, sendo que ela enfatiza o real e o ficcional, o evidente, o possível, o inesperado e o inimaginável. (MALPASS, 2017 p.55) Conforme os estudos do autor, o design especulativo é aquele que explora um novo modo de realidade, não se atendo a leis oriundas da realidade observada. Para isso, o processo de especulação necessita criar novos terrenos e regras. O novo aqui é o que fará a especulação ser valiosa. Sua fuga de alicerces do presente é que fazem o ato especulativo criar um ambiente de debate. Para Dunne e Raby (2013)

Esta é a principal diferença entre adereços de filmes e objetos fictícios de especulações de design. Os objetos usados em especulações de projeto podem se estender além de uma função de suporte cinematográfico e romper com linguagens visuais clichês que os designers de suporte são frequentemente obrigados a usar. Sim, faz a leitura do objetos mais difíceis, mas este processo de interação mental é importante para encorajar o espectador a se engajar ativamente com o projeto, em vez de consumindo passivamente. Isso separa as especulações de projeto do design para cinema. (DUNNE; RABY, 2013, p.90)

Assim como o ato de especular. Ao mesmo tempo, o design especulativo busca o debate através da prática crítica pelo projeto. No entanto, o ato de especular no design pode ser visto como a busca por um futuro preferível. Para Reeves et al. (2016)

pode-se tentar trazer o futuro para o presente agindo de maneiras criando grandes visões de futuro, deste modo, dirigindo as ações do presente na busca de realizar, prevendo o futuro intentando-o. (REEVES et al., 2016).

Alejandro Aravena, arquiteto chileno premiado por seus projetos inovadores e participativos comenta em uma palestra realizada no TED em 2014 a dificuldade de lidar com a complexidade das cidades. Na palestra o Aravena fala relata o processo de negociação de uma visão futura para o Chile. O país estava tentando projetar algo que reduzisse o risco de tsunamis. Foram abordados cenários futuros, cada um com sua complexidade e impacto.

Figura 6 - Projeto para contenção de Tsunamis no Chile



Fonte: Alejandro Aravena TED (2014)

Na palestra, os cenários auxiliaram na construção participativa da opinião pública sobre o contexto em jogo. A equipe de projeto após ter localizado o rumo mais assertivo democraticamente, conseguiu localizar fundos para a execução do cenário escolhido. A gestão pública foi um dos atores envolvidos, não o mediador do processo. Cabe aqui, ressaltar a complexidade do design em campos políticos sociais, devido ao entrelaçamento complexo de atividades inseridas para tal situação. O problema para os designers é conceber e planejar o que ainda não existe, e isso ocorre no contexto da indeterminação dos *wicked problems* (BUCHANAN, 1992). Ao enquadrar as dificuldades de operação dentro do contexto com a visão de *Wicked Problems*, percebe-se que a característica abordada pelo autor, sugere que o design consiga problematizar o real problema de design. Do mesmo modo, vale para o contexto desta

pesquisa, a especulação de design necessita localizar as tensões dentro do contexto de controvérsia, sendo que a visão de *Wicked problems* corrobora para o contexto complexo do tecido social. A reflexão crítica exige um novo olhar dos atores envolvidos. Para isso, será explorado a seguir a Teoria-Ator-Rede.

2.1.4 Critérios da Especulação

Após a revisão da literatura, compreende-se o papel da especulação como forma de provocar a reflexão por meio do projeto. A prática crítica, inerente a prática especulativa do design abre oportunidades de imaginar novos caminhos de projeto. Na tabela abaixo, consta as critérios selecionadas para o projeto da especulação desta pesquisa.

Tabela 1 - Critérios gerais da especulação

Critérios da especulação	Argumentos dos autores
Especular o futuro	Permitir pensar sobre o futuro e criticar a prática atual. (AUGER, 2013).
Engajar o público	Disseminar e engajar o público, utilizando canais variados. (DUNNE; RABY, 2013, p.139).
Ficcional e imaginativo	Utilizar a ficção de design como um espaço onde especulação, ficção, e o design imaginário colidem e se fundem. (DUNNE; RABY, 2013 p.100)
Refletir novas realidades e suas leis	Especular e apresentar questões abstratas como fictício produtos; Explorar questões éticas e sociais dentro do contexto de vida cotidiana. Abrir espaço para discussão para que as pessoas possam formar suas próprias opiniões sobre que tipo de futuro elas desejam. (DUNNE; RABY, 2013, p.51)

Desafiar a complexidade pelo artefato crítico especulativo	Utilizar a especulação como facilitador no enfrentamento de problemas sociais complexos. (MALPASS, 2013).
---	---

Fonte: Organizado pelo autor

A abordagem do design especulativo que será desenvolvida, no entanto, será abordada no contexto da controvérsia explorada nesta pesquisa. A seguir será abordado o contexto de Mediação e Controvérsia sobre a perspectiva da Teoria-Ator-Rede. A especulação que será desenvolvida nesta pesquisa, utilizará os insumos da TAR como contexto de desenvolvimento.

2.2 O CONCEITO DE MEDIAÇÃO

No capítulo anterior observou-se que o design especulativo possibilita a quebra de paradigmas através da crítica e reflexão sobre a realidade pela atividade projetual e construção de artefatos especulativos. Em vista deste campo de abertura para o design, será explorado o papel da Teoria-Ator-Rede estudada por Latour. A teoria Ator-Rede ANT ou *Actor Network Theory*, conforme Law (1992) é também conhecida como sociologia da tradução. "trata da *mecânica do poder*. Ela sugere que deveríamos analisar os poderosos exatamente da mesma forma que quaisquer outros" (LAW, 1992). A elaboração da teoria parte da união de três autores, Bruno Latour, Michael Callon e John Law (TONELLI, 2016). Dentro das configurações da Teoria Ator-Rede, os processos de organização dizem respeito aos variados aspectos de interesse como, tecnologias, mudanças organizacionais, rotinas mecanismos de gestão e etc. Segundo De Domenico (2014) "Um dos conceitos centrais da ANT é a 'translação de interesses', além de defender a relevância do olhar por meio de controvérsias para 'descrever' a dinâmica social" (PINTO; DE DOMENICO, 2014). Para o autor, olhar por meio de controvérsias é uma forma de se aprofundar no social, sendo que existirá a possibilidade de remanejar o social pela interação entre os autores. Latour (2001) aborda o conceito de translação como "todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável à ocorrência de qualquer ação [...] as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores

modificam (2001, p. 356). Na visão do autor, a interação entre os atores possibilitam novas interpretações, leituras do social. Sendo que surge uma nova tradução de suas atividades no contexto. Os atores se moldam, se separam, se unem entre si formando novas redes, por mais contraditórias que essas redes se pareçam.

Dentro do ponto de vista abordado pelo design especulativo, conforme foi visto, a especulação é caminho para despertar o confronto do status quo para visões projetuais. Exercendo a atividade crítica-reflexiva, o design especulativo faz com que os envolvidos na atividade projetual, ou em contato com o artefato de especulação, se permitam a debater suas opiniões alimentando a abertura de novos horizontes. Para este estudo, o campo do conhecimento dos atores envolvidos no ambiente de especulação é pautado pela Teoria Ator-Rede. Se a rede que o design especulativo será ativada é um campo híbrido formado por atores humanos e não humanos, o papel do design, neste contexto, o design especulativo é identificar e entender a rede de atores para poder mediar um diálogo no ambiente de controvérsias. Para Meyer (2011), há um formatação "de um design centrado no composto formado por humanos e não-humanos" (MEYER, 2011). Dentro desta perspectiva, o design manipula estes atores para exercer descobertas pela atividade projetual. Esta fusão faz com que o humano e o não humano interajam sem hierarquias de poder. Para o autor este ambiente é denominado de Design-Rede. Neste contexto "O papel do designer é o de observar as exigências do artefato de maneira a entender quais são as formas mais apropriadas para o desempenho de suas funções" (MEYER, 2011). Dentro desta perspectiva, o Design-Rede serve para não centralizar a atividade exclusivamente na técnica ou no humano. Ao mesclar os atores se constrói um palco para inúmeras possibilidades de aprendizado. Segundo o autor "Design-Rede: comporta um processo de design que somente efetiva-se pela solidez das mediações promovidas em sua rede" (MEYER, 2011). Deste modo, a mediação da rede de atores é uma forma de interagir no ambiente para aprender com o contexto e também poder influenciá-lo.

Em um ambiente de mediação, pode haver diferentes campos de atuação do design. Um dos pontos a serem explorados neste estudo é o conflito de interesses. Opiniões divergentes dificultam os rumos projetuais, o projeto pode ser prejudicado pela falta de visão do todo, e também pela necessidade de guerrear pela opinião vencedora. Este processo pode desgastar a atividade em desenvolvimento. Cross (2011) menciona o estudo de Bucciarelli e propõe que o design é "um processo social

de interação e negociação entre diferentes participantes onde cada um busca defender seu próprio objetivo”. (CROSS, 2011, p. 20, tradução nossa). Seguindo o posicionamento de Cross, o processo de interação entre atores denominado por ele de processo social, é um ambiente de negociação para defesa de opiniões. O conflito que ocorre em algum momento da atividade projetual faz com que exista um diálogo expositivo de opiniões que são divertidas, no entanto, este espaço não exerce uma função de mediação de conflitos, mas sim de decisão pela opinião mais forte, mais influente. Palmas e Von Busch (2015) abordam que ao tentar gerenciar um cenário ou proposta de forma harmônica, os projetistas podem desarmar os participantes e reduzir suas aspirações, de modo que se encaixem nos formatos do processo de design (PALMÁS; VON BUSCH, 2015). Dentro desta visão, o designer necessita mediar a situação para fazer o processo seguir a diante. Este tipo de ocorrência é comum em ambientes criativos. Os autores Cooke e Kothari (2001) refletem ao entender se os facilitadores se sobrepõem as tomadas de decisões, se conduzem ou reforçam os interesses dos poderosos, ou dar vantagens para participantes. (Cooke e Kothari 2001, 7f). A condução do projeto de design quando há uma diversidade de conhecimentos, é necessário reforçar o papel daquela mobilização, sendo que o propósito seria a de esclarecer visões coletivas, não conduzir para rumos paltados apenas pelo ego ou jogos de poder. Para Deserti (2007) “O designer deve então confrontar-se com um sistema complexo de exigências e de vínculos, frequentemente contraditórios entre si, respeito aos quais ele deve operar como mediador.” Deserti (2007, p. 61). A mediação em que o designer se insere dentro desta perspectiva é espaço de conflito e controvérsia gerado pela atividade projetual. Além disso, a interação com o artefato dentro do design pode revelar conflitos como visto no capítulo sobre design especulativo.

Há a possibilidade de a controvérsia existir antes mesmo da atividade projetual ser iniciada, sendo que ela pode existir de uma necessidade local não atendida, algum grupo de pessoas criticando algo, expectativas não cumpridas, entre outros possibilitadores de embates. Para Cross (2011) a interação com diferentes envolvidos no processo de design possibilita diferentes interpretações e compreensões do problema. No entanto é uma parte inevitável do trabalho. (CROSS, 2011, p.87). Dentro da atividade projetual, até a possibilidade de não seguir em frente com algum conceito pode desertar um conflito. Tendo em vista este espaço conflitante, os atores necessitam ser enquadrados e catalogados para que o design possa conhecer o

terreno a ser explorado e assim poder mediar o embate. Na visão de Manzini, o processo de design "é uma conversa social em que todos podem trazer ideias e agir, mesmo que essas ideias e ações possam, às vezes gerar problemas e tensões (MANZINI, 2016, Tradução nossa). Dentro da perspectiva do autor, a colaboração durante o processo de design gera uma troca de informações que alimenta os rumos projetuais. Além disso, salienta que o papel dos atores (pessoas) envolvidos devem exercer a escuta. Na visão de Manzini o diálogo do silêncio também faz parte do processo.

Dentro desta visão, nota-se que amenizar o calor do conflito de ideias é também uma forma respeitosa de focar no desafio de design em jogo. Para Scaletsky, Ruecker e Meyer (2015) "as conversas construídas durante sua construção. Pôde-se observar, que os sujeitos estavam, por um lado, discutindo e dialogando entre si; por outro, conversando com o próprio problema de projeto" (SCALETSKY; RUECKER; MEYER, 2015). Neste sentido, ao reforçar o problema de projeto, os atores entendem seus papéis como fornecedores e coletores de conhecimento, contribuindo para a problematização do que está em pauta no projeto. Por outro lado, a mediação do design não cabe somente a gestão de conflitos pessoais e ideológicos. Para Meyer (2010) dentro da atividade projetual há um ambiente de negociação. Sendo que os agentes humanos e materiais se relacionam. (MEYER, 2010). Dentro desta atividade embaralhada e em rede, o designer deve mediar e ativar os atores necessários para os avanços descobertos com o processo. Para o autor, o maior interesse está na mobilização de aliados que venham a se relacionar em torno do artefato. A operação envolve convencimento, negociação e disputa de interesses (MEYER, 2011). A operação, segundo o autor é uma mescla que envolve atores humanos e não humanos. Exemplificando este contexto, documentos, contratos, apresentações, modelos volumétricos, esquemas visuais e objetos podem mediar diálogos. Na visão de Meyer (2011):

Quando o usuário está em contato com o artefato, quando o utiliza, dissolvem-se as informações sobre as necessidades e objetivos do usuário bem como as referentes às funções deste artefato. O que existe, neste composto formado por usuário artefato, são novas informações que não provêm de um ou de outro, mas do conjunto que formam e da mediação que promovem. (MEYER, 2011)

A perspectiva de Meyer é uma associação com as visões da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour. No entanto, a visão da interação dos artefatos e artefatos híbridos vista no capítulo anterior se restringe aos estudos sociotécnicos da Teoria Ator-Rede. Na visão de outros autores, há outros elementos durante o processo de design. Para Cross(2011), o trabalho em equipe é um processo social e, em vista disso, interações, papéis e relacionamentos não podem ser ignorados durante a atividade de design em equipes. (CROSS, 2011, p.105). A visão do processo de design ser social, é semelhante a proposta por Manzini (2016), além disso, Cross sugere que a dentro do processo de design a divergência de opiniões pode proporcionar uma reformulação dentro das negociações processuais. "A ambiguidade é essencial ao processo de design, permitindo aos participantes a liberdade dentro dos mundos dos objetos e proporcionando espaço para a reformulação de significado nas negociações com os outros " (CROSS, 2011, p.22 Tradução nossa). Com base nos argumentos dos autores, nota-se que o design é um processo social e colaborativo, e que o conflito de ideias fomenta a evolução do processo. No entanto, limitar o processo de mediação do design somente ao designer pode limitar o processo de aprendizado do contexto e da própria atividade projetual.

Para Latour (2014) negligenciar as descobertas da relação dos fatos é uma forma de não aprender com o social. Segundo o autor, cada ator contribui com uma agência. A agência é o fator que revela novos saberes e dados para os atores envolvidos. Latour aprofunda ainda mais sua visão ao sugerir que a "narração de histórias não é apenas uma propriedade da linguagem humana, mas uma das muitas consequências de ser jogado em um mundo que é, por si só, totalmente articulado e ativo" (LATOURE, 2014 Tradução Nossa). Dentro desta perspectiva, a análise do social envolve também a interação com atores que produzem agência. Esta conectividade de ações gera dados relevantes para a construção do que está sendo projetado. Para este trabalho, o que será especulado. A agência dos atores molda também a atividade de mediação, pois pode-se aprender com a interação dos artefatos híbridos e também despertar novas agências mediando o contexto. Com base nos estudos de Latour, o social pode ser reagregado através do intermédio do design. Para o autor, demonstra-se relevante por se enquadrar em uma realidade na qual não se deve entender somente o papel da agência humana na construção de fatos, mas a própria existência dos fatos necessários a se documentar (Latour, 2014). Observa-se também a abertura para o conflito. O embate se faz importante para o andamento da atividade, e também

para despertar novos atores, conseqüentemente florescer novas agências para serem observadas e exploradas. Conforme o autor, deve-se cavar um pouco mais fundo e detectar como diferentes tipos de entidades se mobilizam para trocar suas agências. Conforme Latour, o processo Trait⁵ permite catalogar a zona de negociação entre os atores.

Com as visões de (MEYER, 2011, 2010) e (CROSS, 2011), entende-se que a interação social faz parte da atividade de design, no entanto, os estudos de (LATOURE, 2000, 2014), (TONELLI, 2016) e (MEYER, 2011,2010), exploram que há possibilidades em expandir a leitura de contextos através da manipulação de artefatos não humanos e humanos. Dentro destas perspectivas, a mediação dentro do processo de design é um formato de integração social que exercita a empatia (Cross, 2011), mas também uma forma de despertar a Rede e criar novas agências. Para Latour (2014):

Esta "zona metamórfica" onde podemos detectar actantes antes de se tornarem atores; onde "metáforas" precedem os dois conjuntos de conotações que serão conectadas; onde "metamorfose" é tomado como um fenômeno que é antecedente de todas as formas (LATOURE, 2014)

Em suma, a mediação dos artefatos híbridos em um projeto de design pode revelar direcionamentos de projeto. Para tal, é necessária uma abertura para espaços de negociação que envolvem interações com artefatos humanos e não humanos, além de construir um terreno fértil para expandir e não contrair a atividade projetual. As hierarquias de poder devem ser colocadas de lado, passando a existir um território neutro que possibilita novos atores despertarem suas agências. O designer deixa de ser apenas um condutor de processos, para também interpretar os dados gerados pelo fenômeno social em que estão envolvidos. Este processo abre portas de futuro. Latour explora este potencial abordando-a como as ocasiões das agências:

A matéria é produzida deixando o tempo fluir do passado para o presente através de uma estranha definição de causalidade; a materialidade é produzida deixando passar o tempo do futuro para o presente, com uma definição realista das muitas ocasiões através das quais as agências estão sendo descobertas. (LATOURE, 2014).

⁵ Latour, utiliza a palavra Trait, como formato técnico da geopolítica, ciência e arquitetura para designar a zona de negociação entre objetos anteriores e assuntos anteriores. (LATOURE, 2014).

Se o ambiente de negociação e mediação deve explorar os atores híbridos, o design especulativo é um meio de promover os conflitos e provocar embates e despertar controvérsias. O design- Rede de (MEYER, 2010) passa a operar atores através do design especulativo para gerar novas agências e gerar possibilidades antes impossíveis de serem enxergadas. A mediação neste ambiente de Rede de atores permeia conflitos, sonhos na construção de novas realidades. Com base neste estudo, mediar e anfitriar, além de gerir o processo e fazê-lo avançar, é uma forma de revelar agentes capazes de contribuir com o significado em construção.

2.3 CONTROVÉRSIA NA PERSPECITVA TAR

A controvérsia é uma das bases da Teoria-Ator-Rede, com ela existe a possibilidade de relação e embate entre os atores. Segundo Venturini (2010):

controvérsias começam quando atores descobrem que não podem ignorar uns aos outros e as controvérsias terminam quando atores conseguem ter um sólido compromisso de viver juntos. Qualquer coisa entre esses dois extremos [...] pode ser chamado uma controvérsia (VENTURINI, 2010a, p. 6, tradução livre).

A controvérsia dentro dos estudos da Teoria-Ator-Rede abre espaço para reflexões entre os atores envolvidos na rede. Porém para observar as controvérsias é necessário entender a rede em movimento. As atividades de uma rede não dependem somente de atores humanos, mas sim de uma mescla de atores humanos e não humanos. Para Tonelli (2016) "Uma vez que a ação e os atores⁶ não são apenas humanos, mas simultaneamente não humanos, permanecem abertas as possibilidades de identidades e de configurações." (TONELLI, 2016). Os estudos de Latour abordam que a rede é feita por atores híbridos, os atores nela inseridos são

⁶Law (1992) esclarece que a ANT não desconsidera as características de um ser humano (corpo e vida interior). Apenas pondera que aspectos atribuídos exclusivamente aos seres humanos seriam constituídos em redes de humanos e não-humanos: "...todos os atributos que nós normalmente imputamos aos seres humanos são gerados em redes que perpassam e ramificam ambos, dentro e além do corpo. Por esse razão, no termo ator-rede um ator é também, sempre, uma rede" (LAW, 1992, p. 4, tradução livre).

humanos e não humanos. Os componentes dessas redes heterogêneas possuem interesses, e na visão de Latour, necessitam estar acomodados em acordo para serem reagregados em um processo de sociologia da tradução. Ao mesmo tempo que a controvérsia é palco dos estudos da Teoria Ator-Rede, o entendimento da translação ou sociologia da tradução necessita estar entendido. Se o social é formado por atores humanos e não humanos, pode-se entender o que há entre eles e modelá-los. Além do processo de aprendizado do social, a sociologia da tradução revela as controvérsias existentes na rede. Venturini (2010) define controvérsia como:

(a) são debatidas; (b) envolvem todo tipo de ator; (c) mostram o social em sua forma mais dinâmica; (d) são resistentes à redução da complexidade; (e) envolvem distribuições de poder. (VENTURINI, 2010^a)

As controvérsias permitem ampliar as visões do contexto. Dentro de uma atividade de Design Especulativo, elas servem como motor de imaginação de diferentes visões.

Tabela 2 Características da controvérsia

Características da controvérsia	Descrição
As controvérsias envolvem todo tipo de atores	Não envolve apenas seres humanos e grupos humanos, mas também elementos naturais e biológicos, produtos industriais e artísticos, institucionais e instituições econômicas, artefatos científicos e técnicos e assim por diante.
Controvérsias exibem o social em sua forma mais dinâmica.	Não só novos e alianças surpreendentes emergem entre as mais diversas entidades, mas unidades sociais que parecia indissolúvel de repente quebrar em uma pluralidade de peças conflitantes.
Controvérsias são resistentes à redução.	As disputas são, por definição, situações em que velhas simplificações são rejeitadas e novas simplificações ainda devem ser aceitas ou impostas.
Controvérsias são debatidas	Controvérsias surgem quando as coisas que foram tomadas para concedido começar a ser questionado e discutido. É por isso que as brigas são tão interessantes para ciências sociais, porque abrem caixas pretas, coisas e ideias que, de outra forma, ser tomado como certo
Controvérsias são conflitos	Embora algumas controvérsias nunca alcancem intensidade das lutas abertas ²³ , a construção de um universo compartilhado é muitas vezes o choque de mundos conflitantes.

Porém localizá-las e identificá-las não contribuem para um processo de reagregação. Elas precisam ser reordenadas. Conforme Latour (2012) "a tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolve-las" (Latour, 2012, p.44). Deste modo a própria rede fará suas interligações.

2.3.1 Sociedade em uma rede heterogênea

Dentro dos estudos da TAR, a sociedade é formada por uma rede heterogênea. Nesta perspectiva, os atores são híbridos entre humanos e não humanos, não há separação entre humano, natural e tecnológico. O social é uma fusão entre essas perspectivas. Sendo que elas interagem entre si sem hierarquias de poder. Conforme Tonelli (2016) "Por meio dos processos de translação é possível criar entidades reais da disjunção caótica de elementos, gerando conjunção por meio de conexões improváveis" (TONELLI, 2016). Ao observar o social, é necessária a separação dos atores. A construção destes atores também necessitam da ação destes atores na rede. Latour (2005) define o termo agência como a ação que mede a interferência entre os atores. Segundo o autor, só pode ser considerado autor quem exerce ação nas relações do social. Para Tonelli (2016) "Não pode existir ator sem que haja rede. O ator só é ator porque ele adquire forma, significado e identidade na rede" (TONELLI, 2016). Segundo a afirmação acima, entende-se que para a existência de uma rede é necessária a contrapartida do ator. Em vista disso, ao observar um ambiente de design especulativo, onde surgem diferentes interpretações, dados, artefatos que buscam moldar a realidade, todo tipo de conectividade existente neste contexto pode ser considerado um ator.

Na perspectiva da Teoria Ator-Rede, há aplicação de estudos científicos com base nas ferramentas e experimentos de laboratório podem ser levados para ambientes mais complexos no qual exijam a observação de fenômenos sociais e atividades não medidas pela ciência tradicional. Conforme De Domenico (2014) "o

pesquisador na construção dos dados em campo deve atuar de forma similar à dos antropólogos, 'seguindo os atores' e considerando tudo como dado" (PINTO; DE DOMENICO, 2014). Na visão de Meyer (2011), a teoria se demonstra radical pela rede ser afetada pelos diversos atores, "é radical uma vez que diz que estas redes são afetadas tanto por agentes humanos (designers, técnicos, usuários, clientes) como por agentes não-humanos (tecnologia, prazos, negociações, normas)" (MEYER, 2011). Entretanto, fosse limitada ao ponto de vista de não horizontalizar a exploração entre os atores, poderia contribuir para uma falsa organização. Para Latour (2001) o "coletivo é mais amplo do que sociedade, pois enfatiza as associações entre humanos e não humanos: "um intercâmbio de propriedades humanas e não humanas no seio de uma corporação" (LATOURE, 2001, p. 222).

A Teoria Ator-Rede para se manter relevante, ela necessita explorar o não explorado, para (TONELLI, 2016), seguir causando controvérsias na ciência. Ao explorar este potencial e desassociar hierarquias de poder entre atores humanos e não humanos a Teoria Ator-Rede contribui para reagregar o social. Para Law (1999):

Segundo Law (1999), "ator-rede" apresenta um oxímoro semiótico proposital que pretende combinar e eliminar a distinção entre agência e estrutura. A realidade não se explica apenas por meio de uma combinação de elementos vindos das esferas subjetiva e objetiva. Os elementos que produzem a realidade trazem consigo ambas as esferas de modo inseparável. Qualquer ator-rede não poderia ser compreendido se fosse possível tão só dissociar dele o subjetivo ou o objetivo. (TONELLI, 2016).

Conforme as visões de (TONELLI, 2016), ao expandir o sentido atribuído das estruturas do social pode-se descobrir uma agências inesperadas, "a simetria humano-não humano favorece uma concepção distintiva de realidade. Nisso há outra ruptura importante produzida pela TAR, dessa vez com a abordagem da construção social da realidade" (TONELLI, 2016). O que faz da teoria um campo de farta exploração é sua característica de hierarquias iguais. Para Tonelli (2016):

Uma preocupação fundamental da TAR é ir além dos significados dados, dos pressupostos semânticos da linguagem teórica tradicional. Para lidar com tais dilemas seria necessário um novo acordo semântico. Um novo sistema linguístico permitiria atribuições de sentido menos influenciadas pela tradição sociológica, o que ocupou um espaço importante na discussão entre os estudiosos (TONELLI, 2016).

Dentro da Teoria Ator-Rede, o social deve ser analisado em sua totalidade. Se o contexto é formado pela sua característica híbrida, nada pode passar despercebido de análise. Para Latour (2000) “as entidades reais são híbridas. É impossível reduzir ao social o processo de construção da realidade. Que ocorre simultânea e indissociavelmente com base em elementos humanos e não humanos, discursivos e materiais” (LATOURE, 2000). A realidade híbrida proposta por Latour constrói um cenário aonde todo tipo de ator pode construir conexão e contribuir para o funcionamento da rede. Peci e Alcadipani (2006) abordam que “no cotidiano, humanos e não humanos nunca estão dissociados. Eles formam, em conjunto, redes que constituem aquilo que chamamos de real” (PECI e ALCADIPANI, 2006, p. 148). Dentro do processo de reagregação social os atores da rede ao conectarem entre si despertam modificações que implicam na rede. Ao realizar esta ação, moldam o agenciamento da rede permitindo novas leituras do social. Conforme Latour (2001):

[...] todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável à ocorrência de qualquer ação. Em lugar de uma rígida oposição entre contexto e conteúdo, as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses. (Latour, 2001, p.356).

Os interesses da rede permitem fazer ela própria se moldar aos novos contextos. No entanto, este movimento da própria rede não existiria se os atores não exercessem sua agência.

2.3.2 A agência como exploração de horizontes

Ao analisar os atores humanos e não humanos, deve-se entender que há algo não revelado. Este é o papel da agência. Para Latour (2005) "o aspecto distintivo dessa abordagem é a questão da consideração da agência não só dos humanos, como já ocorre na Sociologia do Social, mas também dos não-humanos " (LATOURE, 2005). Seja máquina, contrato, colaborador entre outros. O agenciamento da rede permite com que se possa expandir o social para causas antes não documentadas. Um exemplo a ser dado pode ser um equipamento de projeção falhar durante uma apresentação. A falha do projetor não constava na rede, porem ao surgir, pode revelar causas na rede, como ansiedade dos envolvidos, curiosidade sobre o tema que seria explorado, criticar a estrutura do local caso não existisse outro local de apresentação,

até mesmo conspirar conflitos entre realizador e convidados. Essas e entre muitas outras interações são abordadas na TAR como agência. Segundo Law (1992) "agentes sociais não estão nunca localizados em corpos e somente em corpos, mas que ao contrário, um ator é uma rede de certos padrões de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por uma tal rede" (Law, 1992). A agência contribui para a observação dos fenômenos. Sem ela não existe conectividade dos atores, "sem agência, o ator não faz diferença, se não faz diferença não é um ator e deve ser abandonado". (LATOURE, 2006, p. 349). Deste modo, segundo Latour, para o funcionamento da rede, ela depende do seu potencial de agenciamento. Pinto e De Domenico (2014) abordam o que Latour (2005) considera o potencial de vida própria do ator:

objetos e quase objetos não são considerados simplesmente como algo produzido por humanos, mas adquirem 'vida' própria. Podem, na Sociologia das Translações, ser muito mais do que elementos de bastidores, a ponto de "autorizar, permitir, produzir, encorajar, consentir, sugerir, influenciar, bloquear, retribuir e proibir" (LATOURE, 2005, p. 72 Apud PINTO; DE DOMENICO, 2014).

O agenciamento dentro desta perspectiva passa a ser um dos pilares da teoria. Com base no orquestramento dos atores, entende-se que a capacidade de se abrir para os possíveis agenciamentos é parte do aprendizado com a rede. Para Law (1992) a Teoria Ator-Rede "diz que se nós quisermos responder às questões "como" sobre estrutura, poder e organização, deveremos explorar efeitos sociais, qualquer que seja sua forma material" (LAW, 1992). A utilização da Teoria Ator-Rede se faz presente neste contexto de pesquisa com base nas oportunidades para releitura do social. Ao cruzar conhecimentos do design especulativo, espera-se aprofundar sua aplicação através da característica das controvérsias, relação híbrida entre atores humanos e não humanos e explorar o potencial de agenciamento da rede. Para Latour (2012) a "rede é o conceito não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo. Não algo que esteja sendo descrito (LATOURE, 2012, p.192 Tradução nossa). Em suma, ao cruzar perspectivas do design especulativo e a TAR, espera-se aprofundar o próprio design. Segundo Tonelli (2016) o uso da TAR "permite conciliar diferentes disciplinas, como sociologia e filosofia da ciência, em uma abordagem interdisciplinar que apresenta afinidade com os estudos organizacionais" (TONELLI, 2016). Se a TAR permite explorar diferentes perspectivas abordando-as como dados relevantes para a construção de novos sentidos. Para Tonelli (2016) a TAR permite oferecer insights

novos que podem aplicar a compreensão dos processos de organização, sendo que eles são coletados de elementos humanos e não humanos. (TONELLI, 2016). Deste modo, este estudo pretende mesclar o conhecimento da sociedade de artefatos híbridos visto pela TAR com as práticas do design especulativo. Para tal, se faz necessária uma abordagem que explore as controvérsias e analise as agências ocorridas entre os atores.

O próximo tópico irá abordar o ponto de vista da mediação dentro LER abaixo para falar sobre

2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Compreende-se até o momento neste trabalho que o design especulativo é capaz de visualizar novos paradigmas através da sensibilização das temáticas associadas o projeto de design. As temáticas exploradas na especulação são capazes de engajar diferentes pessoas em uma nova realidade visualizada. Entende-se que a visualização de uma nova realidade possibilita o debate sob as novas perspectivas que poderiam ser exploradas na realidade alternativa. Para tal, a prática especulativa, muito associada a projetos vinculados as artes e narrativas, possuem uma característica de deslocar o espectador da realidade atual projetando-o para um mundo ficcional com novos regimentos.

Ao analisar os paradigmas sociais sob a Teoria-Ator-Rede, entende-se que não há diferenças entre os atores humanos e atores não humanos, ambos coexistem em um emaranhado de relações, sem dissociações. Compreende-se que o mundo habitado por estes conjuntos de atores formam uma rede dinâmica e fluida de relações. As discussões sob a Teoria-Ator-Rede são pautadas pela controvérsia. Entende-se que nela, os autores ao descobrirem uma coexistência antes não operante inicia um processo de disputa até que ambos atores consigam conviver e terminar a controvérsia. Este atrito possibilita novas dinâmicas e configuração do social. Quando o agenciamento entre os atores se inicia, inúmeras possibilidades podem ser debatidas e visualizadas. A perspectiva da TAR possibilita mediar características dentro da controvérsia.

O design por ser uma atividade projetual, possui características de mediar a complexidade da controvérsia, buscando contextos de negociação dentro das

temáticas visualizadas sob a TAR. Deste modo, o Design Especulativo combinado com a TAR assume características de mediar contextos de controvérsia, assumindo deveres antes não mapeados dentro do contexto social. O Design Especulativo, por imaginar realidades futuras ganha características de negociação e debate das visões futuras abordadas. O espaço de disputa da controvérsia se torna um espaço de negociação de ideias. O design, por enfrentar estes territórios de disputa em suas atividades projetuais possibilita a exploração de situações complexas e negociações sociais. Ao relacionar a perspectiva de Meyer (2011) com o Design, entende-se que a exploração do design especulativo sob a perspectiva da TAR é uma nova forma de projetar o design, um design que explora as disputas entre o conjunto de atores buscando negociações que estão em rede.

A seguir, no capítulo Método busca-se indicar os procedimentos escolhidos para compreender o papel do Design Especulativo mediando contextos de controvérsias.

3. MÉTODO

Neste capítulo apresenta-se a estrutura metodológica que será abordada por este estudo. Em primeiro, será contextualizado a natureza da pesquisa que será abordada. Nos subcapítulos seguintes, o método de pesquisa escolhido para abordar esta pesquisa.

3.1 TIPO DE ESTUDO E ESTRUTURA DA PESQUISA

Com a revisão da literatura estabelecida, compreende-se que o design por sua vez pode contribuir com causas mais complexas do contexto social. O design especulativo tem capacidade em criar aberturas de conhecimento para situações fantasiosas, exploratórias ou projetuais. A capacidade de abertura inovativa possibilitada pelo design especulativo amplifica o papel do design na visualização de caminhos futuros. Ao analisar sob a perspectiva da Teoria-Ator-Rede, entende-se que o projeto de design não é restrito a manipulação de artefatos e saberes. Compreende-

se que há uma série de influências entre os atores ao se envolverem com o processo ou artefatos. Em vista disso, o contexto social está o tempo todo se reconfigurando. Os deslocamentos permitidos pela agência entre os atores, favorecem a negociação entre os envolvidos no contexto social. No entanto, pautado pelas controvérsias, os atores podem assumir diferentes ordenações. A mediação por sua vez, passa a ser compreendida como um agente negociador entre o processo de design e seus aliados, que podem assumir características de coautores do processo de especulação.

As características subjetivas atreladas ao processo de especulação e o processo criativo de design acarretaram na escolha de procedimentos exploratórios de pesquisa. Entende-se que a imersão de contexto é rica e empírica. Para tal, o processo de pesquisa qualitativa exploratória proposto Gil (2008) possibilita a exploração da pesquisa. Para tal, este trabalho de pesquisa exploratória enquadra o estudo de caso do complexo industrial Maesa situado em Caxias do Sul. Através deste estudo de caso, será explorada os objetivos desta dissertação.

3.2 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a realização da coleta de dados, criou-se a seguinte estrutura para a coleta:

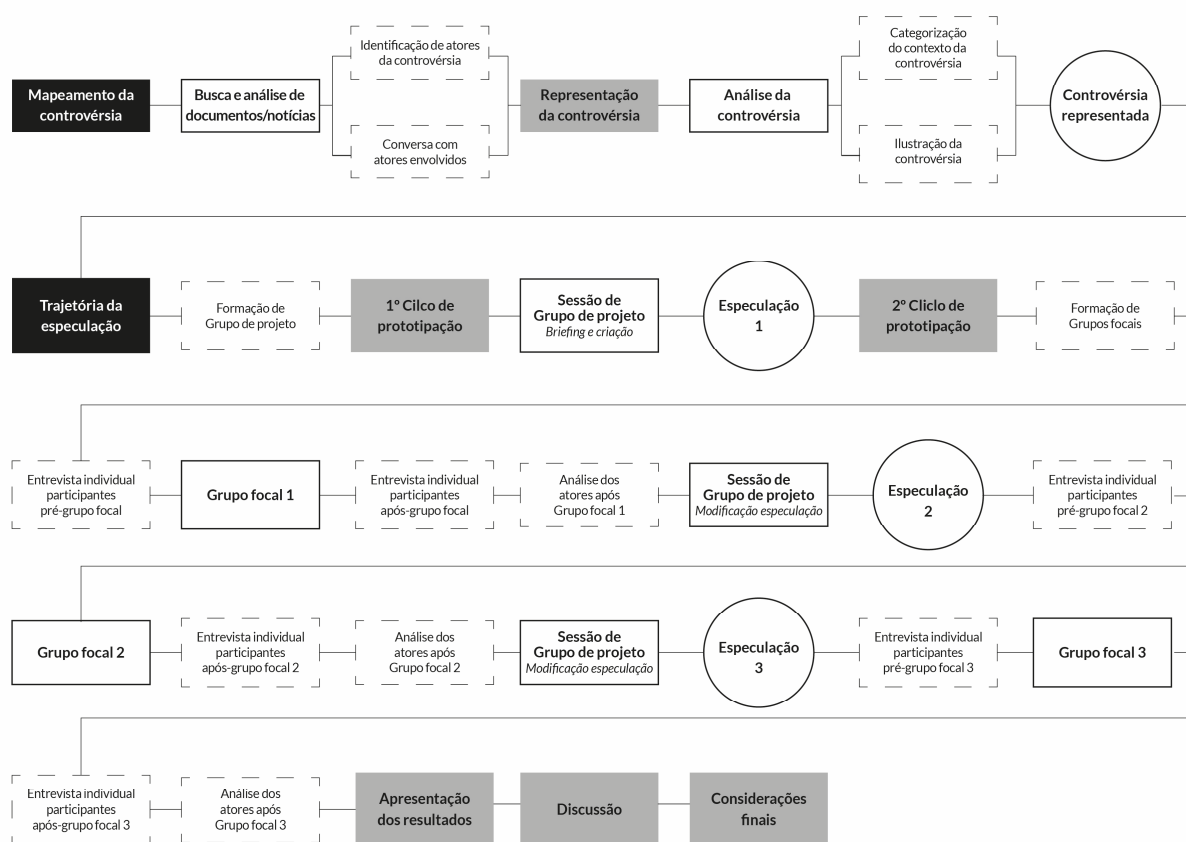
(i) Mapeamento de controvérsias; (ii) Trajetória da Especulação; (ii.i) Criação da especulação, que aborda a formação de um grupo projeto com designers sensibilizados pelo mapeamento da controvérsia para a criação da especulação; (ii.ii) Prototipação da especulação.

Para isso, utilizou-se o estudo de Venturini (2010) citar mapeamento de controvérsias aqui. No qual o autor utiliza critérios para categorizar as controvérsias dentro de um mapeamento de controvérsia. O processo de coleta reuniu um Moodboard do contexto de controvérsia. Após o mapeamento, foi gerado uma representação visual que ilustrasse a natureza da controvérsia. Para a construção da controvérsia, compreendeu-se sua natureza complexa e buscou-se ilustrá-la enquadrando-a dentro dos estudos de Venturini (2010).

A trajetória da especulação (ii), em seu subtópico (ii.i) 1º Ciclo de prototipação, baseou-se pelos autores Dunne e Raby (2013), Malpass (2017) e Reeves (2016). Os primeiros autores contribuíram para as características da especulação projetada,

sendo que o segundo autor auxiliou nas diferentes visões apresentadas dentro da especulação. Esta etapa da pesquisa foi realizada através da reunião de um time de designers inseridos em grupos de pesquisa *Stricto Sensu* familiarizados com estudos de design estratégico, especulação e artefatos. A atividade projetual das especulações ocorreram em encontros online e presenciais. O objetivo desta etapa era sensibilizar o grupo de designers a compreender a controvérsia, para isso, era mostrado a representação visual do mapeamento da controvérsia e seguindo para a construção de realidades futuras enquadradas na controvérsia. O autor desta pesquisa também participou desta atividade projetual colaborando na construção. No subcapítulo (ii.ii) 2º Ciclo de prototipação, o grupo focal possibilitou a exploração das especulações enquadradas dentro do contexto da controvérsia.

Quadro 1 - Método



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entende-se que o processo de coleta de dados deva seguir a seguinte estrutura, conforme tabela abaixo:

Para a coleta de dados, buscou-se compreender a controvérsia da Maesa. Para este procedimento exploratório de pesquisa, buscou-se avaliar o contexto da Maesa entendendo diferentes ângulos de visões. O processo de imersão de contexto dividiu-se em dois momentos:

1º Análise de documentos/notícias relacionados a Maesa;

2º Conversa com atores envolvidos no processo.

Para a análise de conteúdos relacionados a Maesa, pesquisou-se diferentes materiais, como: jornais da região; sites relacionados à gestão pública; conteúdos relacionados ao tema em redes sociais; grupos relacionados ao tema em redes sociais; documentos históricos relacionados.

Para as conversas com atores envolvidos, obteve-se acesso a integrantes de diferentes grupos dentro do contexto. Para tal, foi necessário uma aproximação na secretaria da cultura da cidade, e por meio de indicações localizar pessoas através de redes sociais e ligações por telefone. Através de conversas presenciais e por áudio, os atores foram entrevistados. Ao todo, foram entrevistados 15 pessoas envolvidas com o histórico e controvérsia Maesa. O tempo de cada conversa durou em torno de 40 minutos, os áudios foram gravados e posteriormente analisados para a construção do mapeamento da controvérsia. Dentre os entrevistados constavam os seguintes perfis:

- Arquiteto
- Arquiteto envolvido com conselho de arquitetura
- Historiador e professor estudioso de patrimônio histórico
- Designer atuante em movimento em prol da cidade
- Empreendedor
- Fotógrafo
- Incorporador

- Jornalista envolvida em causas culturais
- Morador dos arredores da Maesa
- Participante de movimento em prol da preservação da Maesa
- Participante de CTG que teve utilizava o espaço da Maesa
- Produtor cultural envolvido com pesquisas sobre a Maesa
- Produtor cultural envolvido com protestos na Maesa
- Servidor público envolvido com desenvolvimento da cidade
- Servidor público na secretaria da cultura

A análise do mapeamento foi baseada nos estudos de Venturini (2010), no qual a cartografia de controvérsias é explorada sob cinco lentes de observação:

Tabela 3 - Critérios VENTURINI Mapeamento da controvérsia

Mapeamento da controvérsia	Descrição da temática
De declarações para literaturas.	Ao abordar qualquer controvérsia, o primeiro impressão é geralmente a de uma nebulosa caótica de declarações concorrentes. [...] Identificando toda a extensão da arena controversa, no entanto, é apenas um primeiro passo na cartografia social. Embora reconhecendo a natureza caótica controvérsias, os cartógrafos também devem reconhecer a existência de uma malha grossa de relações entre as declarações que circulam em uma disputa. [...] A primeira tarefa da cartografia social é mapear essa teia de referências, revelando como discursos dispersos são tecidos em literaturas articuladas. (VENTURINI, 2010)
Da literatura aos atores.	Seguindo as teias de relações que envolvem questões controversas declarações, cartógrafo social são inevitavelmente levados a considerar conexões que se espalham além dos limites do universo textual. Além de estar conectado a outras reivindicações, declarações fazem sempre parte de redes maiores que compreendem seres humanos, objetos técnicos, organismos, entidades metafísicas e assim por diante. (VENTURINI, 2010)
De atores a redes.	Atores são sempre interfaces entre diferentes coletivos sociais, pois ambos são compostos e componentes de redes. [...]A cartografia social não pode ignorar esse dinamismo relacional: observar controvérsias é observar o trabalho incessante de amarrar e desvincular conexões. (VENTURINI, 2010)

Das redes para os cosmos	O fato de que controvérsias tornam a existência coletiva cada vez mais complexa, não significa que aqueles que os combatem não são conduzidos por um desejo de simplificação. [...] As ideologias não pretendem ser uma descrição do mundo como ele é, mas visões do mundo como deveria estar. Enquanto a vida coletiva é caótica e errática, as ideologias são ordenadas e harmoniosas: eles não são universos, mas cosmos. Como tal, as ideologias podem ser mais influente que qualquer cálculo realista. A observação, portanto, não pode ser limitada declarações, ações e relações, mas tem que estender o significado que os atores atribuem eles (VENTURINI, 2010)
Do cosmos à cosmopolítica	A compreensão exige abandonar uma das mais veneráveis ideias da cultura ocidental: a crença de que, por trás de todas as ideologias e controvérsias, alguma realidade objetiva deve existir independentemente do que os atores pensam ou dizem sobre isso. [...]. Às vezes, as disputas são temporariamente silenciadas pelo fato de que alguns cosmos prevaleceram sobre os outros ou pelo fato de que os atores encontraram um compromisso de resistência, mas não acordo, nenhuma convenção, nenhuma realidade coletiva chegou sem discussão.] (VENTURINI, 2010)

Fonte: Venturini (2010) organizado pelo autor

A criação da especulação baseou-se nos critérios de Dunne e Raby (2013), Malpass (2017) e Reeves et al. (2016).

- Especular o Futuro
- Ficcional e imaginativo
- Refletir novas realidades e suas leis
- Desafiar a complexidade pelo artefato crítico e especulativo

Para tal, reuniu-se um grupo de designers⁷ que foram sensibilizados pelo mapeamento da controvérsia para produzir realidades especulativas dentro do contexto da controvérsia da Maesa. Os designers eram apresentados ao mapeamento da controvérsia através de uma explicação pessoal do autor desta pesquisa.

⁷ A partir de agora este trabalho ao se referir ao grupo de designers que auxiliaram na trajetória da especulação serão denominados por Grupo de projeto.

Posteriormente, era debatido os detalhes da controvérsia percebida pelo autor desta pesquisa, posteriormente o grupo de projeto debatia e eram gerados os tópicos especulativos que poderiam ser desenvolvidos. O grupo de projeto em conjunto com o autor avaliava as possibilidades especulativas em conjunto com as características do mapeamento da controvérsia, então, escolhendo o que seria desenvolvido como proposta especulativa. A sessão durava em torno de 1 hora. Posteriormente a sessão de grupo de projeto, o autor desta pesquisa desenvolvia isoladamente a especulação decidida no grupo de projeto.

O grupo focal, reuniu diferentes atores dentro do contexto da controvérsia, buscando criar grupos heterogêneos e que se enquadrassem em um contexto de rivalidade dentro das perspectivas da controvérsia.

Com tais procedimentos organizados, compreende aqui que é necessária uma contextualização breve do caso Maesa. Deste modo, a seguir, será abordado o Mapeamento da controvérsia da Maesa.

3.3 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Enquadrando a análise na perspectiva da TAR, as informações coletadas nos grupos focais 1,2 e 3 serão analisadas pela técnica da análise de conteúdo temática de Bardin (1977). O tratamento dos resultados não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. A análise identifica nas transcrições os principais temas que surgiram. Através dos grupos focais foi procurado identificar nos participantes diferentes relações. 1- Codificação e interferência; 2- Categorização; 3- Pré-análise.

Tais procedimentos segundo Bardin devem ser analisados (i) exaustividade, sugere-se esgotar todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; (ii) representatividade, preocupa-se com amostras que representem o universo; (iii) homogeneidade, nesse caso os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; (iv) pertinência, é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa; e (v) exclusividade. Os procedimentos acima citados foram desenvolvidos durante o processo de pesquisa. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos na coleta de campo. A análise será também desenvolvida pela perspectiva da TAR de Latour (2012), Venturini (2010), Cerretto e De Domenico (2016).

4. RESULTADOS

Neste tópico do trabalho serão apresentados as informações coletados do campo.

4.1 MAPEAMENTO DE CONTROVÉRSIAS

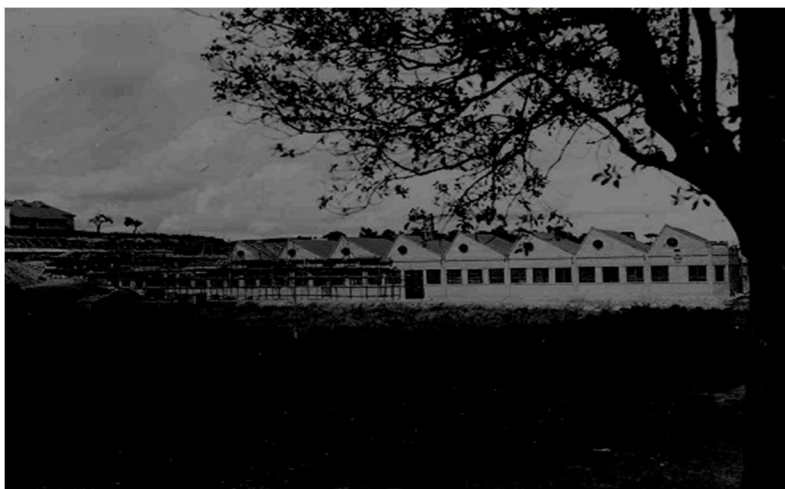
O mapeamento de controvérsia seguiu as diretrizes do estudo de Venturini (2010) exploradas anteriormente. Conforme as diretrizes, sabe-se que a interpretação dos sinais dentro da controvérsia deve explorar tais fatores conforme Law (1999) “viver, conhecer e praticar nas complexidades de tensão” (Law, 1999:12).

Em virtude de compreender a relevância do estudo de caso explorado neste trabalho, antes de aprofundar o mapeamento da controvérsia será aberto um tópico que relata o histórico da Maesa. Para isso, as seções a seguir foram organizadas com os seguintes tópicos, baseados no estudo de Venturini (2010).

A) De declarações para a literatura e atores: A história do complexo Maesa

Compreendendo o histórico da Maesa. Na cidade de Caxias do Sul, há um grande complexo industrial conhecido como MAESA. Este complexo conhecido como fábrica 2, segundo fontes do Jornal Pioneiro foi inaugurado em 1948, quando o império de Abramo Eberle, iniciado no começo do século XX, e que completava 52 anos concentrava os serviços de forja, fundição e metalurgia (CLICRBS, 2015). O complexo se tornaria um marco industrial para a cidade de Caxias do Sul.

Figura 7 - Maesa à época de sua construção, na Rua Plácido de Castro, em 1949



Fonte: Studio Geremia, acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, divulgação.

Conforme o arquivo histórico do jornal Pioneiro (CLICRBS, 2015), o complexo da MAESA após o seu período de inauguração foi palco de grandes momentos para a história da cidade. Foi na unidade da Fábrica 2, onde é situado o complexo da MAESA que foi forjado a estátua símbolo da cidade de Caxias do Sul, o monumento ao imigrante. O espaço seguiu pelas décadas gerando riquezas e trabalho para a região.

Figura 8 - Saída dos trabalhadores da Maesa pela Rua Plácido de Castro em 1970.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, divulgação.

O espaço abrigava no século XX instalações da Metalúrgica Abramo Eberle S/A, depois a empresa VOGES. Com a retirada da empresa VOGES do complexo, atualmente o prédio da MAESA é um espaço abandonado no coração da cidade.

Figura 9 - Complexo MAESA Caxias do Sul em 2016.



Fonte: Divulgação JC.

O complexo industrial fez parte da construção e história da cidade de Caxias do Sul. Dentro da investigação dos arquivos históricos, nota-se que o espaço possui relevância para a memória da cultura local. Conforme as imagens reunidas acima, compreende-se o tamanho do desafio que a gestão pública de Caxias do Sul recebeu. As dimensões territoriais e culturais envolvidas na Maesa carregam uma carga complexa de fatores a serem gerenciados.

Embora inúmeras cidades pelo mundo resinifiquem seus espaços, é notável a dificuldade do desafio dentro do contexto. A cidade, ao receber o complexo industrial como patrimônio histórico se viu em uma nebulosa confusão estrutural. Em conjunto com o ato de doação veio a tona diferentes dificuldades. O que se fazer com o complexo gerava causas de *wicked Problens* para a Maesa. Não bastava um projeto para a Maesa, ela necessitava outros níveis de estratégias. Além disso, por gerar um envolvimento coletivo, não bastava a gestão pública arquitetar seu futuro. Uma diversidade de atores se conectavam a causa para projetar estratégias futuras. Dentro

do contexto *Wicked Problem* da Maesa, gerou-se a controvérsia investigada nesta pesquisa. Por diferentes atores imaginarem um futuro para o espaço, sendo que estes diferentes atores possuíam níveis de poder diferentes, a situação da Maesa caminhou para rumos ainda mais nebulosos.

A discussão sobre a ocupação do espaço iniciou entre os líderes e influentes da cidade antes mesmo de ela ser doada para pelo estado ao município. Já ocorriam movimentos relacionado ao que seria feito com o complexo (PIONEIRO, 2013). O futuro da MAESA, pelo seu valor simbólico e patrimonial para a região impactava no que a cidade queria para o seu próprio futuro.

B) Dos atores para as Redes: Conexões da controvérsia

Ao interagir com as informações coletadas na controvérsia, foram feitas as ligações buscando compreender a natureza da controvérsia. Para isso, foi organizado o *moodboard* da controvérsia visto na página a seguir.

Figura 10 – Linha do tempo da situação da Maesa

1949
1950
1953
1954
1970







2014



Faça parte dessa história

Desde setembro, o grupo Faço Parte Maesa vem se reunindo para discutir, trocar ideias e fomentar a participação pública em relação à ocupação da Maesa. Conforme a jornalista Vera Damatta, uma das integrantes, a área merece uma forma de uso que trilhasse a sua importância para as gerações do passado, do presente e do futuro.

Com a comunidade em diálogo, também discutimos opções. E, uma cidade informal, com as condições que se possuiu ao longo do tempo, também será organizada.

Queremos que essas ideias possam ser usadas para o termo de referência que deverá integrar o planejamento de ocupação do projeto para a área da Maesa - complexa, terra.

então passou de linha de:

resistiu ao Plano Diretor, e continua todo o complexo da MAESA, e já se perguntava quem seria o dono de tudo e o que seria o destino da ocupação. Quem se resistiu, um espaço livre e estruturado em conjuntos arquitetônicos culturais, resgate espaço espaço.

Trabalha de:

Maesa Maesa muito bem se adaptou para educar, quem sabe para Universidade Federal? Isso não é certo. Só uma sugestão.

trabalha com:

A ocupação por um grupo comunitário, com projeto de alimentação, cinema, teatro e até se ocupou para a rede e centros para a ocupação.

Faço parte dessa história

Desde setembro, o grupo Faço Parte Maesa vem se reunindo para discutir, trocar ideias e fomentar a participação pública em relação à ocupação da Maesa. Conforme a jornalista Vera Damatta, uma das integrantes, a área merece uma forma de uso que trilhasse a sua importância para as gerações do passado, do presente e do futuro.

Uma comunidade em diálogo também discutimos opções. E, uma cidade informal, com as condições que se possuiu ao longo do tempo, também será organizada.

Queremos que essas ideias possam ser usadas para o termo de referência que deverá integrar o planejamento de ocupação do projeto para a área da Maesa - complexa, terra.

Marilene Terra diz:

A "realidade" de um tempo, uma era, uma história (Lamentável!) Neste cinema, avião e muitos outros (Lamentável, filmes cinema, avião).

O cinema Ópera era, sem dúvida, um local para encontros culturais, familiares, era adotar no tempo. E não quer sair dali. Um povo que não considera e preserva sua história e se critica, abordando por outras qualificações culturais que "invadem" a todo o momento espaços vazios de cultura.

quei diz:

16 de julho de 2014

uma cidade na história de nossa cidade, que sirva de exemplo e não se cometa mais tamanha estupidez.

2015






2016



2017



2018





2019



de trabalho Caxias do Sul RS.

A fábrica se consolida como empresa geradora de empregos e parte da história da cidade.

No dia 3/07/2014, o Governador do RS Tarso Genro assina projeto de lei que previa a doação da Maesa para Caxias do Sul. O que iniciou uma série de tarefas para a gestão pública municipal de Caxias do Sul. Ao mesmo tempo, o debate sobre uso do espaço e seu destino iniciou a controvérsia do caso Maesa.

Manifestações culturais se iniciaram em prol do espaço, enquanto que se especulava possíveis utilizações do espaço e do terreno. Começava um período longo de debate, estudos variados, ações ativistas e rubes.

No período de 2015, os estudos e processos legais sobre a Maesa avançavam no município de Caxias do Sul. A decisão do Prefeito Alceu Barbosa Velho de asfaltar a rua Plácido de Castro (uma das ruas que cruzava o complexo) tensionou integrantes que defendiam a preservação do patrimônio histórico cultural. A controvérsia explorava neste ponto a tensão de preservar ou adequar o espaço no tempo presente.

Em 2016 e 2017, a controvérsia avançou. Com o novo Governo do Estado José Ivo Sartóri, os avanços legais sobre a ocupação do espaço e os prazos necessários para a definição do projeto eram debatidos. Enquanto isso, inúmeros estudos de ocupação eram explorados em diversos grupos de interesses.

Em 2018 e 2019, o tensionamento da controvérsia era manifestado por rodadas de debate presenciais na câmara de vereadores e virtuais nas Redes Sociais. Enquanto o poder público na gestão do Prefeito de Caxias do Sul Daniel Guerra seguia os caminhos da gestão anterior, os grupos com ideias variadas para o complexo debatiam se a ocupação realmente iria acontecer. Manifestações culturais e notícias variadas eram publicadas. A complexidade da Maesa é tamanha que a prefeitura está ameaçada de perder o complexo industrial caso o projeto d ocupação não seja executado.

Fonte: – acervo Arquivo Historico Municipal João Spadari Adami; Jornal Pioneiro; Acervo Roni Rigon; Instituto IDEMER; Acervo Icaro de Campos; Acervo Rafael Willms. Elaborado pelo autor.

Conforme o Jornal Pioneiro, o complexo de 53mil metros quadrados foi doado pelo Governador do estado para uso público com finalidade cultural, equipamentos públicos, funcionamento de órgãos públicos e preservação do patrimônio histórico e cultural (PIONEIRO, 2015). No entanto, após o tombamento e doação do patrimônio para a cidade serrana iniciou-se um conflito de interesses. O asfaltamento da rua Plácido de castro, realizado com o intuito de criar um espaço de desfiles para a cidade utilizar em datas como Carnaval e Festa Nacional da Uva inseriu a pauta da MAESA na comunidade em geral. Grupos coletivos voltados a preservação da memória local questionavam a decisão de asfaltar os arredores da MAESA na rua Plácido de castro, pois a arquitetura histórica iria se perder. Ocorreram protestos entre o período de decisão do poder público local e a execução do asfaltamento.

Figura 4 – Manifesto da Comunidade Faço Parte Maesa sobre o asfaltamento da rua Plácido de castro.



Fonte: Memória Maesa, Clicrbs 2015.

Após o asfaltamento, a sociedade local começou a observar com mais cautela o espaço da MAESA. Por ter proporções relevantes para o tamanho da cidade, o espaço do complexo projetou diferentes opiniões entre personalidades, empreendedores e membros de associações.

C) Das redes para o cosmos: Atores e significados na controvérsia

A ocupação da MAESA iniciava a ser questionada com mais força, gerando momentos de especulação do futuro da Serra. No entanto, a utilização destes espaços de debate não eram considerados democráticos. A falta de diálogo com os interessados no debate que estavam fora de cargos de relevância para a gestão pública dificultaram o processo de construção de futuro para o complexo.

Figura 5 – Especialistas debatem ocupação da MAESA em 2015.



Fonte: Jonas Ramos / Agência RBS

Dos anos de 2015 à 2017, diversos momentos foram utilizados para debater o espaço, no entanto, foram tratados como pauta da gestão administrativa local. Associações, entidades e grupos coletivos foram pouco ouvidos. Este ruído de comunicação se estendeu neste período pelo fato de as ideias serem divergentes, ou seja. O futuro da MAESA estava sendo pautado sem o entendimento das opiniões divergentes. Se alguma ideia era colocada em debate, o debate enfraquecia, pois o conflito gerava desgaste no processo. Quanto mais se debatia, mais conflito a causa da Maesa gerava, sendo que muitas informações se perdiam ao longo do processo. O caso da Maesa é envolto de inúmeros pareceres técnicos, documentos, transições de gestão pública e estadual. Tais documentos e decisões entravam em novos estágios de aprovação e de solicitação em seus devidos sistemas de gestão vigentes. No entanto, os grupos ativistas em prol da preservação da Maesa se alistavam com o

passar do tempo. Estes grupos se uniam e ficavam mais fortalecidos. Conforme o tempo avança, os grupos iam reforçando a ideia de que a Maesa devia ser preservada. Por outro lado, a situação da Maesa não dependia da atuação dos grupos ativistas. O caso avançava nos bastidores da gestão pública. Devido aos procedimentos legais, havia equipes de setores técnicos da prefeitura encarregados de dar andamento nos projetos de ocupação e decisão sobre o complexo industrial. Entende-se que o caso da Maesa passava por uma situação delicada, pois a decisão de seu futuro estava sendo gerida somente pelo poder público, e não um processo unindo diferentes opiniões e fomento de oportunidades. Por ser um prédio de espaço grande para a região, diferentes ideias foram elaboradas para a utilização do espaço, porém todas elas foram apenas catalogadas.

Arquitetos locais, defensores culturais, artistas, historiadores, membros do poder público e diversas entidades debatem o real uso do espaço (CAURS, 2017). Em vista disso, dentro do que foi apresentado de atuação sistêmica do design, há uma oportunidade de inserção no contexto conflitante MAESA. Segundo fontes do jornal Pioneiro (2018) há um esboço de plano de ocupação para o complexo (PIONEIRO, 2017). No entanto, há divergência de interesses, "duas frentes na comissão especial de ocupação da Maesa discordam sobre o próximo procedimento a ser adotado no processo de apropriação do imóvel" (PIONEIRO, 2017). O secretário de planejamento defende um processo licitatório para desenvolvimento de projeto de ocupação pelo próprio município, entretanto, a secretaria da cultura argumenta que o ideal é lançar a proposta para um concurso público nacional tendo em vista um processo democrático de tomada de decisão de projetos de cunho arquitetônico relevantes e projeção nacional do espaço histórico que faz parte da memória da cidade.

D) Do cosmos para a cosmopolítica: A Representação da controvérsia Maesa

O futuro da MAESA até o momento, não está definido. Ao mesmo tempo que a atual gestão do município introduz uma unidade administrativa da brigada militar em uma área do complexo (PIONEIRO, 2018), o processo de ocupação ainda necessita ser debatido. Existem diferentes visões e ideias sobre a utilização do espaço. No entanto, não há nada concreto. Nota-se que o processo de geração de alternativas

enfraqueceu os grupos destinados a pensar sobre o futuro do espaço. Devido a complexidade do tema, a MAESA espera que alguma entidade se posicione para debater sobre seu futuro. Valde destacar que a atividade de debater o futuro da MAESA coloca as diferentes opiniões em conflito, devido as diferentes visões de propósito da cidade e do complexo. Percebe-se que o ambiente de controvérsias da MAESA se faz justo para esta pesquisa, ao invés de exercer um debate técnico estrutural sobre cidade, arquitetura e urbanismo, que também se faz necessário, entende-se que o papel do design especulativo possui características de mediar este ambiente na construção de futuros democráticos para a MAESA. Através da atividade projetual especulativa, pode-se mediar o ambiente de controvérsias e expandir saberes sobre a unidade de pesquisa.

Conforme as informações coletadas por notícias locais, nota-se que existe diferentes opiniões pontuais sobre a MAESA. Por isto, é pertinente explorar e produzir possibilidades que tenha outros potenciais, distintos dos expressos pelos autores citados.

A vivência dentro do contexto de controvérsia motivou inúmeras conexões imprevistas. Ao conversar com algum ator envolvido, era indicado mais alguém que já estava inserido dentro de outro campo da natureza do caso. Monitorar os grupos na internet e conversar com os demais atores demonstrou-se uma tarefa de muita sensibilidade aos estímulos. Todos os estímulos eram sinais de que conforme Venturini (2010), faziam parte da natureza da controvérsia Maesa. Conforme o tempo passava dentro do processo de pesquisa, diferentes atores se envolviam e se orquestravam. É importante dizer que a imprensa local e suas mídias tinham um papel peculiar dentro da controvérsia. Os demais atores só eram estimulados quando notícias eram publicadas sobre o caso. A mídia era como uma válvula que dava início a novos desdobramentos na controvérsia.

É entendido que a cada evolução da situação do contexto investigado gera novos impactos para a complexidade do caso. Nota-se que os atores envolvidos na política pública da cidade avançam em suas estratégias públicas de gestão, no entanto, os veículos de comunicação ao divulgarem informações que abordem tais andamentos gera inúmeros desdobramentos. Alguns atores engajados com a causa movimentam debates dentro do emaranhado social da controvérsia, sendo que para os desavisados, a Maesa ganha visibilidade gerando questionamentos diversos de pessoas não engajadas com a causa. Falar do futuro da Maesa acaba se tornando

um discurso popular. Deste modo, falar da Maesa é tensionar o futuro da cidade, ao mesmo tempo que é explorado os poderes sobre o que é identidade da cidade, quais significados serão resilientes e quais são os jogos de poderes necessários para tais fatores avançarem no debate público.

Do mesmo modo que foi iniciado um debate público com a Maesa, percebe-se algo similar a respeito da praça Dante Alighieri, praça central da cidade de Caxias do Sul. Um tipo similar de debate surgiu após a notícia de um projeto de reforma da praça surgir nas mídias locais (PIONEIRO, 2019). O projeto, irá repensar a forma de lidar com o centro da cidade, tomou decisões que descontentaram atores da cidade, sendo que esses atores são influentes ao ponto alavancar uma nova discussão sobre memória local, cidade e futuro da cidade. Entende-se que o papel de projetar democraticamente é uma forma de reduzir os impactos de construir uma realidade equivocada. A seguir, será explorado o desenvolvimento da representação do mapeamento da controvérsia que irá auxiliar na construção da especulação que será levada para o grupo focal.

A controvérsia da Maesa foi observada dentro dos critérios de Venturini (2010). Representar a controvérsia para o autor é como construir uma falha sísmica. As descrições devem ser à prova de terremotos que suportem protestos e divergências das disputas (VENTURINI 2012, p. 5). Foi percebido que a natureza da controvérsia era dividida em fatores:

- Informação e Mídia
- Gestão, poderes, e dinâmicas políticas
- Fatores econômicos
- Atuação técnica em projetos
- Desejo de intervir no projeto
- Anonimato
- Temporalidade
- História e memória local

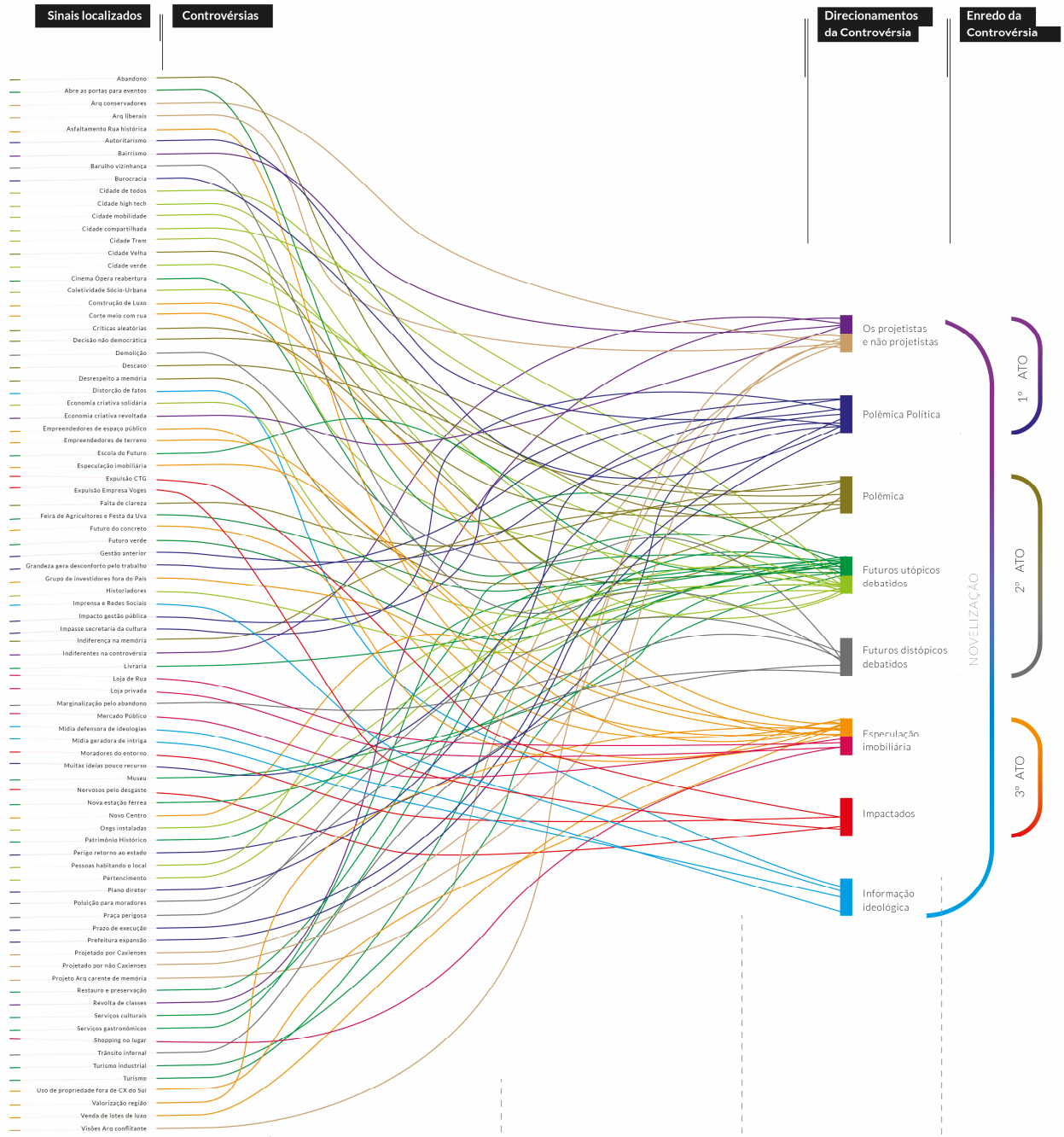
Com base nas informações coletadas durante o mapeamento da controvérsia, entende-se que a controvérsia da Maesa envolve a disputa de diferentes atores, sendo que cada grupo atua de maneira essencial para a complexidade da

controvérsia. Os fatores acima relacionados foram categorizados dentro do processo de mapeamento proposto por Venturini. Na observação das informações, percebeu-se movimentos distintos entre os atores. Alguns deles alistava diferentes atores. A história e memória local alistava arquitetos, artistas e urbanistas. Enquanto os fatores econômicos alistavam organizações e atores interessados no espaço físico do complexo.

Por ter uma quantidade excessiva de informações, adotou-se um formato de representação em mapa de linhas para facilitar a visualização da complexidade das informações. Percebe-se a controvérsia do caso Maesa como uma dinâmica de poderes e informações. As decisões tomadas até então pelos diversos atores envolvidos colocam a controvérsia em um caminho cada vez mais entrelaçado e complexo. Na imagem abaixo, a controvérsia do caso Maesa é ilustrada por diferentes linhas que se cruzam, linhas que envolvem diferentes comportamentos e atores da controvérsia. Com o objetivo de descomplicar a representação, os sinais da controvérsias levantados foram organizados em ordem alfabética no canto esquerdo da imagem. Os sinais se cruzam e são levados pelos atos da controvérsia até os grupos relacionados acima.

Este trabalho optou por tratar o desenrolar da controvérsia como uma narrativa. Deste modo, o protagonismo da informação ideológica desde os estágios iniciais da controvérsia ganharam o termo de “Novelização”, sendo que o desenvolvimento da controvérsia passou a ser dividido em atos como nas ficções. O 3º ato é separado do eixo da informação ideológica pelo motivo da informação estar em conjunto com as outras subdivisões. A narrativa se constrói dentro das subdivisões, no entanto, a informação ideológica não é representativa para ser um novo eixo como a divisão de atos. A representação gráfica do mapeamento demonstra de forma literal pelos traços entrelaçados a complicada situação que o caso passa. Por outro lado, entende-se que por se tratar de um caso público, que é visualizado por inúmeros atores, passando por possíveis críticas dentro do contexto social, os dados representados no mapeamento só demonstram a complexidade que o mundo vem ganhando com o passar das eras. Além disso, válida a importância dos estudos sociotécnicos. A sociedade está cada vez mais complexa no emaranhado social e tecnológico. O design nesta realidade, assume outras características, podendo estar inserido nos contextos de controvérsia e mediar o contexto.

Figura 11- Representação da controvérsia Maesa



O complexo MAESA situado em Caxias do Sul RS foi criado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul como patrimônio Histórico da cidade. Desde então, é palco de uma disputa de interesses na qual diversos Atores debatem seu devido uso. A controvérsia do caso MAESA excelsa a especulação do futuro de Caxias do Sul e seus anseios. Além disso, demonstra a dificuldade em localizar um caminho no meio de um emaranhado de informações, rotas e jogos de poder.

Para a construção do Mapeamento de Controvérsias, usou-se o estudo de Venturini (2010) como premissa de uma pesquisa qualitativa exploratória. Foram feitos mapeamentos em Sites de notícia, Jornais, Rádios, Redes Sociais, Grupos engajados com o tema nas Redes Sociais, Órgãos Públicos, Servidores Públicos, Documentos Históricos e pessoas fora do contexto de engajamento com a MAESA.

Da análise crítica baseada nos estudos de Venturini dos conteúdos coletados originou-se as Controvérsias do Caso MAESA.

1º ATO

O contexto de controvérsia já existia no discurso popular de Caxias do Sul devido a fatores históricos que o complexo da MAESA carregava e suas propostas territoriais relevantes para a região central da cidade. Quando o complexo foi renomeado para o estado como patrimônio da cidade, iniciou-se o que foi denominado na pesquisa exploratória de Marco Zero.

A cidade tinha o complexo industrial nas mãos, mas precisava agir contra o tempo para destinar um futuro para a MAESA. O resultado é o 1º ATO DA CONTROVÉRSIA, espaços ligados a Gestão Pública do Estado e Município, associados ao complexo ambiental Público se uniram com atores humanos (Arquitetos, funcionários públicos relacionados às áreas de Arquitetura e Desenvolvimento urbano, Educadores de diferentes áreas, personalidades da cidade e demais moradores) iniciaram uma disputa de qual ideia era a mais correta para o complexo MAESA. Os atores se reuniram em debates em diferentes contextos e contextos da cidade, a Mídia Jornalística, Redes Sociais e espaços da Universidade e entidades promoviam debates de ideias que exploravam futuros possíveis para o complexo. Entretanto, algumas situações eram vistas com mais olhos por pessoas que apoiavam visões divergentes. A Controvérsia do Caso MAESA cresce a cada debate comunicado pela Mídia especializada.

Grupos envolvidos no 1º ATO
Os projetistas e não projetistas
Polêmica Política
Informação ideológica

2º ATO

Conforme mais pessoas aderiram nas Redes Sociais, mais o contato com a Controvérsia MAESA ganhava força. Por mais que o Rádio e Jornais fizessem com o palco de informações, as plataformas digitais cercavam o contexto de controvérsia, favorecendo mais atores no contexto. Cada potencial futuro carregava símbolos que entravam em conflito com fatos históricos e a memória da cidade. A controvérsia do caso MAESA aos poucos levava a tona um município que não tinha certeza do que esperava de seu futuro. Por ter grandes proporções, o complexo MAESA dificultava a processo de especulação e decisão de futuro do espaço.

A cada conceito que surgia, uma enxurrada de debates ocorriam nas Redes Sociais. Inúmeros problemas eram vistos pelos atores engajados no contexto da Controvérsia. O 2º ATO tem características enquadradas em cenários futuros utópicos e distópicos. Uma visão social que explora diferentes realidades, mas sem encontrar um meio termo ideal para agitar a maioria. Atores vinculados fora do contexto de poder da gestão pública ou entidades temiam que decisões equivocadas gerassem distópicos para o contexto. A cidade de Caxias do Sul não sabia porque fazer, onde queria ir e era importante preservar de sua identidade.

Grupos envolvidos no 2º ATO
Polêmica
Futuros utópicos debatidos
Futuros distópicos debatidos

3º ATO

A situação da MAESA avançava com o tempo, a impasse permanencia. A gestão pública do município se mediu e com ela vieram outras mudanças no sistema político. O governo do estado cobrava o município por ações. A cidade de Caxias do Sul corria risco de perder o patrimônio histórico para o estado.

Dentre as visões utópicas e distópicas localizadas na controvérsia, haviam atores que efetuavam especulações imobiliárias. Devido ao complexo estar situado em uma região entre considerada nobre, para estes atores, o local era um palco de visões de negócio.

Durante o andar da controvérsia, notou-se que alguns grupos foram lesados. A Empresa Voges, que utilizava o espaço ativo da antiga Fábrica 2 da Metalúrgica Elberle. Outro grupo que teve que sair do local foi um tradicional CTO que compartilhava suas atividades dentro do complexo da MAESA. Ambos grupos tiveram que sair pela a controvérsia da MAESA estava em um período de renovações e debates. O 3º ATO da controvérsia abriga a divergência da visão de negócio, especulações de poder e os prejudicados pelo contexto. A MAESA era de todos, e ao mesmo tempo de ninguém.

Grupos envolvidos no 3º ATO
Especulação imobiliária
Impactados

NOVELIZAÇÃO

O contexto da Controvérsia do caso MAESA se muda com o passar do tempo. Quanto mais reuniões, visões de projeto e ideias são colocadas em jogo, mais informação é gerada e restrita por veículos da imprensa. O ato chamado NOVELIZAÇÃO representa a evolução continua do caso narrado por diferentes atores na esfera da comunicação. A comunicação no contexto de controvérsia passa pela disseminação da informação por veículos especializados e seus desmembramentos levados para as Redes Sociais pelos debates. No contexto das Redes Sociais o assunto se transforma em um grande telefone sem fio. Há muito ruído de comunicação e descredibilização. Visões ideológicas misturam-se com a informação e críticas criando um grande plano sequência de esperanças, embates e frustrações. Todos tentam falar mais alto negligenciando um equilíbrio coletivo.

Grupos envolvidos na Novelização
Informação ideológica mediado
ou demais grupos com informações

Fonte: Elaborado pelo autor.

O mapeamento da controvérsia do caso Maesa ilustra o emaranhado de sinais que formam a situação do complexo industrial. Para um entendimento lógico, os sinais (lado esquerdo do quadro) foram ordenados em ordem alfabética. O decorrer do quadro as linhas se entrelaçam para dar forma a categorização da controvérsia, denominada neste estudo de “direcionamentos da controvérsia”. Esta categorização representa os sentidos percebidos dentro da investigação no contexto. Cada eixo representa um motor que rege a controvérsia, sendo eles: Projetistas e Não projetistas, Polêmica política, Polêmica, Futuros Utópicos debatidos, Futuros Distópicos debatidos, Especulação imobiliária, Impactados e Informação ideológica. Tais informações foram observadas através do mapeamento da controvérsia proposto por Venturini (2010). As descrições da controvérsia foram organizadas em ordem cronológica de seus acontecimentos. Para uma rápida visualização a descrição das categorias foram explanadas no quadro comparativo a seguir.

Tabela 4 - Síntese dos direcionamentos da controvérsia

Direcionamentos da controvérsia	Descrição da temática
Informação ideológica	Informação divulgada na imprensa sobre o contexto da controvérsia Maesa. A informação depois é replicada pelos cidadãos em seus perfis de Redes Sociais, gerando debates sobre o tema e até distorcendo os fatos antes divulgados.
Projetistas e não projetistas	Perfis de pessoas ligadas a áreas de projetos que se posicionam de forma técnica no debate sobre a controvérsia. Pessoas com perfis não técnicos também se posicionam na criação de um projeto para a Maesa.
Polêmica política	Desdobramentos do caso Maesa nos bastidores da política pública.
Polêmica	Situações levantadas durante a controvérsia que aprofundaram o debate na controvérsia.
Futuros utópicos debatidos	Visões utópicas especuladas por perfis dentro da controvérsia. Estes futuros são positivos perante perfis enquadrados nas visões. Para os perfis não enquadrados, o futuro acaba sendo visto como negativo.
Futuros distópicos debatidos	Visões distópicas especuladas por perfis dentro da controvérsia. Estes futuros são negativos perante perfis enquadrados nas visões. Para os perfis não enquadrados, o futuro acaba sendo visto como positivo.
Especulação imobiliária	Manifestações mercadológicas e enquadrando a controvérsia como um jogo de lotes à venda.

Impactados	Perfis impactados pelas decisões tomadas durante a controvérsia, que ocasionaram abandono da utilização do complexo industrial, visitas e uso do espaço em sua característica pública.
------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Com a controvérsia representada, a sessão a seguir irá abordar a trajetória da especulação.

4.2 1º CICLO DE PROTOTIPAÇÃO

Após realizar a imersão dentro do contexto da controvérsia, compreendendo sua natureza para a elaboração de seu mapeamento (objetivo específico I). Pretende-se aqui compreender como materializar a especulação a partir do mapeamento da controvérsia (objetivo específico II). Levando em consideração a natureza da pesquisa, compreendeu-se que era adequado alistar novos atores para participar da construção da especulação. Para isto, o grupo de projeto foi criado para colaborar no projeto da especulação. Foi contatado dois designers para colaborar na projeção da especulação levada para o grupo focal. O grupo de designers foi formado por profissionais formados e estudantes no Programa de Pós Graduação em Design Unisinos. O recrutamento foi via *WhatsApp*, o motivo da escolha dos designers, foi a proximidade do pesquisador com os convidados, sendo que os dois já conheciam o referencial teórico envolto nesta pesquisa.

Tabela 5 - Grupo de projeto para criação da especulação

Grupo de projeto Criação da especulação	Descrição dos perfis selecionados
Designer 1	Graduado em Design pela Universidade no Rio Grande do Sul. Mestre em Design por universidade Regional, com Bolsa Capes/CNPq. Professor de Design da Universidade no estado. Atua como pesquisador em grupo de pesquisa em Design Estratégico. Como pesquisador, tem interesse nas áreas de Pesquisa Através do Design, Prática Crítica e Design Crítico &

	Especulativo. Sócio-diretor de Agência de Comunicação desde 2013. Tem experiência na área de Design Gráfico e Estratégico, com ênfase em desenvolvimento de Identidades Corporativas e embalagens. (Texto fornecido pelo participante)
Designer 2	Mestre em Design em universidade Gaúcha. Graduado em Design de Produto pela na Serra Gaúcha. Atualmente, coordena o curso de Design da Universidade e é professor titular da disciplina de História do Design para o curso de Design, Design de Moda e Design de Interiores. Possui experiência de Design de Produto com ênfase em mobiliário e estofados. (Texto fornecido pelo participante)

Fonte: Elaborado pelo autor

No time de designers formado constavam um mestre em design e professor em uma universidade de Novo Hamburgo RS – Brasil, um professor e coordenador de curso Bacharel em Design e doutorando em design, e um doutorando em design.

A primeira conversa foi via celular, primeiramente foi acordado que eles iriam participar da criação de realidades especulativas, sendo que o panorama de apoio para a criação seria a análise de mapeamento que representava a controvérsia da Maesa. Para os designers que não conheciam a controvérsia, foi explicado o contexto histórico, cultural do complexo industrial e sua condição envolva da controvérsia. Com o envio do mapeamento da controvérsia, os designers analisaram o mapa em um período de 24 horas e ficaram com o objetivo de abordar os tópicos pertinentes do mapeamento da controvérsia para a criação das realidades especulativas no dia seguinte. O debate criativo foi todo feito online por conversas. Os designers relataram a relevância do mapeamento em compreender a situação do caso Maesa. A ilustração do mapa era efetiva em nortear possíveis desdobramentos da especulação. Contudo, o que chamou a atenção dos designers foi a presença que a Imprensa e as Redes Sociais possuem dentro da controvérsia. Na imagem abaixo constam os primeiros recortes gerados pela conversa.

As possibilidades dentro da controvérsia eram em larga escala, no entanto, por perceberem o envolvimento coletivo das pessoas no formato arquitetônico com o complexo industrial. Baseado nas categorias segmentadas do mapeamento da controvérsia, pretendeu-se especular cenários dentro das grandes visões abordadas

por Reeves (2016), o resultado era desenvolver 4 visões futuras da Maesa, tensionando a realidade dentro da controvérsia para realizar props de futuro. Tendo em vista a proposta de realidade futura, escolheu-se os seguintes caminhos para as realidades.

Tabela 6 - Realidades projetadas para a especulação

Realidades propostas para a especulação	Natureza da realidade
CONTINUIDADE	Plausível e Utópica
ARQUEOLOGIA	Preservação in vitro
CATÁSTROFE CONTROLADA	Reformas e construções
CATÁSTROFE	Destruição da Maesa

Fonte: Elaborado pelo autor

Para sensibilizar os participantes dentro das realidades ficcionais propostas, foi desenvolvido um breve material de apresentação que ilustrava os quatro cenários apresentados como ponto de partida do grupo focal. O material foi desenvolvido para situar os participantes do grupo focal dentro da narrativa explorada pela realidade futura da controvérsia. A partir dela os artefatos especulativos seriam apresentados para a discussão sobre a controvérsia e as propostas de especulação.

Além da capa de jornal foi desenvolvido um material de apoio para ser projetado durante o grupo focal que apresentava as realidades futuras. O recurso utilizado foi o de sensibilizar a apresentação das realidades futuras antes dos participantes entrarem em contato com as capas de jornais especulativas. O último slide projetado seria a compilação dos quatro nomes de realidade escolhido.

Figura 12 - Realidades Futuras para Especulação da controvérsia Maesa



Fonte: Autor

O primeiro cenário, denominado de *Gourmetização do Centro*, que representa a primeira capa de jornal, representa uma realidade na qual a gestão da cidade cedeu para propostas da iniciativa privada na utilização da região da Maesa como uma ampliação da região de alto padrão do entorno do complexo, para isso, o complexo da Maesa passaria a ter um shopping em seu local, projeto que descaracterizaria por completo a arquitetura histórica do local. A chamada da notícia principal, além da comparação antes e depois, confronta o contexto da controvérsia perante os perfis de atores defensores da preservação do patrimônio histórico cultural, ao mesmo tempo que reforça o perfil dos atores enquadrados em especulações imobiliárias e evoluções da cidade vindas de projetos enlatados de fora da cidade.

O segundo cenário, *Memória perdida* aborda uma realidade semelhante ao contexto do primeiro, contudo, a Maesa foi simplesmente demolida depois de agonizar na burocracia do processo de seu projeto de futuro. Este cenário faz uma ilusão a grande ícones que se perdem no tempo, sensibilizando o argumento de memória. Outro fator deste cenário é sua chamada. O termo aconteceu de novo é uma alusão a perda do Cinema Ópera ⁸e outras obras icônicas da cidade de Caxias do Sul.

⁸ O Ópera, na esquina das ruas Pinheiro Machado e Dr. Montauray, que ainda serve de ponto de referência para os caxienses “mais antigos”, acabou virando uma garagem de carros. O prédio

O terceiro cenário aborda uma Maesa intocável assumindo características de um museu industrial. Pretende-se nesta especulação a de tocar em contextos de preservação, memória e na capacidade de modificação com o tempo. A chamada de notícia deste cenário aborda que o Museu teve sua reabertura marcada devido a atos de vandalismo no local. O texto busca remeter a um sentimento dentro do contexto social de repúdio devido ao tratamento em exagerado da arte e arquitetura.

O quarto cenário construído desenvolve a narrativa mais provável, a da instalação de um Mercado Público e um mix de serviços. No entanto, a proposta ilustrada na capa revela que o complexo industrial recebeu modificações consistentes, com a construção de um edifício, abertura de uma rua que corta o complexo ao meio e praças e estacionamentos dentro do pátio. A chamada por sua vez, aborda a revitalização do centro enquadrando o quarto cenário no contexto mais presente da controvérsia.

Como primeiro estágio do ciclo da trajetória da especulação, foi acordado que a especulação que tocaria os presentes no grupo focal seriam capas de Jornais dentro do contexto das realidades futuras. O Jornal era uma forma de estabelecer um vínculo inicial com o contexto da controvérsia, explorando através de um dos atores de maior responsabilidade da controvérsia o papel de provocar a visualização do futuro. Para Malpass (2017) o argumento da especulação é a característica mais sensível do processo. A especulação necessitava alistar a controvérsia, sendo que a imprensa tinha tais características para este efeito.

Com o primeiro artefato especulativo já organizado em conjunto com os designers, pretendeu-se realizar um novo estímulo. O grupo focal teria o contato com um segundo artefato especulativo. Para isto, elegeu-se o cenário catástrofe de maior intensidade e percebeu-se que era necessário expor entulhos de uma Maesa que não existe mais. Para este artefato, vincula-se o argumento de uma das realidades futuras da Maesa. Nesta realidade, a Maesa foi demolida e está sendo vendida em pedaços para admiradores do complexo industrial. O admirador da Maesa poderia adquirir um pedaço da memória perdida da Maesa. Este argumento tinha o intuito de provocar os participantes dos grupos focais na relevância da demolição, preservação, memória histórica, demonstrando pelo artefato o papel do tempo.

também abriga algumas lojas e lanchonetes. [...] Quando o fogo consumiu o teatro, ele estava abandonado. O prédio foi declarado de utilidade pública em 1985, mas nunca chegou a ser tombado.

Figura 13 - Entulhos especulativos Maesa



Fonte: Autor

Para as capas de jornal especulativas, foram montadas através de manipulação de imagem, construindo imagens ficcionais dentro do contexto da controvérsia. Abaixo, segue a relação das capas de jornal montadas para o primeiro grupo focal. Para compreender a totalidade das informações, os arquivos em dimensões maiores ficaram postas na sessão anexo deste estudo.

Figura 14 - Capas de jornal especulativas 1



Fonte: Autor

As propostas de especulação geradas estavam prontas para serem apresentadas para a discussão no grupo focal. Sobre a construção da especulação (objetivo específico II), compreende-se que entender o contexto da controvérsia envolve perceber o potencial dos actantes na visualização do enredo da controvérsia. O mapeamento da controvérsia foi o ponto de partida para os designers auxiliarem no desenvolvimento do que seria levado para a especulação. O design especulativo observou a natureza da controvérsia e desenvolveu argumentos através dos artefatos especulativos. Após cocriação realizada em conjunto com o trio de designers, as especulações seriam apresentadas para os grupos focais, como veremos no tópico a seguir.

4.3 2º CICLO DA PROTOTIPAÇÃO

Acreditam que as discussões entre os participantes possibilitam captar interações mais complexas do que entrevistas individuais. O contato dos grupos focais com a proposta de especulação enquadrada na controvérsia permite o que Com a

ótica da TAR, este pode-se expandir a observação do contexto da controvérsia, podendo observar a interação entre os atores humanos e não humanos. Esta interação, em conjunto com os desdobramentos do grupo focal geram um campo de prototipagem da especulação. Com isso, os participantes do grupo focal em conjunto com o grupo de projeto se tornam coautores da especulação, modificando sua trajetória original.

O papel do mediador do debate deve ser sensível no andamento da discussão. Para esta pesquisa, a discussão proposta foi o de um grupo focal mais aberto, sem uma mediação controlada pelo autor desta pesquisa. Pretendeu-se também realizar entrevistas individuais com os participantes antes e depois do grupo focal. A conversa era semiestruturada por um roteiro baseado no contexto da controvérsia.

Cada grupo focal organizado não repetia seus participantes. A busca na mobilização do grupo foi a de construir um grupo heterogêneo enquadrado dentro do contexto da controvérsia. Desde modo, os papéis assumidos durante a controvérsia seriam confrontados pelas visões opostas e divergentes entre si. O roteiro semiestruturado elaborado dentro das entrevistas pré e pós grupo focal seguem questionamentos associados ao contexto da controvérsia e na compreensão das crenças dos participantes sobre ela. O quadro a seguir explora questionamentos do roteiro semiestruturado que foi aplicado nos participantes.

Quadro 2- Roteiro semiestruturado Pré e Pós Grupo Focal

Pré-Grupo Focal (compreensão do posicionamento na controvérsia)	
a.	Como você conheceu a Maesa? Como ficou sabendo da doação para o município?
b.	O que você percebeu depois disso?
c.	Conhece alguém mais engajado com a causa da Maesa?
d.	Você faz parte de algum grupo que aborda a Maesa? Conhece alguém?
e.	Você vê falarem da Maesa aonde?
f.	O que te motivou a participar deste grupo focal?
Após-Grupo Focal (posição dos participantes na controvérsia após o contato com a especulação)	
g.	Como você percebe a Maesa a partir de agora?
h.	Descobriu algo sobre a Maesa que não conhecia?
i.	O que você acredita que os artefatos especulativos causaram?
j.	Como eles auxiliaram a entender a Maesa? Como foi?
k.	Você conseguiu compreender outro lado da situação da Maesa?
l.	O que a especulação pôde fazer pela situação da Maesa?

Fonte: Elaborado pelo Autor

O roteiro semiestruturado busca explorar o potencial do envolvimento dos praticantes dentro da controvérsia. Sendo que esta pesquisa optou por analisar o ponto de vista também de atores não imersos em grupos dentro da controvérsia. Para isso, nos grupos focais um participante neutro (leigo) na controvérsia foi convidado para cada grupo focal.

Quadro 3 – Etapas do grupo focal

Etapa	Tempo
Entrevista individual Pré Grupo Focal	15 minutos
Grupo Focal	90 minutos
Entrevista individual Pós Grupo Focal	15min

Fonte: autor

Dentro do processo de imersão da controvérsia, percebeu-se grupos formados por perfis engajados ou envolvidos com a temática da controvérsia. Reunir tais perfis demonstrou-se relevante para o processo de grupo focal. Tendo em vista o contexto da controvérsia os perfis selecionados para o grupo focal foram:

- **Projetistas e não projetistas envolvidos** com a caso da controvérsia. Projetistas se enquadram profissionais do ramo arquitetônico, urbanista, designer, publicitário, engenheiro, e demais áreas enquadradas com visão projetual. Os não projetistas são perfis de pessoas com não formação e atuação na área de projeto, mas com engajamento suficiente para palpitar dentro da controvérsia os avanços do projeto de futuro da controvérsia Maesa.
- **Atuantes na imprensa ou influenciadores sociais** que atuam na produção de conteúdo que envolve a Maesa.
- **Participantes em grupos ativistas Pró Maesa** que defendem sua preservação e questões ligadas a patrimônio histórico cultural, preservação da cultura e memória.

- **Envolvidos em órgãos públicos/gestão pública** atuante em cargos e serviços ligados a setores do poder público.
- **Perfis empreendedores** com mentalidade voltada para investimentos e negócios.
- **Perfis impactados pelo caso Maesa** devido ao seu processo controverso. Pessoas que frequentavam a Maesa, trabalhavam lá, moram aos arredores.
- **Leigos no caso Maesa** que são impactados pelo caso da Maesa, mas não se motivam a participar da discussão de futuro do complexo industrial.

Os primeiros selecionados foram contatados por *WhatsApp* através do círculo de conhecidos do próprio pesquisador. Com a necessidade de mais recrutamentos, buscou-se compartilhar o interesse do grupo focal para os primeiros selecionados compartilharem convite do evento de pesquisa para seus respectivos contatos. Cada grupo focal possuía uma formação de grupo diferente das demais. Ao todo foram realizados três grupos focais, que foram realizados na cidade da controvérsia, Caxias do Sul – Brasil, ambiente contexto da controvérsia pesquisada nesta pesquisa. Os grupos focais ocorreram no mês de junho de 2019, em locais negociados pelo pesquisador que favoreciam a disponibilidade dos participantes.

Para cada grupo, buscou-se equilibrar a formação em perfis enquadrados dentro da controvérsia em pontos divergentes. Na tabela a seguir foi organizada a relação dos participantes dos três grupos focais.

Quadro 4- Participantes⁹ dos Grupos focais

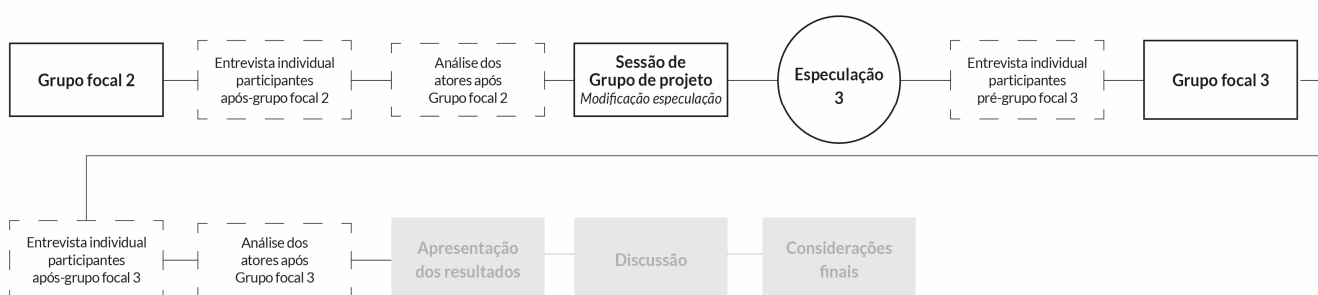
	Nome	Descrição do perfil	Posicionado na controvérsia
Grupo Focal 1	Gustavo	28 anos, designer, natural de Caxias do Sul RS, profissional da área moveleira e fotógrafo, em um relacionamento, sem filhos.	Projetista
	Clara	30 anos, bacharel em administração, natural de Caxias do Sul RS, atua em uma clínica veterinária e as noites em um bar, em um relacionamento, sem filhos.	Não projetista
	Rafaela	29 anos, estudante de produção multimídia na Uniftec, natural de Belém do Pará PA, estagiária em uma produtora de vídeos e em uma rádio católica online, solteira, sem filhos.	Leigo
	Joaquim	24 anos, estudante de design de moda, natural de Garibaldi RS, publicitário e socialmedia, mora sozinho em Caxias do Sul à trabalho.	Não projetista
	Elis	28 anos, designer gráfica, natural de Caxias do Sul RS, diretora de arte em uma agência de comunicação. Possui participação em movimentos feministas na região.	Ativista/Projetista
	Rufo	27 anos, bacharel em produção audiovisual, natural de Caxias do Sul RS, profissional liberal no ramo de eventos e produtor audiovisual de programa televisivo tradicionalista gaúcho, também dedicasse em investimentos no mercado financeiro.	Empreendedor/Impactado pelo caso Maesa
Grupo Focal 2	Roberta	37 anos, arquiteta e mestranda em direito com ênfase em arquitetura pública, natural de Caxias do Sul RS, atua no CAU e em movimentos envolvendo patrimônio histórico cultural e plano diretor de Caxias do Sul. Tem envolvimento com a gestão da prefeitura da cidade e defende uma cidade mais humana.	Projetista/ativista
	Marcelo	41 anos, arquiteto de formação, natural de Caxias do Sul RS, servidor público, atua no gabinete de desenvolvimento da cidade, é escritor e envolvido com projetos literários.	Gestão pública
	Laura	22 anos, natural de Caxias do Sul RS, não trabalha, tem interesse em ingressar no curso de artes visuais. É envolvida com causas sociais em defesa dos direitos LGBT+.	Não projetista
	Juliana	26 anos, publicitária, natural de Caxias do Sul RS, sócia de uma agência de comunicação digital onde atua como criadora de conteúdo.	Leigo
	Roger	27 anos, designer gráfico, natural de Caxias do Sul RS, sócio de um estúdio de branding.	Não projetista
	Carlos	48 anos, artista plástico, natural de Caxias do Sul RS, envolvido com produções culturais e performances de dança, envolvido com grupos pró-Maesa em defesa da preservação do patrimônio histórico.	Ativista
	Clara	34 anos, jornalista, natural de Bagé RS, mora em Caxias do Sul à trabalho, envolvida com causas pró-Maesa em defesa do patrimônio histórico, criadora de conteúdos sensibilizadores em defesa dos direitos sociais.	Jornalista/influenciadora social
Grupo Focal 3	Lis	33 anos, arquiteta, mestra em design estratégico pela Unisinos Porto Alegre, natural de Caxias do Sul RS, profissional liberal.	Projetista
	Tatiane	35 anos, arquiteta, mestra em arquitetura, natural de Caxias do Sul RS, envolvida com CAU e projetos culturais envolvendo preservação do patrimônio histórico.	Ativista/projetista
	Barbara	30 anos, publicitária e designer, natural de Caxias do Sul RS, envolvida com projetos de consultoria em design e marketing, é amiga de pessoas envolvidas na política e de grupos engajados pró-Maesa.	Empreendedora

Fonte: Elaborado pelo autor

^{9 9} Os nomes dos participantes foram alterados para a preservação de suas identidades

Durante o processo de grupos focais os artefatos especulativos foram apresentados aos participantes, sendo que eles foram desenvolvidos com base nas discussões com o grupo de projeto. Cada grupo focal teve um conjunto de artefatos especulativos no qual os participantes debatiam suas visões e provocações. A interação entre os actantes foi analisada em cada grupo focal e levada para o grupo de designers refletir sobre possíveis alterações no projeto. O objetivo aqui era que os participantes do grupo focal participassem da evolução da especulação baseada na controvérsia.

Figura 15- Recorte do método: Etapa Prototipação da especulação



Fonte: Elaborado pelo autor

Para uma melhor organização, este e os demais tópicos a seguir foram apresentados divididos em três partes Grupo focal 1, Grupo focal 2 e Grupo focal 3.

Grupo focal 1

O primeiro grupo focal foi realizado à noite, em uma quarta-feira, em uma das salas do Centro Universitário Uniftec em Caxias do Sul, Brasil. A configuração do espaço destinado ao grupo focal foi organizada de forma proposital com mesas reunidas ao redor de bancos individuais. Sobre a mesa, foram posicionados um notebook para visualização coletiva de materiais de especulação que seriam apresentados, folhas, post-its e canetas para anotações. Na mesa ao lado da destinada para o grupo focal, foi organizado uma reunião de petiscos para os participantes.

Figura 16 - Grupo Focal 1



Fonte: Autor

Conforme o protocolo do grupo focal, os participantes chegavam ao local e eram entrevistados individualmente por 15 min sobre seus posicionamentos sobre a controvérsia da Maesa. Após a entrevista, todos se deslocaram para o ambiente de grupo focal e foi dado o início da discussão. O grupo focal ocorreria na seguinte ordem: 10 minutos para apresentação das realidades alternativas, 40 minutos para o contato com as capas de jornal especulativas e 40 minutos de discussões em contato com o artefato entulho. Nos minutos finais do grupo focal foi feito um fechamento em grupo, posteriormente, o grupo focal chegou ao seu final e os participantes realizavam a entrevista individual de 15 minutos.

No primeiro momento, o grupo teve a apresentação das realidades alternativas propostas para a controvérsia. O tempo de duração foi de 10 minutos. Com as realidades apresentadas, as capas de jornais (segundo artefato especulativo) foram apresentadas sem pausas. O grupo teve dois modos de visualização da especulação, através do notebook e do envio para o grupo de WhatsApp organizado pelo autor desta pesquisa. O tempo de contato com as capas de jornal especulativas durou 40 minutos. Percebeu-se que as capas de jornal impactaram os participantes mais engajados com o caso da Maesa. Já os leigos, não foram sensibilizados ao primeiro

momento, demonstraram-se interessados em conhecer o caso da Maesa e mergulhar no processo especulativo.

A capa de Jornal 1 provocou os participantes ao debate dos poderes de decisão da gestão pública e suas alianças com a iniciativa privada. Na visão de alguns participantes, o poder público exerce decisões impopulares, sendo que não é criado uma consulta pública para avanços de assuntos de ordem pública. No entanto, tais questionamentos foram rebatidos por perfis mais enquadrados com os bastidores do poder público. Na visão dos participantes que defendiam assuntos da gestão há casos que necessitam o avanço da burocracia. O avanço processual entre os poderes públicos e privados foi muito questionado enquanto os participantes visualizavam a capa de jornal 01.

“Demora muito mesmo. Se não tomarem uma decisão vamos perder mais uma construção histórica”. (Perfil não projetista: Grupo focal 1)

“Nossa! Muito ruim! Se fizerem isso com a Maesa é o fim de vez”. (Perfil artista: Grupo focal 1)

“Entendo que seja uma boa ideia. Só que não descaracterizar muito o lugar.” (Perfil empreendedor: Grupo focal 1)

A capa de jornal 02, emulou o debate sobre frustração, perda e progresso. Para os participantes engajados com a causa da Maesa, a capa de jornal 02 sensibilizou questões ligadas ao legado arquitetônico da cidade, além de incentivar o debate sobre a necessidade dos habitantes da cidade em reconhecer uma identidade.

“Dá medo ver isso. Pode mesmo acontecer!” (Perfil projetista: Grupo focal 1)

Apesar da urgência nas questões históricas e patrimoniais, a demolição provocou outros participantes a comparar o velho com o novo. A definição de progresso como substituição total do antigo emergiu em resposta a características de conservação relatadas pelos participantes defensores da Maesa.

A capa de jornal 03 provocou os participantes leigos na importância dos valores históricos, no entanto, apontou para argumentos relacionados ao tamanho do complexo industrial. Pelo espaço destinado a Maesa conter dimensões de larga escala, o uso do espaço relacionado a uma única função provocou relações de improdutividade em alguns participantes.

“É muito grande para fazer só isso. É um desperdício se ficar assim.” (Perfil projetista: Grupo focal 1)

Por outro lado, os leigos defenderam a importância de funções de ordem históricas. A capa de jornal 04 deixou os participantes visualizarem um presente próximo. Por ela conservar o espaço arquitetônico da Maesa, e a chamada conter menções ao mercado público, argumento que deixou a controvérsia da Maesa popular na imprensa, o jornal 04 foi mais debatido entre os participantes com um senso de tempo presente.

“Quem é de fora no início enxerga ali um Mercado Público. Só falam disso. Aqui (falando da Maesa) seria um bom Mercado Público..” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

Após a apresentação do artefato especulativo contendo as capas de jornal, o terceiro material foi apresentado, os entulhos à venda de uma Maesa demolida.

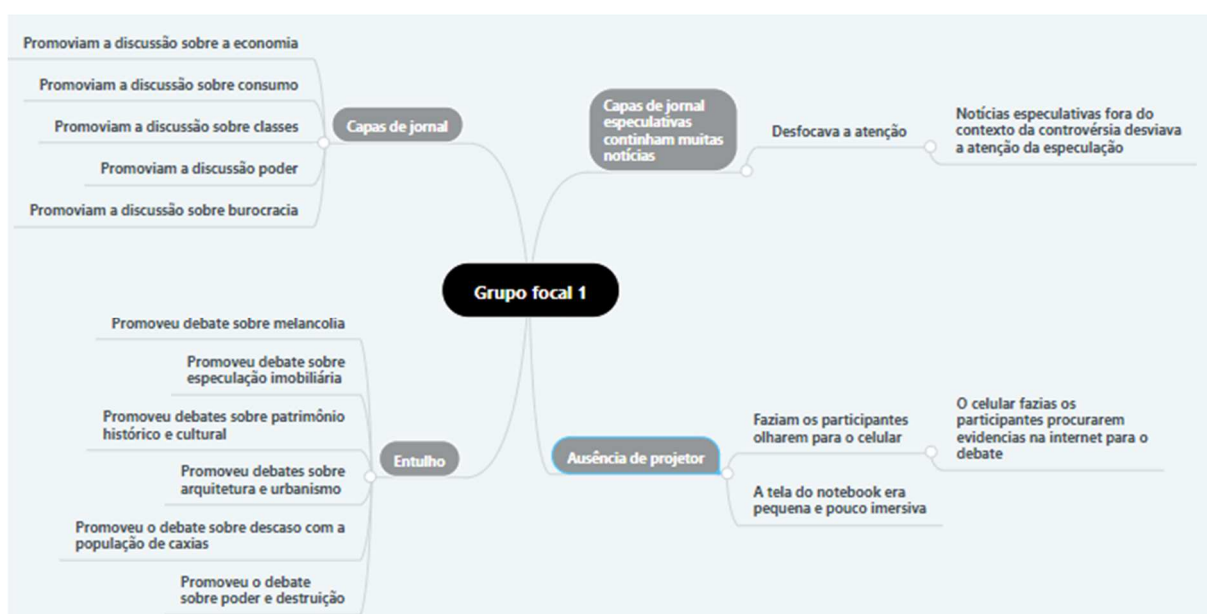
Ao colocar sobre a mesa o novo artefato especulativo os participantes se entreolharam. Houve primeiramente um estranhamento de entulhos estarem sobre a mesa. No entanto, logo a discussão emergiu. Rapidamente os entulhos foram comparados com a capa de jornal 01 e 02, sendo que a capa de jornal 02 era mais latente por se tratar propriamente da demolição da Maesa. O artefato especulativo entulho fez com que o público debatesse a situação finita do complexo industrial, ao mesmo tempo que avançou argumentos de progresso e descaso entre os participantes.

O grupo focal seguiu até o horário de encerramento com os participantes alternando as capas de jornal e analisando os entulhos. Notou-se que pelo fato de as capas de jornal conterem uma diagramação similar a real com notícias também

ficcionais, as mesmas distraíam a atenção dos participantes. A veracidade ou sátira das notícias provocavam alterações no debate, sendo que o autor desta pesquisa teve que intervir em alguns momentos para os participantes voltarem a atenção ao tema da especulação da Maesa.

Ao final do grupo focal, foi realizada as entrevistas individuais com os participantes e os tópicos principais provocados pela interação com a especulação foi organizado pelo autor desta pesquisa.

Figura 17 - Tópicos principais grupo Focal 1



Fonte: Autor

As capas de jornal especulativas por conterem outras notícias desfocavam a atenção dos participantes em alguns momentos do grupo focal 1; A ausência de projetor fazia os participantes visualizar o celular e debater com a internet, no entanto, não criava uma imersão devido as proporções da tela. As capas de jornal evidenciaram os debates sobre economia, consumo, gestão pública e poder. O artefato entulho reforçou abordagens com o patrimônio histórico, arquitetura e falta de comprometimento com a população, pois causava melancolia e destruição.

Os tópicos do Grupo focal 1 foram posteriormente debatidos na sessão com o grupo de projeto.

4.1.1.1 Sessão de grupo de projeto da especulação 1

Os tópicos do primeiro grupo focal, foram debatidos com os grupos de designers para propor a alteração das especulações. As capas de jornal especulativas por conterem outras notícias desfocavam a atenção dos participantes em alguns momentos do grupo focal 1; A ausência de projetor fazia os participantes visualizar o celular e debater com a internet, no entanto, não criava uma imersão devido as proporções da tela. As capas de jornal evidenciaram os debates sobre economia, consumo, gestão pública e poder. O artefato entulho reforçou abordagens com o patrimônio histórico, arquitetura e falta de comprometimento com a população, pois causava melancolia e destruição. Foi decidido que as capas de jornal seriam mantidas, porém tornando-as com o mesmo layout somente mantendo os argumentos especulativos referentes a controvérsia Maesa. Durante a discussão com o grupo de designers foi percebida a relevância que a Maesa tem para a comunidade referente ao patrimônio histórico, sendo ele movimentado pela gestão pública. Para isso, foram geradas possíveis ideias de desdobramentos da especulação para o próximo grupo focal.

- **Mais imersão com a caso da controvérsia.** Os participantes do grupo focal deveriam ter mais foco no contexto da controvérsia. Para isso seria necessário o uso do projetor e menos o uso de Celulares e internet.
- **Modificar a ordem das capas de jornal.** Modificar a ordem criava um novo contexto para a controvérsia. A capa de shopping e museu ganhariam mais destaque no grupo focal 2, com o autor promovendo o debate sobre os temas explorados no grupo focal 1.
- **Ausência do artefato entulho.** O artefato entulho gerava muitas discussões sobre a memória e a preservação do patrimônio histórico. O grupo de projeto percebeu relevância no argumento de poder e gerou um novo artefato com este argumento.
- **Artefato Lei.** Para promover o debate sobre a gestão, a burocracia, tomada de decisão e o avanço da controvérsia, o grupo de projeto

pensou em um artefato que desse poderes para o participante tomar uma decisão sobre a controvérsia. Os diferentes perfis agenciariam novos atores com o contato com este artefato especulativo.

- **Mudar local da pesquisa.** Como o primeiro local foi utilizado um espaço cedido por uma universidade da Serra Gaúcha, o grupo de projeto percebeu devido ao mapeamento de controvérsias e a explicação do autor sobre a perspectiva da TAR que diferentes atores mediavam a discussão. O grupo de projeto percebeu que o espaço também era um ator e influenciava os participantes.

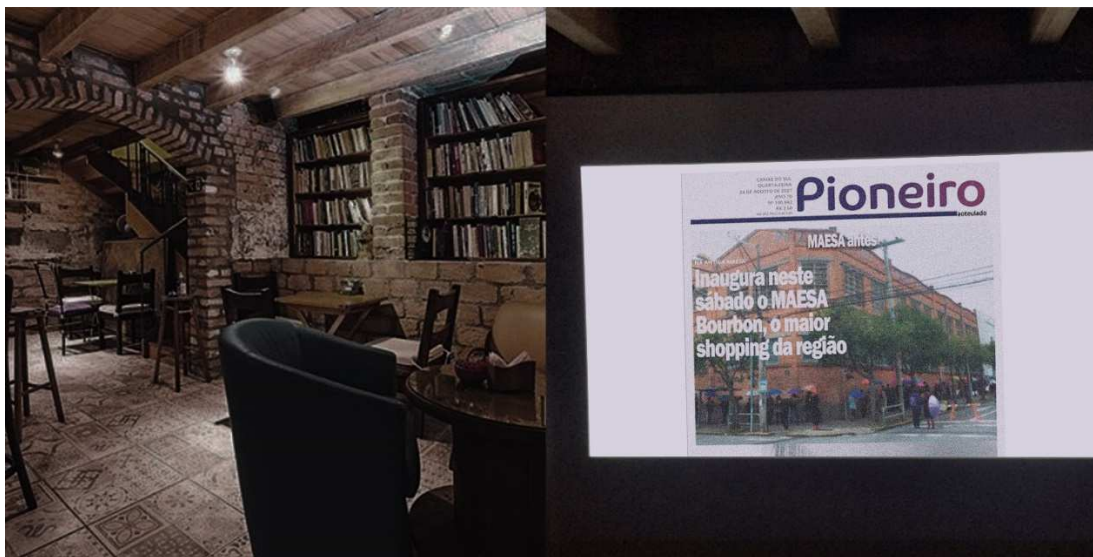
Foi decidido que a apresentação das capas de jornal iriam ser modificadas em uma nova ordem para o segundo grupo focal. Também o fato de o notebook não ser mais auxiliar, passando a função para um projetor. Como nova proposta de artefato especulativo, eleita a representação física do poder enquadrado na controvérsia, um papel emulando uma lei. O Artefato daria ao participante o poder de decidir sobre a Maesa, simulando a controvérsia pelo ponto de vista da gestão pública.

4.1.2 Grupo Focal 2

O grupo focal 2 ocorreu em um sábado pela manhã, no subsolo de uma cafeteria central envolvida com questões culturais da cidade, a Do Arco da Velha livraria e café. O espaço foi cedido para o autor da pesquisa para a discussão. A livraria e café Do Arco da velha é organizadora do Bloco da Velha, carnaval de rua que ocorre ao lado da Maesa, a livraria também é ponto de reunião de diversas pessoas envolvidas com projetos culturais.

O espaço para o grupo focal foi organizado em formato circular, com o projetor de frente para os assentos dos participantes. Em uma mesa redonda no centro foi colocado os materiais para anotação.

Figura 18 - Grupo Focal 2



Fonte: Autor

Os participantes chegaram ao local e realizaram as entrevistas conforme o protocolo de pesquisa, depois, iniciou-se o grupo focal. Os cenários foram apresentados, posteriormente as capas de jornal. A nova ordem das capas eram: Capa 01 Especulação Imobiliária, capa 02 Museu, capa 03 Maesa cortada ao meio e capa 04 demolição. A apresentação da primeira capa provocou frustração nos perfis engajados com a Maesa e seu legado histórico.

“Meu Deus! Uma lástima se ela ter este destino.” (Perfil artista: Grupo focal 2)

“Ver isso dá uma sensação de impotência.” (Perfil não projetista: Grupo focal 2)

O apelo de shopping no local trouxe o debate das relações de poder e status. O status, aqui foi percebido como o exagero do entorno da Maesa, que fica situada em um bairro nobre da cidade. A capa ainda provocou debate sobre as diferenças econômicas e a cultura do consumo e da aparência.

A capa de museu apresentada provocou nos participantes debates semelhantes ao grupo anterior, o espaço veio à tona novamente. O tamanho ser grandioso e utilizado somente para o museu trouxe comparações com o capa 01 de

shopping, um único propósito era pouco para alguns participantes engajados. Alguns leigos se mostraram descontentes com a realidade de Museu.

“A Maesa é um patrimônio a ser preservado. Mas vendo isso (capa especulativa museu), vejo que não terá como se sustentar..” (Perfil artista: Grupo focal 2)

“Se fosse só museu, teria que ser aberto para outras obras culturais..” (Perfil jornalista: Grupo focal 2)

“As pessoas iriam ali uma vez e só.” (Perfil leigo: Grupo focal 2)

A especulação aqui tocava questões voltadas a preservação do patrimônio histórico enquanto lidava com o descaso de instituir um novo destino para o local conforme a imagem do shopping. Notou-se nos participantes as dificuldades em imaginar uma realidade na qual a cidade continha um grande museu. O destino da Maesa era comparado com os espaços históricos de outras cidades pelo mundo. A capa que simulava um museu provocou nos participantes a urgência de eleger os sérvios que seriam prestados pela Maesa em seu futuro.

“Ela (falando da Maesa) precisa ser vista por outras pessoas daqui pra frente. É importante a cidade crescer e mudar, mas tem coisas que precisam se adaptar. A Maesa poderia ser uma dessas”. (Perfil projetista: Grupo focal 2)

Outro fator relevante para o debate foi que os artefatos especulativos 01 e 02 traziam para o debate comparações com outros temas. Percebeu-se durante o grupo focal que a controvérsia era associada a outros casos envolvendo o território urbano de Caxias do Sul. A revitalização da praça Dante Alighieri, praça central de Caxias do Sul, a demolição do Ceasa para a construção de uma Loja Havan. A remoção de bancas de jornal da praça Dante e o asfaltamento da rua Plácido de castro (entorno da Maesa).

A capa de jornal 3 tocou os participantes no debate das interferências no território da Maesa. Intervir com construções ou remodelações não era antes debatido pelos grupos sobre a Maesa. Outro fator relevante que a especulação provou foi o de debater sobre os fatores de mobilidade da cidade. Alguns dos participantes relataram que projetar pensando no uso do carro é equivocado, sendo que a proposta da Maesa deveria abrigar as diferentes culturas.

“Mais uma Loja Havan?” (Perfil jornalista: Grupo focal 2)

“Está pertinho de acontecer isso. Se a burocracia se prolongar não vamos debater e logo vai ser assim (falando em modificações na arquitetura da Maesa).” (Perfil não projetista: Grupo focal 2)

A situação da Maesa nesta etapa do grupo focal era debatida com divergências. Houveram diferenças nas falas de alguns participantes sobre o formato de preservação do complexo. Para alguns, preservar a casca do complexo industrial não bastava, enquanto para outros a existência da Maesa era que estava em jogo e sim o que seria feito com o espaço. A capa de número 3, por se tratar de uma proposta aproximada do presente era tratada como algo mais eminente, enquanto as demais capas atraíam a imaginação para debates envolvendo questões culturais e normativas de uma Caxias do futuro.

A capa de jornal 4 neste grupo focal chocou a maioria dos participantes. A realidade da Maesa demolida em conjunto de uma chamada apelativa fez com que alguns participantes remetessem a especulação a frustração.

“A chamada já diz tudo. É o final. Lamentável pensar que pode ser assim”. (Perfil artista: Grupo focal 2)

Outro ponto relevante que a capa trouxe, foi fortalecer a dificuldade da gestão pública no enfrentamento da situação. Argumentos relacionados aos bastidores do serviço público emergiram no debate tentando defender a dificuldade dos servidores responsáveis pelo projeto. A especulação ainda contribuiu para sensibilizar o grupo

na necessidade de o caso Maesa ser analisado em conjunto. Notou-se que a capa 4 ainda evidenciou o fator “limbo” que a Maesa aparentava ter perante alguns participantes. Por outro lado, a demolição tocou questões relacionada a tragédia.

Quando o próximo material especulativo foi apresentado os participantes exploraram ainda mais suas diferenças. O documento que simulava uma lei com diretrizes para o caso Maesa provocou o descontentamento para alguns. O fator tempo emergiu devido ao tensionamento que o artefato explorava. Não ter tempo para resolver algo que para alguns é tão complexo trouxe impotência. No entanto, para outros não ligados aos processos de gestão da cidade ficaram divididos. Dar um fim ao caso da Maesa provocou sentimentos de avanço, ao mesmo tempo que para outros a sensação era de que algo estaria inacabado. Para alguns, o artefato especulativo confrontava o senso de ação, no que para outros a realidade futura da Maesa só explorava o jogo de poderes. Questões políticas adentraram na discussão, no entanto, não foi percebido fortes críticas perante ambos os lados. A política entrou em jogo no debate devido aos documento representar o poder municipal perante os cidadãos da cidade. Percebeu-se que o fator desigualdade se fez presente novamente, do mesmo modo que a capa de jornal com o shopping.

Ao final do grupo focal foram realizadas as entrevistas individuais conforme o protocolo, posteriormente as informações do grupo focal foram transcritas e analisadas revelando os principais tópicos abordados. O conteúdo foi debatido como grupo de designers para avaliações na evolução das especulações.

4.1.2.1 Sessão de grupo de projeto da especulação 2

A alteração nas capas de jornal demonstraram-se mais imersivas que a do primeiro grupo focal. Por conterem uma diagramação sem conter notícias de outras naturezas, a profundidade da realidade especulada causava mais impacto. Durante a conversa com o grupo de projeto, entendeu-se que o artefato especulativo lei contribuiu para provocar o grupo em diferentes caminhos. Do mesmo modo que reforçava o argumento de gestão, os assuntos eram também relacionados ao tempo, tomada de decisão e improdutividade. Este artefato, percebeu-se também que pelo artefato estar na ordem logo após a demolição ele provocou mais fatores negativos

do que positivos nos participantes engajados com a Maesa. Para os participantes neutros, o artefato revelou uma bagunça envolvendo os poderes públicos e os engajados com a causa do complexo industrial. Durante o debate sobre a contribuição das no grupo 2, entendeu-se que era pertinente explorar novos caminhos. Durante o processo de discussão foram registradas algumas informações reunidas na imagem a seguir.

Figura 19 - Tópicos abordados Grupo focal 2



Fonte: Autor

A decisão para o grupo focal 3 era a de modificar a ordem das capas de jornal, sendo que uma delas seria removida para a introdução de uma nova realidade ficcional. A ordem das capas seria a seguinte:

Maesa Museu, Maesa Shopping, Maesa Demolição, Maesa feira portas abertas.

O nova realidade especulada para a controvérsia se ateuve ao elemento “Casca” do complexo industrial. Nesta realidade, o complexo industrial não havia chegado a sua resolução utópica perante aos fatos da controvérsia mais relacionados a uma Maesa preservada e coletiva. A realidade ficcional projetada tocava em assuntos relacionados a tais desejos, como a feira de agricultores dentro do complexo, no

entanto o complexo industrial somente teve sua casca arquitetônica preservada devido a fatores técnicos da preservação. Alguns pontos da Maesa ainda eram mantidos fechados. O mercado público, item debatido a exaustão na controvérsia não era mais na Maesa e sim em outro ponto da cidade com tamanhos necessários. O local escolhido foi o hipermercado BIG, que fica também na região central. Abaixo consta a imagem de capa desenvolvida.

Figura 20 - Capa de jornal especulativa Maesa
feira portas abertas



Fonte: Debatido no grupo de projeto. Elaborado pelo autor.

A nova capa de jornal já tinha sido construída. Por outro lado, os demais artefatos especulativos precisavam ser desenvolvidos. Durante o debate criativo foi decidido que haveria o retorno do artefato entulho e artefato lei, no entanto, o termo bagunça deveria ser provocado. Para isso, foi desenvolvida uma arte que simulava uma faixa de atenção inspirada em fachadas de perigo utilizadas pela polícia.

A frase contendo “Fique longe, área da bagunça” foi inserida para provocar os participantes do grupo focal 3.

Figura 21 - Placa especulativa Área da bagunça



Fonte: Autor

As capas de jornal especulativas foram organizadas na ordem conforme consta na imagem abaixo.

Figura 22 - Organização das capas especulativas Grupo Focal 3



Fonte: Debatido no grupo de projeto. Elaborado pelo autor.

A organização para o grupo focal 3 foi a seguinte:

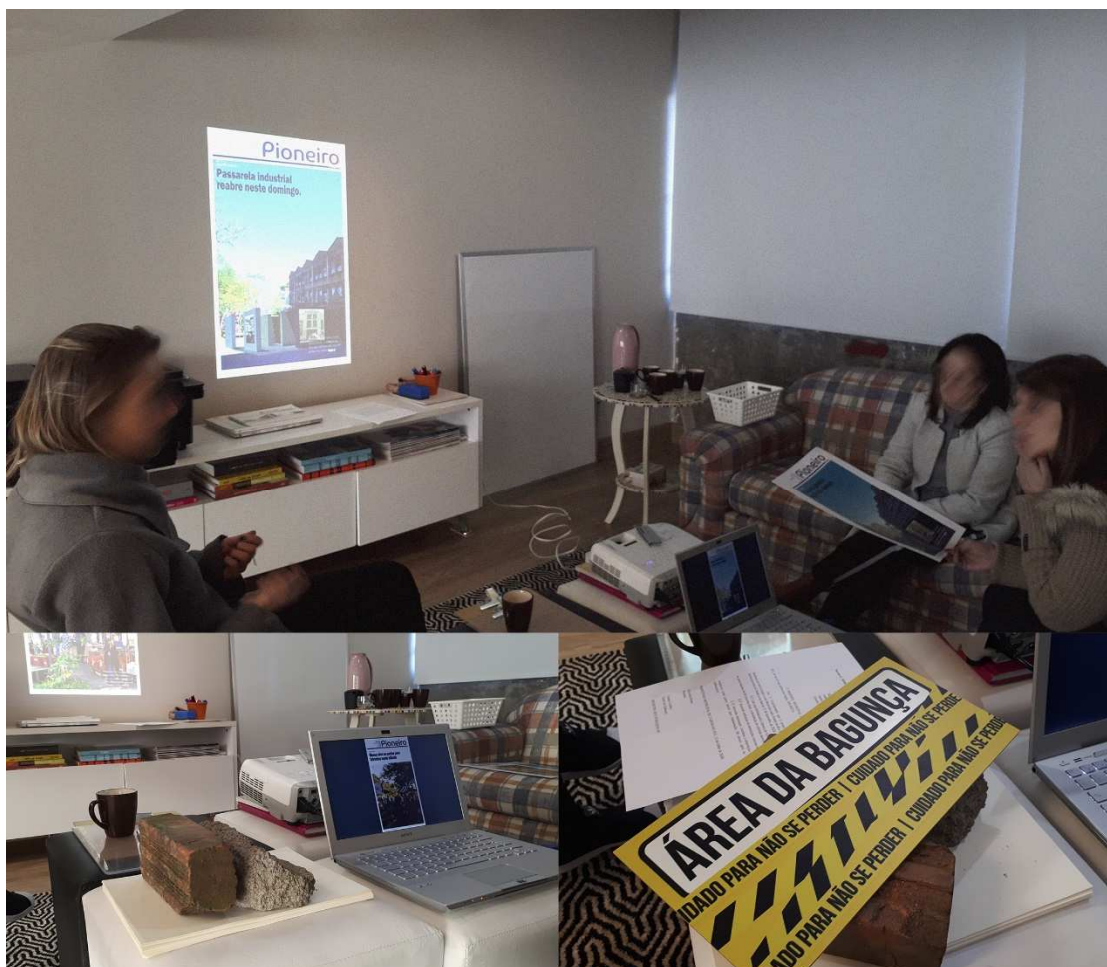
Sensibilização realidades ficcionais, capas de jornal, entulho, lei, placa da bagunça.

Grupo Focal 3

O terceiro grupo focal ocorreu em uma tarde de quarta-feira em um espaço cedido por um dos participantes. O espaço reservado para o grupo focal, era a área de convivência de um escritório. Os participantes chegaram ao local e realizaram as entrevistas conforme o protocolo de pesquisa, depois, iniciou-se o grupo focal. Os cenários foram apresentados, posteriormente as capas de jornal. A nova ordem das capas eram: Capa 01 Museu, capa 02 Especulação Imobiliária, capa 03 demolição ao meio e capa 04 demolição.

O terceiro grupo focal reagiu de forma diferente aos grupos focais anteriores ao ter contato com a capa da realidade museu. A ocupação da Maesa foi debatida ao invés do trato específico dos serviços prestados pelo complexo industrial. Por outro lado, questões relacionadas a memória e cultura local emergiram. O material especulativo provocou nos participantes uma divisão entre passado, presente e futuro. O contato com as capas de jornais especulativas traziam para o debate as bagagens dos participantes, ao mesmo tempo que eles confrontavam as dificuldades da Maesa no presente e o papel da Maesa do futuro. A memória provocada pelo fator museu questionou no grupo a oferta de uma cultura da Maesa esquecida passando de geração a geração, ao mesmo tempo que para outros a distinção de tempo não era associada. A indecisão do que se fazer com o espaço se manteve em alguns participantes, em contrapartida, o destino da Maesa ficou mais real para outros participantes.

Figura 23 - Grupo Focal 3



Fonte: Autor

A capa de jornal 2, que nesta ordem era a realidade shopping provocou revolta em alguns.

“Ai. Para de mostrar isso pra nós!” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

Em outros participantes, questões relacionadas a cultura do consumo emergiram.

“Comprar bastante e se aparecer!” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

A localização da Maesa entrou em discussão. O fato ligado ao complexo estar localizado na região nobre permeou a discussão. Alguns participantes não identificaram tais ligações. A Localidade para alguns não afetaria o entorno, sendo

que para outros o entorno estava completamente comprometido. A ideia de demolição, neste caso da pesquisa não se reforçou. O grupo percebeu que a Maesa precisava existir, no entanto, com serviços divergentes. Para alguns o Mercado Público deveria estar inserido nas dependências da Maesa, enquanto para outros, o shopping não era uma ideia descartada. A capa especulativa realçava a dificuldade de manter a memória e se manter com os custos em dia em caso de um museu estar localizado no complexo.

A capa 3 trouxe emergência para alguns e descaso para outros. A realidade de demolição provocou os participantes no debate de uma Maesa que pode retornar para o estado¹⁰, enquanto para outros o descaso com o patrimônio histórico emergiu. Neste ponto do grupo focal, comparações com situações semelhantes como o caso da revitalização da Praça Dante Alighieri e a loja Havan foram citadas.

“Nós já estamos acostumados com este tipo de acontecimento. Se ocorresse com a Maesa não seria diferente.” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

A capa 4, capa que trazia a nova realidade especulativa, fez o tema da casca conservada entrar na discussão. Para alguns, não era problema manter a casa e remodelar internamente, no entanto para outros a Maesa conservada era uma Maesa que manteria sua volumetria interna. Os participantes que defendiam a volumetria depois perceberam que por questões técnicas e de segurança, a volumetria poderia ser levemente adaptada. Para outros a volumetria modificada não representava perdas na conservação da Maesa. Características relacionadas ao simbolismo arquitetônico da Maesa para novas gerações surgiram. Manter a casca no entorno era melhor do que manter somente a fachada da entrada. Comparações com outras construções locais foram realizadas.

“Manter só a casca da Maesa não é manter a Maesa. É importante tentar preservar os volumes contidos dentro do complexo.” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

¹⁰ Atualmente o espaço é ocupado apenas pelo Setor de Videomonitoramento da Guarda Municipal e pela Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal da Cultura. No entanto, o coletivo “Abraça a Maesa” questiona a atuação da Prefeitura para a apropriação do local. [...]O secretário Municipal da Cultura afirma que existe apenas uma hipótese de que Caxias possa perder a Maesa. [...] Ele declara que a Prefeitura não entende haver risco de o imóvel retornar ao Poder Público Estadual. (RÁDIO CAXIAS, 2019)

“Se abrissem já assim (referindo-se a capa feira aberta) já seria de muito bom uso por nós.” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

“Mas uma vez era assim. Porque travaram tudo. Não consigo entender..” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

A situação da Maesa aberta somente como feira trouxeram sensações de uma realidade presente. Para alguns participantes, abrir as portas é mais do que necessário para a Maesa se fortalecer. Para outros, ter o que fazer com a Maesa é a maior discussão. Os perfis projetistas nesta hora defendem mais questões de projeto, enquanto os perfis não projetistas defenderam a utilidade da Maesa para a cidade. Para eles, o que importava era que o espaço fosse utilizado para a população como um todo. Fatores relacionados ao que é público e privado retornaram. As diferenças entre a Maesa ser de todos, de poucos ou de ninguém colocaram a discussão para um caminho de quem teria que exercer o poder sobre a Maesa.

O artefato especulativo entulho foi apresentado e trouxe à tona mais ênfase na discussão sobre as divergências dentro da controvérsia. Para alguns, o dever era da prefeitura municipal, no entanto, para outros era necessário fazer a prefeitura entender a relevância de uma consulta pública sobre o futuro da Maesa. A discussão adentrou-se em temas ligados a política. Notou-se que o artefato entulho sensibilizou os participantes no enfrentamento de visões políticas.

“Isso (falando do entulho) é um símbolo de descaso com nós.” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

“Só de pegar este tijolo imaginando isso (o contexto da especulação) já me causa arrepios.” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

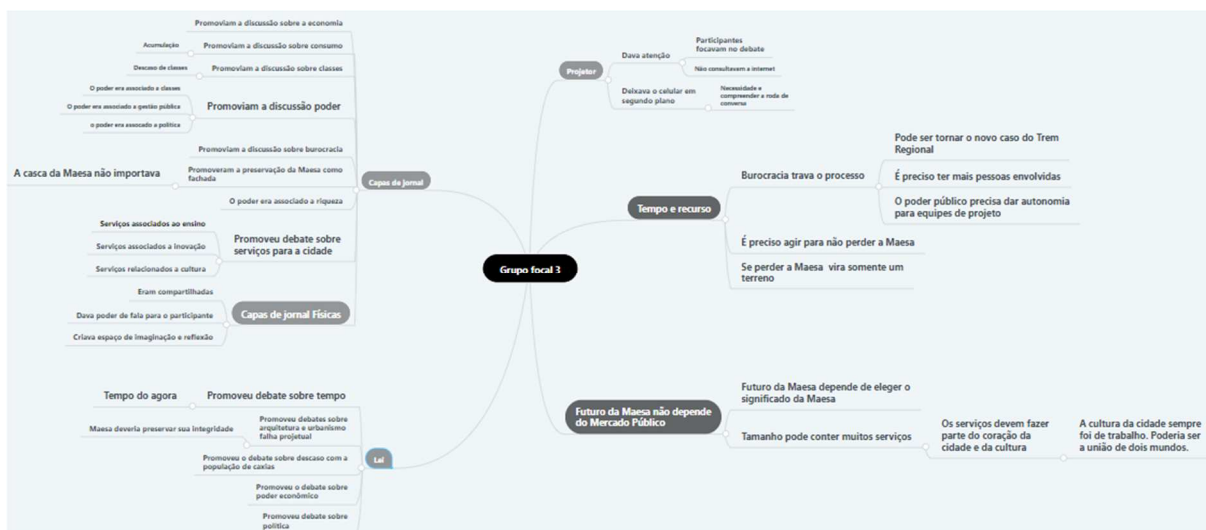
“Tem tanta gente que viveu e cresceu lá. Ter um final assim seria descaso mesmo. Teria que ter uma forma de cobrar mais ou poder auxiliar.” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

Quando o artefato lei foi inserido para o grupo, ele trouxe resultados diferentes do grupo focal anterior. A proposta de lei para alguns participantes evidenciava o poder de avanço nos processos da Maesa, enquanto que para outro participante a especulação remetia a negligência do poder do poder público sobre o caso. O perfil anônimo não associou o artefato Lei com descaso, mas sim com um processo necessário. Além disso, enquanto era debatido sobre poderes, este perfil prostrou-se como questionador da posse do poder. Percebeu-se que o artefato especulativo promoveu um novo olhar sobre a controvérsia explorada pela pesquisa.

Quando foi apresentado o último artefato especulativo, a placa que simulava a área da bagunça, novamente os participantes divergiram. Para alguns a placa evidenciava a lentidão da discussão sobre o caso Maesa em conjunto a comunidade, para outros a complexidade que o caso continha. Em contrapartida, o artefato especulativo expandiu as questões referentes a necessidade de projetar uma Maesa ou não. Percebeu-se que a mensagem da placa expandia a reflexão no grupo sobre as especulações apresentadas anteriormente. Notou-se que para alguns, a placa assumia características da complexidade do tema da controvérsia.

Por fim, a distinção entre público e privado evoluiu conforme o grupo focal chegava ao fim. Durante o grupo focal, percebeu-se que os artefatos especulativos apresentados argumentava com questões pertinentes exploradas por diferentes pontos de vista da controvérsia. Ao mesmo tempo, tais artefatos também exploravam diferentes modos de analisar a controvérsia. Como síntese do grupo focal 3, foi construído uma imagem explorando os principais tópicos abordados.

Figura 24 - Tópicos abordados Grupo Focal 3



Fonte: Autor

Compreendeu-se que os grupos aprofundaram ainda mais a temática da controvérsia da Maesa, ao mesmo tempo que confrontavam realidades ficcionais que exigiam novos modos de ver a controvérsia.

Como síntese dos 3 grupos focais, foi organizado um quadro comparativo que explora os principais tópicos abordados durante o contato dos participantes com os artefatos especulativos. A partir da perspectiva da TAR, foi observado o movimento dos atores nos grupos focais 1, 2 e 3. Durante os grupos focais os artefatos especulativos interagiram com a rede de atores, abrindo novas perspectivas para a trajetória da especulação na controvérsia. Os movimentos dos atores no grupo focal 1 foram observados, posteriormente levados para a discussão com o grupo de projeto sobre a trajetória da especulação. Este ciclo foi repedido 3 vezes (antes do grupo focal 1, 2 e 3). A observação dos movimentos do grupo focal 3 foi feita pelo autor da pesquisa, no entanto não debatida com o grupo de projeto, devido ao tempo de pesquisa conter somente 3 ciclos de grupo focal e grupo de projeto.

Conforme a perspectiva da TAR, este contexto não é observado somente pelo ponto de vista das pessoas se relacionarem com os objetos. Conforme Latour (1994) a rede de atores interagem entre si criando novas conexões, muitas delas improváveis de serem vistas. Com isso, a especulação dentro do contexto da controvérsia é a lente

da TAR. Seguindo as propostas de Latour (2005) e Venturini (2010), foi criada uma representação visual das relações dos actantes do grupo focal. Destaca-se também que nesta análise, os artefatos especulativos também entram como atores que interagem entre si. O mapa representado buscou explorar as conexões realizadas entre os atores com base nos estudos da TAR. A representação do mapa foi inspirada nos estudos de (CERRETTO; DE DOMENICO, 2016). Este quadro serviu para compreender a agência dos atores. Deste modo, percebe-se o papel do design especulativo na rede de atores gerando insumos da controvérsia para a trajetória da especulação em questão.

Quadro 5 - Relação dos atores humanos e não humanos na especulação

Descrição dos acontecimentos	Um olhar da TAR
<p>As capas de jornal especulativas do grupo focal 1 criaram desvios do enredo da controvérsia entre os participantes. A possibilidade de outras chamadas dentro do enredo das realidades provocou nos participantes uma abertura de conexões com o contexto da controvérsia. As capas seguintes não criaram o desvio. (1)</p>	<p>As capas originais, com mais notícias (não humano) desviava a atenção da controvérsia. (1)</p>
<p>A visualização das capas de jornal nos smartphones não foram tão efetivas nos ambientes com a presença do projetor. Foi percebido que durante a discussão a presença constante do smartphone possibilitava a consulta de. No entanto, salienta-se aqui, que a consulta estava vinculada a um ponto de vista dentro da controvérsia. Neste ponto, a consulta servia somente para ilustrar ou evidenciar informações propagadas no debate. Informações para serem acrescentadas no debate. (2)</p>	<p>A ausência do projetor (não humano) no grupo focal 1 permitia uma maior interação com o celular e a internet (não humano) para pesquisa. (2)</p>
<p>Notou-se também que a ausência do projetor facilitava a atenção dos participantes na fala dos demais colegas do grupo devido a atenção necessária para a leitura no formato pequeno. (3)</p>	<p>A ausência do projetor (não humano) dava a importância para os participantes (humano). (3)</p>
<p>A tela de notebook perdeu relevância para as capas de jornal impressas. Além da capa física evidenciar o contexto da controvérsia e da especulação, ela era passada entre os participantes do grupo focal. (4)</p>	<p>A capa impressa (não humano) sobrepôs a relevância da tela (não humano). (4)</p>
<p>Percebeu-se que os participantes com perfil menos engajado com a controvérsia Maesa se prostraram mais favoráveis a atitudes de diálogo. A especulação para este perfil agia como uma potencialização dos fatores positivos ou negativos A relação entre as capas de jornal especulativas e os perfis não leigos enquadra-se nas propostas distópicas e utópicas enquadradas nos projetos ficcionais. (5)</p>	<p>As capas especulativas (não humano) interagiam diretamente com os perfis leigos, convidando-os para o debate. (5)</p>

No grupos 2 e 3 o acesso à internet era bloqueado, sendo que a localização não permitia o acesso por redes móveis. A não utilização da internet provocou atenção dentro do contexto da controvérsia. **(6)**

O artefato entulho, no grupo focal 1 inicialmente causou estranhamento, nos grupos 2 e 3 geraram senso de urgência. O artefato especulativo ainda provocou o acionamento de argumentos voltados ao patrimônio histórico e gestão econômica. No grupo focal 3 a presença do artefato entulho o conectou com a capa de jornal de demolição. **(7)**

No grupo focal 1, as cadeiras sem encosto em conjunto com o tempo de exposição dos participantes, horário noturno, fez os participantes levantarem de seus acentos e buscarem o alimento organizado pelo pesquisador. Ao mesmo tempo que essa ação representava questões alimentares e cansaço, o debate sobre a controvérsia tomava uma proporção de debate de ideias. Os participantes neste momento não se confrontavam-se em suas visões particulares, mas sim, a imaginação das particularidades de cada ponto da controvérsia. A especulação tomava proporções de visualização de novos horizontes. **(8)**

No grupo focal 2 a relação entre os atores ocorreu diferente dos demais. Por se tratar de um ambiente subsolo de uma cafeteria, que era ambientada por diferentes atores livros e objetos decorativos, luz amarela controlada e poltronas confortáveis, o envolvimento com a controvérsia seguiu um caminho mais narrativo e imersivo. A presença do projetor que iluminava a penumbra chamava os participantes para o envolvimento dentro narrativa ficcional projetada. **(9)**

Para os participantes atores humanos leigos, a relação com os atores não humanos projetor e poltrona os fazia primeiramente assistir o desenvolvimento do enredo, que posteriormente os convidava para a interação. **(10)**

No grupo focal 3, o artefato lei em conjunto com as capas de jornal e entulho evidenciavam a perda da Maesa devido a problemas de gestão do poder público. Ao mesmo tempo que para os leigos, a perda da Maesa não significava somente o fim do patrimônio histórico, mas sim um novo caminho para o terreno central. No grupo focal 2, o artefato lei emanou os atores políticos, ao mesmo tempo que evidenciava o poder e o tempo. **(11)**

O sistema de inserção de senhas (não humano) permitiu o foco dos participantes na controvérsia. **(6)**

O **artefato entulho** (não humano) inseriu os participantes nos temas **futuros da controvérsia**. **(7)**

O mobiliário em conjunto com o horário do grupo focal (não humano) possibilitou a fome que criou um ambiente de criação de ideias. **(8)**

O **ambiente da cafeteria** (não humano) criou uma **imersão** nos participantes. **(9)**

A poltrona (não humano) permitia o perfil leigo **observar a controvérsia**. **(10)**

O artefato lei (não humano) **provocou a observação** de sintomas sociais futuros e **ideias de tomada de decisão** nos participantes. **(11)**

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base nos movimentos realizados no grupo focal e nas modificações das trajetórias da especulação foi organizado tópicos de discussão que serão explorados a seguir na sessão 5.

5. DISCUSSÕES

A partir dos resultados apresentados na sessão anterior, será discutido aqui com maior profundidade os achados da pesquisa vinculados aos objetivos de pesquisa. Foi visto que o (i) O Design especulativo media as redes na controvérsia; (ii) O Design Especulativo motiva as perspectivas da controvérsia; (iii) O design especulativo sensibiliza os atores em diferentes pontos de vista; (iv) A controvérsia permite repensar o briefing de projeto; (V) O design especulativo na controvérsia permite uma prototipação coletiva de novas ficções; Tais tópicos serão debatidos a seguir.

5.1 DESIGN ESPECULATIVO MEDIA AS REDES NA CONTROVÉRSIA

Durante os grupos focais os artefatos especulativos foram apresentados gerando o debate sobre o potencial da controvérsia. Percebeu-se que devido as propostas de especulação estarem vinculadas no contexto da controvérsia, os artefatos geravam desconforto em diversos pontos explorados pela controvérsia. O contexto de catástrofe gerava perturbação para participantes que defendiam a conservação do complexo industrial, no entanto, para os participantes posicionados contrariados ao posicionamento a especulação contribuía para a geração de novas ideias. Dentro das discussões envolvendo os pontos de vista defendidos pelos participantes posicionados, a especulação mediou o diálogo entre ambos os lados, facilitando a visualização dos pontos de vistas distintos.

Notou-se que os artefatos especulativos em muitos momentos não assumiam características de provocação, mas sim de um choque de realidade para os pontos de vistas distintos explorados nos grupos focais. A especulação ampliava o modo dos participantes enxergarem a controvérsia do caso Maesa. Sendo que permitia os participantes se posicionarem incisivamente em seus pontos de vista. A discussão explorada em muitos momentos não continha teores de negociação, mas de apresentação dos fatos. Percebeu-se também que devido aos artefatos especulativos buscarem realidades distintas dentro da controvérsia, a percepção dos atores dentro da controvérsia era reforçada primeiramente, sendo que no decorrer do grupo focal alguns participantes ampliaram seus pontos de vista. Compreende-se a relação da

especulação como os atores em rede propostos por Latour (2005). A especulação é um ator envolvido no processo de controvérsia, ela intermedia os atores envolvidos com sua proposta de criticidade abordada por Malpass (2017). Para tal, o processo de trajetória da especulação caracteriza-se um reagenciamento da rede de atores formada pela proposta desta pesquisa e do próprio grupo focal. Compreende-se que a visão da TAR proposta pelos autores já citados desconstrói a noção de hierarquia. Sem existir a distinção de poderes, a especulação dentro da controvérsia permite explorar novos agenciamentos entre os atores. No ponto de vista dos participantes, a controvérsia é um jogo de poderes. Os participantes desconhecem a perspectiva da TAR sobre o olhar do contexto social.

Para os perfis mais radicais, os artefatos especulativos provocaram senso de urgência na realização das temáticas defendidas pelos mesmos. Percebeu-se que para eles, a especulação prevista era um modo de prever o futuro, por mais crítico e ficcional que ele parecesse ser. O papel da especulação neste caso era o de orientar os participantes na visualização de uma trajetória futura. Mesmo ela sendo catastrófica e preocupante. A especulação assumia o ponto de vista da crise, evidenciando seu potencial e tornando o contato com o artefato especulativo chocante e negativo. Para os perfis leigos presentes no grupo focal, o contato com os artefatos especulativos provocou a imersão no contexto da controvérsia. Sendo que evidenciou as particularidades da controvérsia e os poderes envolvidos nela. Ao mesmo modo que, permitiu o perfil leigo de assumir um papel pacificador dentro da controvérsia. O papel pacificador buscava compreender e criar contextos no qual a controvérsia não teria uma solução, mas um tempo para o seu final. A especulação também permitia que os participantes pudessem apontar novas perspectivas para os participantes radicais. O contato com a especulação possibilitava que o posicionamento do ator fosse o de reposicionar o ator radical em uma nova hierarquia de posicionamento.

Além do posicionamento dos atores humanos em contato com a controvérsia, percebeu-se conforme o tópico 4.2, que a relação dos humanos com os não humanos é modificada. A interação dos artefatos especulativos, em conjunto do contexto do ambiente, dos perfis selecionados para o grupo focal, possibilitava uma nova perspectiva de visualização da controvérsia. A especulação neste momento, assumia características de mediação, modificando a trajetória dos atores envolvidos, ao mesmo tempo que permitia um novo ponto de vista sobre a controvérsia do caso Maesa.

A controvérsia mapeada no mapeamento da controvérsia possibilitou a compreensão dos designers do grupo de projeto sob o potencial de crise e orientou o que seria projetado como artefato especulativo. Além disso, a controvérsia permitiu que fosse visualizada diferentes facetas da natureza da controvérsia. O design especulativo, projetou artefatos que exerceram papéis críticos e imaginativos para os participantes. Os argumentos apropriados pelo projeto de design especulativo promoveram a discussão sobre a controvérsia do caso Maesa e também do potencial da especulação. O contexto do grupo focal foi analisado pelo ponto de vista da TAR e ela permitiu uma nova perspectiva para o design especulativo projetado. A equipe de projeto entrou em contato com as manifestações dos atores humanos e não humanos, o que possibilitou o novo percurso das especulações. A oportunidade de compreender a relação entre os atores para Latour (1994) é que as redes sociotécnicas abrangem um espaço de possibilidades que favorecem a produção de conhecimento. Sendo que o que age modifica o cenário e deixa rastros. Esta perspectiva possibilitou o design especulativo modificar a trajetória da especulação, e potencializar novas traduções para o contexto da controvérsia.

Durante os grupos focais, observou-se que a materialidade do artefato especulativo também promovia nos debates. Primeiramente, pelos atores humanos estarem interagindo com artefatos projetados pelo design, mesmo que suas configurações formais se familiarizassem com artefatos artísticos. O artefato especulativo promovia um espaço de discussão crítica sobre as realidades propostas no contexto da controvérsia, pelos atores humanos conviverem no contexto da controvérsia o contato com a especulação evidenciava a controvérsia. A materialidade do artefato especulativo também assumiu o papel de dialogar com os atores no decorrer da discussão. O design especulativo assumiu características colaborativas. Para Latour (2005) os actantes se envolvem em seus acordos. Essa negociação entre os atores alista novos saberes dentro da controvérsia. Tendo em vista que Meyer (2011) aborda a relação dos atores em rede com o design. A especulação permite intermediar as agências dos atores. Mesmo sendo mais um ator envolvido na rede, o design especulativo promove a exploração de novas perspectivas dentro da controvérsia. A controvérsia do caso Maesa, por mais complexa que seja, é uma rede de atores que podem ser reagregados.

No decorrer do grupo focal, a trajetória da especulação se modificou devido ao contato com a controvérsia, a mediação dos atores originou novos percursos para a

especulação. A perspectiva da TAR auxiliou em um novo ponto de vista da interação entre os artefatos e o contexto do grupo focal. A TAR, ao mesmo tempo, possibilitou um novo olhar para o projeto da especulação. Ao mesmo tempo que a especulação foi projetada pelo mapeamento da controvérsia, a própria controvérsia manifestada no grupo focal possibilitou novos olhares sobre a controvérsia. A especulação pode contribuir com o contexto de crise da controvérsia, não solucionando-o, mas sim observando suas relações de poder e agências.

Durante a observação dos atores, percebe-se que os artefatos especulativos entram em contato com os ambientes escolhidos para os grupos focais, tais ambientes, reúnem suas próprias configurações de mobiliários, iluminação e dispositivos tecnológicos a disposição além disso, cada ambiente continha suas normas. O horário também era parte do contexto de rede onde os participantes interagiam com a especulação. Cada ator fez sua conexão conforme o desenrolar do grupo focal. Os artefatos especulativos agenciavam os atores (dispositivos tecnológicos, atendimento dos locais, internet, alimentos, mobiliários e os demais participantes) na especulação dentro do contexto da controvérsia. Os artefatos especulativos sensibilizaria os atores na discussão a debaterem as realidades futuras enfrentando um terreno propenso para o embate. Conforme Latour (2012) e Venturini (2010) a controvérsia realça a presença dos atores a serem negociados. Para Malpass (2013), o contato com o artefato possibilita que ele exerça um papel crítico, sendo que ele assume um papel sensível aos argumentos presentes do artefato.

Percebe-se que a especulação intermedia os atores na criticidade da controvérsia, este fator permite os diferentes perfis dos grupos focais conhecerem mais sobre a controvérsia através de outros ângulos, sem contar na oportunidade de gerar novas visões para a controvérsia. A presença da especulação provocava o debate, permitindo conversar com futuros improváveis para a natureza da controvérsia e para a trajetória da especulação.

O contato dos grupos focais com a proposta de especulação enquadrada na controvérsia permite o que a agência tanto de humanos quanto de não humanos conduz conforme Latour (2001) a um dos aspectos mais provocativos da TAR, a simetria entre os primeiros e os segundos (CZARNIAWSKA e HERNES, 2005). Com a ótica da TAR, este pode-se expandir a observação do contexto da controvérsia, podendo observar a interação entre os atores humanos e não humanos. Esta interação, em conjunto com os desdobramentos do grupo focal geram um campo de

prototipagem da especulação. Com isso, os participantes do grupo focal em conjunto com o grupo de projeto se tornam coautores da especulação, modificando sua trajetória original.

5.2 DESIGN ESPECULATIVO MOTIVA AS PERSPECTIVAS DA CONTROVÉRSIA

Durante a apresentação das especulações nos grupos focais, percebeu-se que os atores que entravam em contato com as propostas especulativas percebiam novos modos de enxergar a controvérsia.

“Melhor ter um shopping do que não ter nada”. (Perfil empreendedor: Grupo focal 1)

“Uma Maesa só de museu é muito desperdício. Deverias ter uma forma de dialogar com outros grupos.” (Perfil Artista: Grupo focal 1)

Entende-se que a controvérsia provoca nos atores humanos a sensação de nicho dentro do grupo. Entende-se aqui a relação de Latour (2005) com cultura conhecimento. Pelo fato de a controvérsia da Maesa ser profundamente contextualizada no contexto das narrativas entre imprensa e redes sociais, como consta no mapeamento de controvérsias, entende-se que os atores acabam sendo bloqueados devido ao contato fechado de seus conteúdos absorvidos e grupos de conversa. Conforme visto por Deleuze (1988), a experiência do fora permite o movimento de compreender outras relações. Quando nos grupos focais 1 e 2, o conceito de economia era abordado devido ao contato com a capa especulativa shopping, os participantes concentrados nas visões vinculadas a arte e história, pareciam desconhecer a relação Maesa com os movimentos econômicos da cidade. Ao explorar tal possibilidade, outro modo de perceber a Maesa foi criado.

“Não imaginava que poderia conter um shopping no local da Maesa.” (Perfil Leigo: Grupo focal 1)

“O tamanho da Maesa é tão grande que cabe até um shopping. Desde que não mexam na estrutura do prédio.”

(Perfil Artista: Grupo focal 2)

O movimento que explora a dinâmica da realidade pública e privada. Para Venturini (2010) a controvérsia permite explorar diferentes olhares do contexto. Devido aos atores estarem alienados na complexidade da controvérsia, a proposta de especulação por meio da controvérsia evidenciou a natureza da controvérsia para os participantes do grupo focal.

“Só vendo assim para perceber como tem tanta coisa em jogo.” (Perfil não projetista: Grupo focal 3)

Entende-se que a controvérsia é parte do contexto social, sendo que a relação entre os atores estava ali, na perspectiva da TAR, ao apresentar a especulação, as propostas especulativas agenciaram os atores, configurando novas relações e perspectivas. A proposta de especulação ainda tocou nas hierarquias de poder da controvérsia. As perspectivas evidenciadas exploravam as dinâmicas de poder entre a controvérsia, conforme explora Latour (2012). A relação entre a controvérsia e a especulação é evidente durante a apresentação das propostas especulativas. Por estarem inseridos em contextos variados do contexto social, os participantes (Atores) entram em contato com outros atores não humanos (artefato da especulação e contexto de grupo focal), a interação entre os atores provoca novos modos de ver a controvérsia.

“Essa decisão fica só a cargo da prefeitura. É claro que ela não quer mexer com isso.” (Perfil Artista: Grupo focal 2)

“Se eu tivesse essa lei agora eu daria um canetaço pra mandar buscar recursos privados.” (Perfil empreendedor: Grupo focal 2)

“Imagina nós chegarmos neste futuro? Não está muito longe de acontecer. Já aconteceu com o Cesa.” (Perfil projetista: Grupo focal 2)

Fazendo com o agenciamento dos atores Latour (2005) provoque novos entendimentos sobre a controvérsia, permitindo a exploração de novos caminhos para a especulação.

“Olhando deste jeito. Bem que poderia mesmo ter um espaço de inovação e estudos no complexo.” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

“A Maesa tem que ser relevante para as novas gerações, não somente mostrar o passado.” (Perfil não projetista: Grupo focal 1)

A especulação por si só já permite a provocação sobre o contexto projetado conforme Dunne e Raby (2013). No entanto, ao se tratar de uma especulação que provoca a controvérsia, a própria rede de atores se modificam com o contato da especulação. Latour (2012). Perante isso, além de entender ainda mais contexto da controvérsia, ela sensibiliza os atores envolvidos para conhecer ainda mais a complexidade da controvérsia em suas diversas facetas. Tal sensibilização, entende-se como característica crítica da especulação abordada por Malpass (2017) e Dunne e Raby (2013), pela especulação conter argumentos que exploram a criticidade do artefato no contexto da controvérsia, a provocação que a especulação faz no contexto da controvérsia é motivar as perspectivas como explora Latour (2001). A materialidade do artefato especulativo permite que os atores sejam alistados para negociarem novos contextos (MEYER, 2010) ao mesmo tempo que abrem novos significados (LAW, 1992).

5.3 O DESIGN ESPECULATIVO SENSIBILIZA OS ATORES EM DIFERENTES PONTOS DE VISTA

Quando os atores entram em contato com as propostas de especulação, a primeira relação é a defesa do ponto de vista. Por estarem em contato com a controvérsia, os atores humanos percebem que estão em um contexto mais complexo do que imaginado.

“Se coloca no lugar da prefeitura. A Maesa é só mais uma coisa pra eles darem um jeito.” (Perfil projetista: Grupo focal 1)

Conforme explora Morrin (2011), a complexidade abrange novas formas de avaliar a complexidade. Isto posto, permite que os atores possam se sensibilizar aos temas de outros pontos de vista da controvérsia. Como abordado por Moraes (2016), a negociação só existe quando o ambas as partes conhecem o processo inserido. No entanto, os participantes leigos sentiram-se convidados a compreender a controvérsia e entender os diferentes posicionamentos e desdobramentos.

“Poderia ter as duas coisas. Um pouco do que vocês (perfil artista) quer e um pouco do que é preciso para a cidade ganhar dinheiro.” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

A especulação permitia que os atores debatessem a controvérsia utilizando as diferentes provocações que a especulação causava no grupo focal. Devido à natureza da controvérsia explorar as tensões da controvérsias, os perfis mais engajados com estes pontos se apropriavam da especulação e a criticavam.

“Prefiro mil vezes ir para a Maesa se ela tivesse tudo, do que um shopping..” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

Em contra partida, o perfil com outro ponto de vista da controvérsia rebatia a especulação buscando compreendê-la com maior profundidade como visto por Pinto e Domenico (2014, p.6)

“Se a Maesa não tivesse mais que existir? Nós só iríamos ganhar mais um terreno pra botar prédio de luxo no lugar.”

(Perfil leigo: Grupo focal 2)

“Imagina como tu falou (perfil leigo), se mais pessoas soubessem disso (falando sobre burocracia) outras empresas se interessariam em ajudar no avanço da Maesa. Deixar na mão da prefeitura vai fazer isso demorar muito.” (Perfil empreendedor: Grupo focal 2)

Diferente do tópico anterior, esta descoberta foca no momento de descoberta em conjunto com o desdobramento do perfil a entender que existe um outro lado da moeda.

“Da mesma forma que acontece com a Maesa, está acontecendo com outros lugares pela cidade. Se não nos unirmos a Maesa pode ficar igual essa capa de jornal aí (capa especulativa de demolição).” (Perfil projetista: Grupo focal 2)

A perspectiva da TAR pode-se relacionar com a visão de Malpass (2017) que relata a prática crítica do design. Ao descobrir o ponto de vista divergente pela controvérsia e a relação dos atores, a prática crítica da especulação permite que os atores entendam outros pontos de ver a controvérsia. Ao mesmo tempo o posicionamento dos atores se modificam, tentando equacionar na discussão uma forma de seguir em frente apaziguando a controvérsia.

“A gente não tem mais esse tempo todo para ficar pensando no que é melhor. Se demorar mais, a Maesa vai voltar (falando em voltar pro estado) e perderemos mais um bem.” (Perfil projetista: Grupo focal 1)

É uma forma que Latour (2005) compreende por Translação dos atores. A nova tradução dos atores permite que a especulação transforme os pontos de vista. Quanto

a transformação dos atores, entende-se que a descoberta de novos significados e relações permite que o futuro seja desdobrado em diferentes formas. Sendo que para Latour (2001) a descoberta é a nova forma de conhecer o contexto social. A controvérsia permite evidenciar o não dito para os participantes.

5.4 A CONTROVÉRSIA PERMITE REPENSAR A ESPECULAÇÃO E MODIFICAR A TRAJETÓRIA DA ESPECULAÇÃO

Após as descobertas encontradas no mapeamento da controvérsia, o grupo de projeto foi orientado para a criação da proposta de especulação que seria levada nos grupos focais. A compreensão da controvérsia orientou o autor desta pesquisa e o grupo de projeto na definição do que seria projetado. A controvérsia neste ponto assumia a características de *briefing* de projeto. Compreende-se na visão de Peter Philhs (2017) que o *briefing* atua. A criação da especulação partia do pressuposto de Auger (2013) e Dunne e Raby (2013). Para isso, o entendimento de que o artefato evocava Kippendorf (2006) permitiu na exploração de diferentes argumentos de projeto. A decisão de eleger o tema de capas de jornal evidenciando narrativas distintas da controvérsia e a demolição com os entulhos partiu do contexto da controvérsia. A controvérsia permitiu que analisar o briefing de projeto e compreender o que seria levado como especulação para o debate. Conforme explorado por Reeves (2016), o contato com a especulação permitiu imaginar grandes visões para a controvérsia Maesa, sejam elas de catástrofe ou de utopias. Percebe-se que a especulação permite a exploração de novos futuros (Dunne; Raby 2013), no entanto ela necessita explorar sua crítica, seja ela tecnológica ou social (MALPASS, 2017).

Quando a especulação foi apresentada no grupo focal 1, notou-se que ela provocou os participantes na descoberta de diferentes pontos de vista conforme o tópico acima.

“O bairro exposição (bairro nobre onde consta a Maesa) Não pode ser visto somente como perfil de Classe A. Ele abriga o parque dos macaquinhos. E lá vai de tudo! Ao ver essa imagem (capa de jornal do shopping) fica claro que a

discussão da Maesa é além do consumo.” (Perfil artista: Grupo focal 2)

No entanto, o contato com a especulação evidenciou novos caminhos para o que seria projetado a seguir.

“Poderia ter mais serviços para os jovens. Tipo uma faculdade, ou algo de cursos.” (Perfil leigo: Grupo focal 3)

“Do jeito que está ai (capa de jornal Feira aberta), imagino que poderia ser pelo menos aberta pra uma feirinha mesmo. Isso ajudaria o governo a entender que estamos usando a Maesa”. (Perfil projetista: Grupo focal 3)

“Penso que do jeito que está não teremos sucesso. Como você falaste (perfil leigo), não vamos conseguir agradar a todos, poderia ser mesmo um pouco de tudo..” (Perfil artista: Grupo focal 2)

Da mesma forma que a especulação provoca os participantes no debate, a especulação na controvérsia permite descobrir novas formas de especulação. Como visto por Malpass (2017), a criticidade da prática crítica evidencia a prática crítica como parte do projeto e não simplesmente uma etapa criativa.

“isso (sobre o contato da especulação) abre muito a cabeça.” (Perfil artista: Grupo focal 2)

“É como se nós estivéssemos prevendo o futuro da Maesa aqui. Mais pessoas teriam que ter acesso a isso.” (Perfil artista: Grupo focal 2)

Deste modo, a criticidade da controvérsia entre os atores, sendo que a rede buscava a tradução permitia novas formas de localizar novas intenções de projeto,

conforme Pether Philips (2017). Já Latour (2012), aborda a complexidade da controvérsia pode ser segmentada em fatores passíveis observação. Como abordado por Meyer (2011), o design mobiliza aliados na rede.

Ao analisarmos tal abordagem sob o papel visto pelo design especulativo até então, compreende-se que o design especulativo dentro da controvérsia assumia características mobilizadoras. Sua proposta ilustrava novos contextos da controvérsia para os atores. Dentro do argumento da agência vista nos estudos de (Venturini 2010), (Latour, 2005) permite que os atores possam criar novas conexões e desenvolver novos saberes. Da mesma forma, os atores humanos e não humanos estão criando relações na discussão da especulação. Deste modo, pode-se entender que o próprio ato da apresentação da especulação já era uma rede de atores, contendo a união de horário, local, sistemas de normas do espaço, atores humanos e suas competências e a própria rede da controvérsia. A modificação na trajetória da especulação, não foi percebida como uma correção de rota, mas como uma forma de repensar o projeto. Como visto por (JOHUNG, 2016) a pensar o projeto pelos cenários como uma forma de explorar novas descobertas, pode-se ser apropriada para a especulação da controvérsia do caso Maesa.

“Se fosse um parque tecnológico, faria muito sentido. Ao invés de ter um shopping. Poderia ter a Maesa preservada como estrutura e dentro novos serviços. Tipo esses de startup sabe?” (Perfil projetista: Grupo focal 3)

“Vejo que a Maesa é tão grande que ela pode tudo. O problema é que se fosse um concurso público (falando em projetar a Maesa) ficaria difícil passar as informações corretas. O melhor caminho mesmo é como essa capa ai (capa de jornal maesa com a rua cortada), unir um pouco de história com pequenas intervenções estruturais. Se preservar tudo impedindo vira museu como ele (autor da pesquisa) mostrou.” (Perfil não projetista: Grupo focal 2)

A integração entre grupo focal e equipe de projeto permitia que os participantes do grupo focal tocassem assuntos que depois eram levados para a discussão com o

grupo de projetos. O ato de colaborar na criação do projeto enquadra-se nos projetos colaborativos (COOKE; KOTHARI, 2001) e (MALPASS, 2017). O processo, se visto da ótica da TAR, descreve uma tradução de novos conhecimentos, sendo que para Venturini (2010) controvérsia deve-se ser explorada ao extremo. Explorar novos caminhos relaciona-se com os argumentos de Dunne e Raby (2013) de que o design especulativo auxilia na busca de sonhos. Da mesma forma que pode-se compreender tais sonhos como narrativas, como as vistas nas ficções do cinema e literatura.

O processo de sessões de grupos focais intercalados com discussões de projeto permitiram uma prototipação coletiva da especulação. Após as sessões dos grupos focais, as evidências percebidas após as transcrições dos áudios eram debatidas com o grupo de projeto, permitindo novas abordagens da especulação no contexto da controvérsia Maesa. Entende-se que a busca pelo futuro, seja ele utópico e distópico é parte do projeto da especulação. Ao introduzir a especulação na controvérsia, ela se manifesta conduzindo o processo para novos desdobramentos.

5.5 O DESIGN ESPECULATIVO NA CONTROVÉRSIA PERMITE UMA PROTOTIPAÇÃO COLETIVA DE NOVAS FICÇÕES

A controvérsia por si só, já é um contexto complexo de relações. O que para Latour (2005) é visto como. Do mesmo modo, a controvérsia permite explorar diferentes visões para a especulação. Conforme as capas de jornal eram apresentadas, cada uma continha as visões de futuros para o contexto da Maesa. O contato com as propostas geravam debates que imaginavam tais realidades. A imaginação das realidades propostas, é visto por Malpass (2013) como, sendo que na visão de Latour (2012), explora-se o conceito de descoberta do conhecimento. Os artefatos especulativos exerceram o agenciamento, sendo que muitos deles provocavam visões futuras catastróficas, utópicas e de presentes futuros. Além disto, as realidades debatidas durante o grupo focal, era percebido como uma forma de exercício da democracia. Que para autor de democracia. Pode-se relacionar o ato dos atores como as manifestações dos poderes enquanto cidadãos, gestão pública e direitos sociais.

“Fica mais evidente que é preciso pensar sobre a Maesa, indiferente de posicionamentos sobre ela. Vai surgir ideias!” (Perfil artista: Grupo focal 3)

Do mesmo modo como o arquiteto Alejandro Aravena, aborda no TED 2014 sobre o contexto da negociação coletiva de um futuro para o Chile, foi visto que, com suas devidas proporções, a controvérsia da Maesa era debatida da mesma forma. Os atores debatiam forma de ver o futuro do espaço da Maesa com diferentes olhares.

“Acho importante tu (pesquisador) nos mostrar esse olhar, só vendo pra crer que pode acontecer isso (sobre as especulações da Maesa.)” (Perfil artista: Grupo focal 1)

“Não conseguia entender porque falavam tanto dessa Maesa. Só aqui percebi o tamanho dessa história pra vocês.” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

Como citado no filme *Her*, na especulação de uma Los Angeles com trem até a praia, as realidades eram imaginadas com suas normas e devidos regimentos, como abordado no design ficcional por (MALPASS, 2017). A envolve formas de pensar um novo modo de realidades. Como nas narrativas no qual os roteiristas, cineastas e escritores dão vida para novos mundos e suas regras, a ficção no design possibilita tais argumentos no contexto da controvérsia. Durante o grupo 1, quando os participantes visualizaram a capa no qual a Maesa era demolida, a imagem representativa da cena tocou os perfis engajados fazendo-os imaginar como se a especulação fosse um portal para uma dimensão próxima, prestes a acontecer.

“Isso tem tudo pra acontecer do jeito que as coisas estão acontecendo.” (Perfil não projetista: Grupo focal 1)

“Ver isso é muito triste.” (Perfil projetista: Grupo focal 1)

Já na realidade apresentada na capa de jornal com uma Maesa Shopping, os participantes interagiam com a realidade compreendendo as relações de poder da sociedade e debatendo o consumo, o capitalismo a produção em massa, o varejo.

“Se tivesse mesmo um shopping, só iria ter loja de grife mesmo.” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

“iria virar uma Oscar Freire de Caxias.” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

“O povo de Caxias vai pro shopping porque aqui não tem nada pra se fazer. Se vai pro Shopping pra comer.” (Perfil leigo: Grupo focal 1)

Para Latour (2001), tal relação evidencia a visão de uma sociedade voltada para o futuro. Os argumentos provocados pelas especulações originavam novas rotas de futuro. A controvérsia da Maesa visualizava seu fim, sua incapacidade de solução, sua abertura reformada, atos de vandalismo, etc. Os artefatos abriam portas antes não vistas pelos participantes. Latour (2012) e Maplass (2013). A especulação na controvérsia permitia que os participantes fossem co-autores das ficções.

“Se fosse um lugar aberto a todos os públicos, a Maesa já iria fazer sentido na cidade. Teria que ser um espaço que se você viesse pra Caxias, você teria que ir lá.” (Perfil leigo: Grupo focal 3)

“Além de um museu sobre a memória e cultura de Caxias, o espaço da Maesa deveria ser um misto de serviços que te prendessem lá o dia todo.” (Perfil artista: Grupo focal 2)

Como abordado por Auger (2013), o futuro pode ser tocado por diferentes formas, sendo que uma delas são as visões de realidades futuras. A partir delas a sociedade pode perceber os caminhos que queira seguir. Do mesmo modo que a ficção no design pode contribuir para visualizar novas narrativas sociais, a especulação permite que tais narrativas sejam observadas em suas formas mais provocativas. A aberração ou exagero, sátira as vezes utilizado pela especulação toca em sintomas sociais reais. Conforme abordado pela série Black Mirror.

Com os autores sensibilizados com diferentes formas de enxergar a controvérsia, o design especulativo permite que eles possam imaginar e trocar informações. Pode ser vista como parte do processo de prototipagem. Devido ao contexto da controvérsia em conjunto com os grupos focais interligados por sessões de grupo de projeto com os designers, percebe-se que a especulação assumia características pertinentes a prototipação. O contexto de grupos focais com os participantes da controvérsia intercalados com as sessões de projeto com o grupo de projeto com os designers permitiam que o autor desta pesquisa explorasse o mapeamento da controvérsia (VENTURINI, 2010) e as relações dos atores (LATOURE, 2012), (MEYER, 2011). Isto posto, permitia investigar o contexto da controvérsia sabendo mais sobre sua complexidade (MORRIN, 2011).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se a compreender o papel do design especulativo como mediador de um contexto de controvérsias. Para responder tal objetivo, buscou-se na literatura o design como prática crítica, especulativa e ficcional. Em seguida foi abordado o contexto de mediação e controvérsia orientados pela perspectiva da TAR. A perspectiva da TAR permitiu compreender a observação do contexto da controvérsia, a relação de diferentes atores, humanos e não humanos, sendo que tais atores podiam se relacionar em diferentes situações. Tais relações, compreendem uma rede interconectada de atores, saberes e organizações sociais.

O mapeamento da controvérsia pela TAR permitiu compreender a controvérsia Maesa nos seus diferentes contextos e relações. **(I) Compreender a controvérsia do caso Maesa;** Compreende-se que a controvérsia abordada no estudo de caso é um complexo campo de: disputa territorial; gestão e burocracias da gestão pública de Caxias do Sul – RS; contratos e negociações entre iniciativa privada e gestão pública; decisões e negociações políticas; contexto para ativistas culturais defenderem a arte e preservação da história da cidade; espaço para reunião de concelhos relacionados a arquitetura e urbanismo que buscam compreender o destino do espaço público; disputa de hierarquias sociais entre regiões nobres e periféricas da cidade; espaço para reunião de historiadores e filósofos em defesa e crítica social histórica da região;

campo para reunião de perfis técnicos vinculados a áreas de projeto que buscam auxiliar na construção de futuros para o espaço do complexo industrial; assunto fértil para o uso da imprensa local; espaço que abre discussões sobre a identidade da cidade, além de questionar seu destino como contexto regional e de serviços; espaço para debate sobre demolições históricas; contexto que explora a criatividade dos atores; um campo que provoca emoções melancólicas, nostálgicas e sonhadoras para os moradores; um assunto que provoca não moradores a debaterem sobre a cidade; um reflexo sobre grandeza e abandono; sobre a necessidade de captação de recursos e trabalho colaborativo; espaço da complexidade técnica das engenharias urbanas e civil; um assunto que leva os cidadãos a debater o futuro.

O mapeamento da controvérsia permitiu que os atores fossem tratados de forma igual, podendo compreender as diferentes relações entre leis, emoções, artefatos, serviços, e informações. Além disso, permitiu que fosse criada a categorização dos sinais da controvérsia, possibilitando a ilustração de um contexto complexo de forma visual. **(II) Compreender como materializar a especulação a partir do mapeamento da controvérsia.** A representação da controvérsia foi fundamental para o entendimento de sua natureza e para a criação das especulações com o grupo de projeto e o pesquisador desta pesquisa. O mapeamento mediou a condução do briefing de projeto da especulação inicial que seria levada para o primeiro grupo focal. Se não houvesse um mapeamento de controvérsias, a especulação poderia ser prejudicada, devido ao fato de ela representar somente um ponto de vista. O mapeamento em conjunto da TAR amplia a forma de observação do contexto social e das relações entre os atores, portanto, abrir o espaço para discussão da controvérsia entre os atores.

A condução do projeto da especulação se baseou nas categorias distintas que a controvérsia continha. Tais fatores foram relevantes para ilustrar a diversidade de visões na qual a controvérsia alistava. Sem a perspectiva da TAR, a construção da especulação não estaria vinculada ao contexto da controvérsia como um todo. O entendimento do mapeamento e da natureza da controvérsia permitiu a escolha de caminhos de projeto mais familiarizados com a controvérsia. A especulação projetada continham significados vinculados com a controvérsia. Isto permitia que fossem agenciados novos atores e novos saberes dentro das discussões de grupo focal.

A especulação dentro do contexto da controvérsia permite alistar diferentes atores. Como sua proposta é provocar o debate e não resolver a controvérsia, foi visto

que o design especulativo se relaciona com a rede de atores sendo mais um ator envolvido no contexto social. As características do design especulativo promovem na controvérsia o debate sobre diferentes visões, imaginações e realidades futuras. O debate ainda explora diferentes atuações de regimentos e normativas sociais. **(III) Compreender o papel da especulação na mediação dos atores.** Os artefatos especulativos na controvérsia permitem agenciar os atores, deste modo, mediam o contexto da controvérsia, alistando novos atores e conhecimentos. A controvérsia em contato com o design especulativo e seus artefatos especulativos criam um espaço de novos contratos sociais. A especulação acaba fazendo parte da controvérsia, permitindo novas negociações projetuais, alistamentos entre poderes públicos e privados, artistas e leigos. A possibilidade crítica da especulação abre os olhos de perfis radicais, enquanto convida os perfis leigos a compreender a controvérsia.

Os atores em contato com a especulação constroem novas visões sobre a controvérsia. Isto permite observar novas relações de atores, sendo eles humanos e não. Portanto, o design especulativo permite criticar a realidade presente, explorando novas probabilidades. Do mesmo modo que o design especulativo é uma prática que explora a crítica do tempo presente, ela imagina novos contextos sociais, serviços, objetos e suas relações. O design especulativo, se olhado pela TAR, permite explorar novas relações dos atores. **(IV) Entender o posicionamento dos atores envolvidos sobre o potencial da especulação diante de uma temática de crise.** A relação entre atores humanos e não humanos, em conjunto com o novo ator alistado (design especulativo), promove o alistamento de diferentes formas de compreensão da controvérsia. Este novo alistamento permite que os atores criem novas configurações e negociações, permitindo os participantes dos grupos focais perceberem a controvérsia de outra maneira, e associá-la ao contato com a especulação. A especulação permite para os participantes dos grupos focais (atores humanos) a praticar a crítica e imaginar futuros e realidades como na ficção. Este campo permite que os atores reconfigurem seus posicionamentos na rede da controvérsia. Reordenando diferentes caminhos para a temática da controvérsia Maesa. Além disso, válida a importância dos estudos sociotécnicos. A sociedade está cada vez mais complexa no emaranhado social e tecnológico. O design nesta realidade, assume outras características, podendo estar inserido nos contextos de controvérsia atuando como uma porta para descobrimentos de novas realidades futuras, sem deixar de imaginar mundos, objetos, leis e situações ficcionais.

A especulação compreende-se como um movimento de enxergar longe do campo de visão. Para isso é preciso de desprendimento do campo atual e suas limitações. Este movimento é parte do processo de design e sua prática projetual. O que caracteriza o design especulativo é que ele se assume especulativo, podendo se aprofundar em suas minúcias, críticas, tecnológicas, filosóficas e ficcionais, como nas narrativas. A imaginação de mundos paralelos e outras realidades fazem da realidade uma oportunidade de modificar a trajetória do contexto social. Se o design especulativo crítica e imagina futuros, ele o faz interagindo na rede com os atores. Se não existisse agencia, a rede de atores não faria sentido. O design seria reduzido a uma tarefa convencional. Contudo, salienta-se que o design especulativo é um campo de exploração, como visto em laboratórios de cientistas. Ele, se visto pela perspectiva da TAR, é um ator agente de novos significados. Ao percorrer sua trajetória, agencia novos atores, modificando a rede inserida. Visto que a seu papel não é apaziguar a controvérsia, mas sim explorá-la ainda mais. É dentro da controvérsia que há a subjetividade invisível que deve ser alistada, para isso os atores precisam se conhecer e compreender suas visões. Eles precisam compreender a controvérsia e buscar a simetria. O design especulativo entra neste ato, como um ator da controvérsia que explora a imaginação e os sonhos impossíveis.

Das limitações de pesquisa, entende-se que a trajetória da especulação deveria ter mais ciclos a serem explorados com os grupos focais e o grupo de projeto. Como estudos futuros compreende-se que é possível pesquisar o design especulativo aplicados a mais perfis e compará-los sobre a perspectiva da TAR. Entende-se também que a proposta de Venturini (2010) poderia ser utilizada para a especular outras controvérsias correlacionadas a controvérsia da Maesa (explorada nesta pesquisa). Ao desbravar diferentes controvérsias, seria possível aplicar o design especulativo imaginando mais de uma controvérsia.

REFERENCIAS

ALJAZEERA. **Pre-Crime: Has Minority Report-style Policing Become a Reality?**

Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/programmes/specialseries/2019/07/pre-crime-minority-report-style-policing-reality-190716064122667.html>> Acessado em: 19

julho 2019

AUGER, James. Speculative design: crafting the speculation. **Digital Creativity**, v. 24, n. 1, p. 11-35, 2013.

BARDIN. L. Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições 70, 1977

BUCHANAN, Richard. Wicked problems in design thinking. **Design issues**, v. 8, n. 2, p. 5-21, 1992.

CALLON, M. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 302-321, jan./jun. 2008.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2016.

CAURS.GOV.BR **CAU/RS defende concurso público de arquitetura para ocupação da Maesa em Caxias do Sul**. Disponível em:

<<http://www.caurs.gov.br/caurs-defende-concurso-publico-de-arquitetura-para-ocupacao-da-maesa-em-caxias-do-sul/>> Acessado em 9/11/2017.

CAURS.GOV.BR: **Prédio da antiga Metalúrgica Abramo Eberle é patrimônio histórico tombado em janeiro de 2015**. Disponível em:

<<http://www.caurs.gov.br/escritura-do-antigo-predio-da-maesa-e-entregue-ao-municipio-de-caxias-do-sul/>> Acessado em: 23/12/2018.

CAXIAS.RS.GOV **Comissão da MAESA segue planejamento sobre futuro uso do espaço.** Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/2015/02/comissao-da-maesa-segue-planejamento-sobre-futuro-uso-do-espaco>> Acessado em: 05/01/2018.

CAXIAS.TUR. **Representantes de segmentos culturais debatem ocupação do prédio da MAESA.** Disponível em:<<https://caxias.tur.br/2015/03/representantes-de-segmentos-culturais-debatem-ocupacao-do-predio-da-maesa>> Acessado em: 10/02/2018.

CERRETTO, Clovis; DE DOMENICO, Silvia Marcia Russi. Mudança e Teoria Ator-Rede: humanos e não humanos em controvérsias na implementação de um centro de serviços compartilhados. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 14, n. 1, p. 83-115, 2016.

CLICRBS. **Polêmica no entorno da MAESA.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/tag/maesa/page/2/?topo=87>> Acessado em: 15/02/2018.

COOKE, Bill; KOTHARI, Uma (Ed.). **Participation: The new tyranny?**. Zed books, 2001.

CROSS, N. How designers think. In: **Design thinking**: understanding how designers think and work. cap. 4. New York: BERG, 2011.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DESERTI, A. Intorno al progetto: concretizzare l'innovazione. In: CELASCHI, F.; DESERTI, A. **Design e innovazione**: strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci Editore, 2007.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. Speculative everything: design, fiction, and social dreaming. MIT press, 2013.

DUNNE, Anthony. Hertzian tales: Electronic products, aesthetic experience, and critical design. 2008.

FLUSSER, Vilém; CARDOSO, Rafael. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Editora Cosac Naify, 2007.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

Gismondo. **An Interview with Geoff McFetridge on the Interfaces from Her**. Disponível em: <<https://gizmodo.com/an-interview-with-geoff-mcfetridge-on-the-interfaces-fr-1526237090>> Acessado em: 10/05/2019

JOHUNG, J. Speculative Life: Art, Synthetic Biology and Blueprints for the Unknown. **Theory, Culture & Society** , v. 33, n. 3, p. 175–188, 2016.

KRIPPENDORFF, K. **The Semantic Turn: A New Foundation for Design**. New York: Taylor&Francis, CRC Press, 2006.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 1994.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauro, SP: Edusc, 2001.

LATOUR, Bruno. Um coletivo de humanos e não-humanos: no labirinto de Dédalo. ____ **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. São Paulo: EDUSC, p. 201-46, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory**. Oxford university press, 2005.

LATOUR, Bruno et al. The Whole is Always Smaller Than Its Parts. How Digital Navigation May Modify Social Theory. **British Journal of Sociology**, v. 63, n. 4, p. 590-615, 2012.

Latour, Bruno. **Reagregando o social: Uma introdução a Teoria Ator-Rede**.

Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Ed. Edufba – Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. Agency at the Time of the Anthropocene. **New literary history**, v. 45, n. 1, p. 1-18, 2014.

LAW, John. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systemic practice and action research**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.

Law, J. **Actor-network theory and material semiotics**. In: Turner, Bryan S. ed. **The New Blackwell Companion to Social Theory**, 3rd Edition. Oxford: Blackwell, 2008, pp. 141 158.

MALPASS, M. Between Wit and Reason: Defining Associative, Speculative, and Critical Design in Practice. **Design and Culture**, v. 5, n. 3, p. 333–356, 2013.

_____ **Critical design in context: History, theory, and practices**. Bloomsbury Publishing, 2017.

MANZINI, Ezio. Design culture and dialogic design. **Design Issues**, v. 32, n. 1, p. 52-59, 2016.

MARKROTHKO. **Abaut**. Disponível em: <<http://www.markrothko.org/>> Acessado em: 10/05/2019

MARQUES, D. B. Resenha: knowledge and social imagery. **Gestão. Org**, v. 4, n. 2, p. 225-226, 2006b.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Tradução de Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORAES, Daniela Sperb. Negociações no processo de design: um estudo sobre a perspectiva do cliente na validação do projeto. 2016.

MEYER, Guilherme Corrêa. **Conflito, negociação e transformação: o designer e o processo de desenvolvimento de produto.** 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Design.

_____ O Design-Rede: repensando os interesses do design. *Estudos em Design*, v. 19, n. 1, 2011.

NOLD, C. Micro/macro prototyping. **International Journal of Human Computer Studies**, v. 81, p.72–80, 2015.

PALMÁS, Karl; VON BUSCH, Otto. Quasi-Quisling: co-design and the assembly of collaborateurs. **CoDesign**, v. 11, n. 3-4, p. 236-249, 2015.

PECI, A.; ALCADIPANI, R. Demarcação científica: uma reflexão crítica. **Organizações e Sociedade**, v. 13, n. 36, p. 145-161, 2006.

PHILLIPS, Peter L. **Briefing: a gestão do projeto de design.** Editora Blucher, 2017.

PINTO, Clovis Cerretto Pinto. DOMENICO, Silvia Marcia Russi De. **Teoria Ator-Rede em Estudos Organizacionais: Encontrando Caminhos via Cartografia de Controvérsias.** 2014.

_____ Teoria Ator-rede em estudos organizacionais: encontrando caminhos via cartografia de controvérsias. **Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad**, v. 7, 2014.

PIONEIRO. **Prédio da Maesa em Caxias é declarado patrimônio histórico.** Disponível em:<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/01/predio->

da-maesa-em-caxias-e-declarado-patrimonio-historico-4689495.html> Acessado em: 13/08/2017

_____ **Pioneiro 70 anos: os incêndios da Câmara de Vereadores e do Cine Ópera.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2018/11/pioneiro-70-anos-os-incendios-da-camara-de-vereadores-e-do-cine-opera-10635645.html>> Acessado em: 15/10/2018

_____ **Próximo passo da ocupação da Maesa, em Caxias, é transferência total da Secretaria da Segurança.** Disponível

em:<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2018/01/proximo-passo-da-ocupacao-da-maesa-em-caxias-e-transferencia-total-da-secretaria-da-seguranca-10120842.html>> Acessado em: 10/02/2018.

_____ **Especialistas discutem futuro do Complexo da Maesa, em Caxias do Sul.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/06/especialistas-discutem-futuro-do-complexo-da-maesa-em-caxias-do-sul-4791697.html>> Acessado em: 12/02/2018.

_____ **Se tudo der certo, Maesa será ocupada até 2028**

Em primeiro ato, prefeitura iniciou ocupação em menos de 1% do total da área do complexo. Disponível

em:<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/11/se-tudo-der-certo-maesa-sera-ocupada-ate-2028-9987189.html>> Acessado em: 15/03/2018

_____ **Grupo de trabalho discutirá futuro do prédio da Maesa, em Caxias do Sul.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/07/grupo-de-trabalho-discutira-futuro-do-predio-da-maesa-em-caxias-do-sul-4204894.html>> Acessado em: 23/11/2018.

_____ **Maesa, o presente que Caxias do Sul espera.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/06/maesa-o-presente-que-caxias-do-sul-espera-4529959.html>> Acessado em: 15/02/2018.

_____ **Encontro na Câmara de Vereadores de Caxias debate ocupação da Maesa.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/07/encontro-na-camara-de-vereadores-de-caxias-debate-ocupacao-da-maesa-9846800.html>> Acessado em: 20/01/2018.

_____ **Câmara de Vereadores de Caxias é retirada de comissão para discutir ocupação do prédio da Maesa.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2017/04/camara-de-vereadores-de-caxias-e-retirada-de-comissao-para-discutir-ocupacao-do-predio-da-maesa-9774918.html>> Acessado em: 20/01/2018.

_____ **Ação civil questiona asfalto próximo a Maesa.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/01/acao-civil-questiona-asfalto-proximo-a-maesa-em-caxias-4680570.html>> Acessado em: 23/12/2018.

_____ **Os 12 pontos mais polêmicos e impactantes da revitalização da Praça Dante, em Caxias do Sul.** Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2019/05/os-12-pontos-mais-polemicos-e-impactantes-da-revitalizacao-da-praca-dante-em-caxias-do-sul-10935453.html>>
Acessando em: 25/05/2019

RÁDIO CAXIAS. **Secretário da Cultura afirma que ocupação da Maesa está cumprindo o planejamento.** Disponível em:

<<https://radiocaxias.com.br/portal/noticias/secretario-da-cultura-afirma-que-ocupacao-da-maesa-esta-cumprindo-o-planejamento-104689>> Acessado em: 24/07/2019

REEVES, Stuart; GOULDEN, Murray; DINGWALL, Robert. The future as a design problem. Design Issues, v. 32, n. 3, p. 6-17, 2016.

SCALETSKY, Celso. Design Estratégico em ação/ organizador: Celso Carnos Scaletsky. – São Leopoldo: Ed. UNINISINOS, 2016.

SCALETSKY, Celso; RUECKER, Stan; MEYER, Guilherme. Usando o conceito de Rich Prospect Browsing para conversações em cenários de design.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Penso Editora, 2009.

TONELLI, Dany Flávio. Origens e afiliações epistemológicas da Teoria Ator-Rede: implicações para a análise organizacional. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 14, n. 2, 2016.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understand. Sci.*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

_____. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012. Disponível em: <http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/Venturini-Building_on_Faults.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

William Morris, *News from Nowhere* (Oxford: Oxford University Press, 2009).

WILKIE, Alex; SAVRANSKY, Martin; ROSENGARTEN, Marsha. *Speculative Research: The lure of possible futures*. Routledge, 2017

APÊNDICES

CAXIAS DO SUL
QUARTA-FEIRA
24 DE OUTUBRO DE 2025
ANO 68
Nº 105.663
R\$ 2,50
EN 010 11632 19.000

Pioneiro

ateulado

A NOVA MALHA

Passarela industrial reabre neste domingo.



Museu industrial Miesse reabre após o ato de vandalismo que defendia a abertura do mercado público na cidade. **Página 11**

Foto: Da Redação para o evento de inauguração da passarela, com o Museu Industrial Miesse.



AEROPORTO DE GRAMADO Projeto entra em fase de captação de recursos

Gramado entra na corrida pelo novo corredor de aeronaves no RS. Governo Federal tem até Maio de 2031 para eleger quais projetos deverão receber custeio. Os demais projetos ficam para 2040.

Página 27

Shopping Barra ganhará cinema 3D sem óculos

Novidade para a região leste da cidade, a rede Cinemark inaugura em Caxias do Sul a modalidade de salas 3D sem óculos. Primeiro filme exibido será "Os novos vingadores", novo blockbuster do Marvel Studios, primeiro filme com direção do antigo astro da casa Chris Evans. **Página 18**



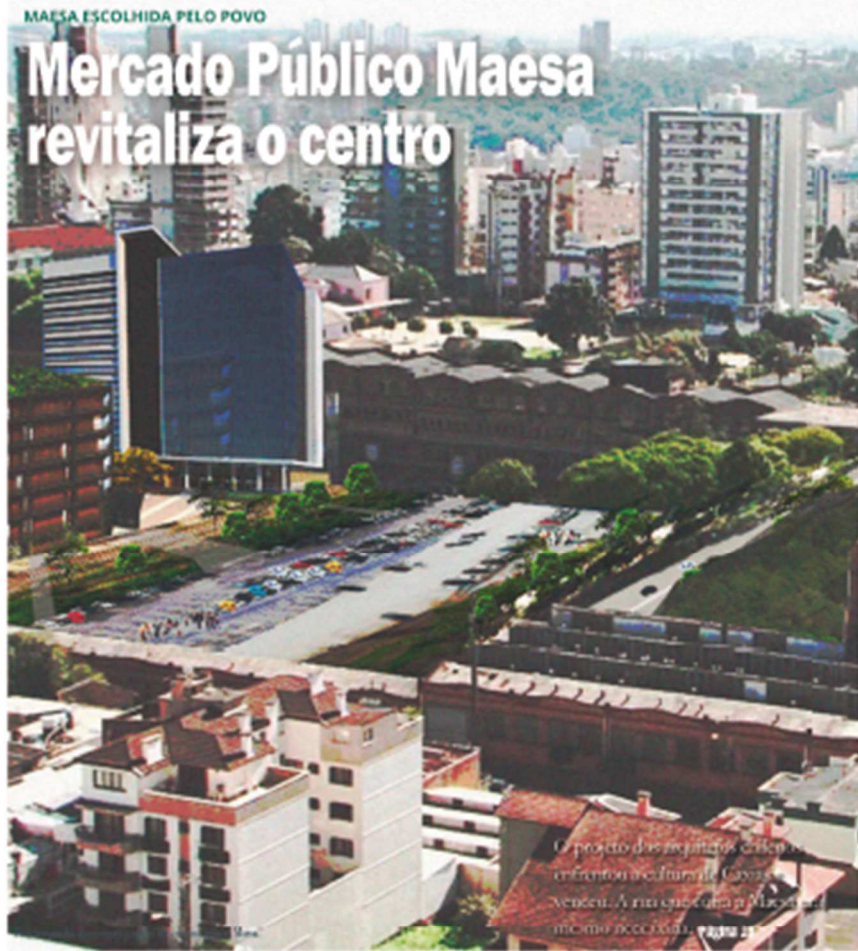
CASIAS DO SUL
QUARTA-FEIRA
24 DE AGOSTO DE 2024
ANO 75
Nº 105.663
R\$ 2,50
EM SÃO PAULO R\$ 3,00

Pioneiro

saotulad

MAESA ESCOLHIDA PELO POVO

Mercado Público Maesa revitaliza o centro



O projeto dos arquitetos ganhou o primeiro prêmio de Casias do Sul. A rua que corta o Mercado Maesa é o novo eixo vital. **Página 21**

Festa da Uva 2025 necessitará de menos recursos públicos

O novo sistema de cotas de patrocínio garante fôlego para a organização do evento. Mais apoiadores virão facilitando o planejamento da prefeitura para outros projetos culturais da cidade. Casias mira em um novo formato de evento turístico inspirada em Farnoujilla. **Página 7**

JUVENTUDE

Papo de vovó Cruzaino e vovô a primeira rodada de Brasília. **Página 25**

TRANSPORTE

Trem regional terá estação a uma quadra da Maesa. **Página 20**

VIOLÊNCIA

Morre e comerciante baleado em frente ao Bafizão. **Página 20**



CAXIAS DO SUL
QUARTA-FEIRA
24 DE AGOSTO DE 2028
ANO 75
Nº 195.663
R\$ 2,50
EM 360 PAGOS R\$ 0,00

Pioneiro

MEMÓRIA PERDIDA

Aconteceu de novo



Redobre o caso da Maesa, mais um dos patrimônios históricos que perderam seu significado por decisões erradas no planejamento de seu futuro. [Página 11](#)

Opiniões de artigos do Pioneiro não refletem necessariamente as opiniões da imprensa local.

CAXIAS DO SUL
QUARTA-FEIRA
24 DE AGOSTO DE 2027
ANO 70
Nº 199.662
R\$ 2,50
EM 160 FOLHAS DE 1,10

Pioneiro

noticiário



NA ANTIGA MAESA

Inaugura neste sábado o MAESA Bourbon, o maior shopping da região

Após a devolução para o estado da área da Maesa, o espaço foi negociado com um grupo de investidores. A região ganha um espaço com mais de 50mil m² destinado ao comércio. O Shopping inaugura mais de 15 franquias inéditas para a região. A obra custou cerca de 450 milhões e teve apenas 2% financiado pelo governo do estado. **Página 12**



Grêmio ganha do Boca e vai para a final da Libertadores.

FARROUPILHA
Hospital da Farroupilha
fecha mês no vermelho
Página 4

CULTURA
Novos direitos para o Financiarista.
O que esperar da nova fase?
Página 25

FSG
Centro Universitário passa
a ser Universidade.
Página 28

BRASÍLIA
LÍDERES DO BOTOSSO ELEGEM TAVARES
para obras com representantes.
Página 17

**UCS abre curso de
Medicina veterinária em Bento.**



CAXIAS DO SUL
 QUARTA-FEIRA
 24 DE AGOSTO DE 2024
 ANO 75
 Nº 105.663
 R\$ 2,50
 EM SÃO PAULO R\$ 3,20

Pioneiro

Botulado

MAESA ESCOLHIDA PELO POVO

Mercado Público Maesa revitaliza o centro



Depois de um longo processo, o projeto do Mercado Público Maesa foi escolhido.

CAXIAS DO SUL
 QUARTA-FEIRA
 24 DE AGOSTO DE 2027
 ANO 70
 Nº 100.662
 R\$ 2,50
 EM SÃO PAULO R\$ 3,30

Pioneiro

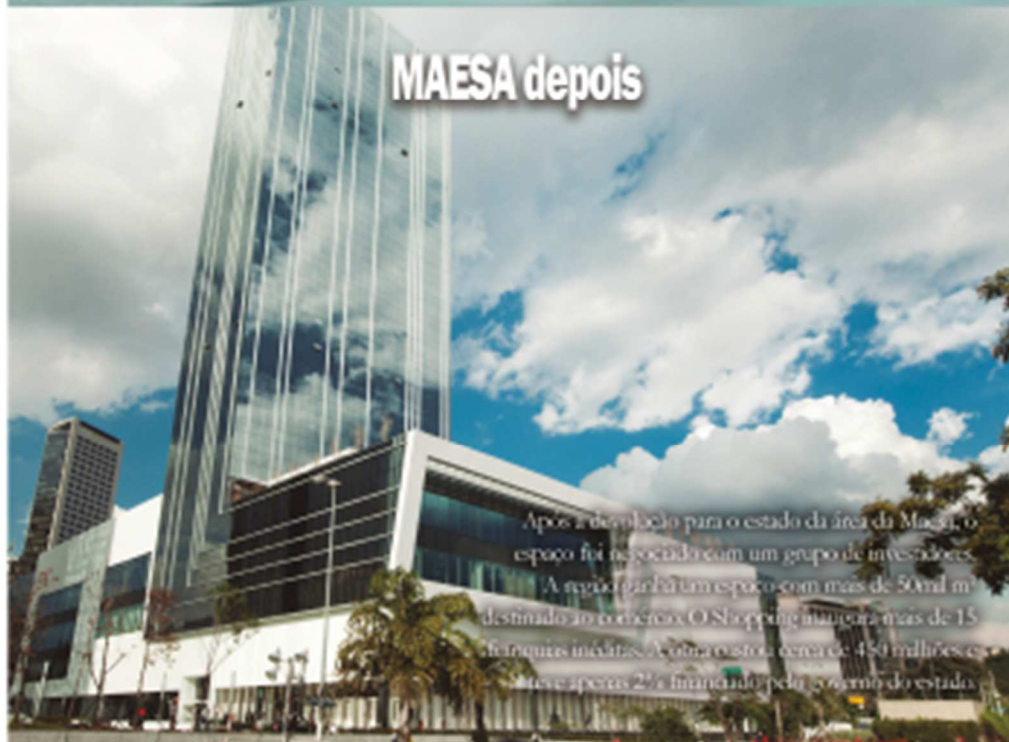
atualizado



MAESA antes

NA ANTIGA MAESA

Inaugura neste
 sábado o MAESA
 Bourbon, o maior
 shopping da região



MAESA depois

Após a devolução para o estado da área da Maesa, o espaço foi negociado com um grupo de investidores. A região tinha um espaço com mais de 50 mil m² destinado ao comércio. O Shopping inaugura mais de 15 lojas e mais unidades. A obra custou cerca de 450 milhões, os quais apenas 2% foram financiados pelo governo do estado.

Equipe que está ocupada pelo complexo Maesa se tornou o maior Shopping de Caxias do Sul.

CAXIAS DO SUL
 QUARTA-FEIRA
 24 DE OUTUBRO DE 2025
 ANO 68
 Nº 105.663
 R\$ 2,50
 EM SÃO PAULO R\$ 3,00

Pioneiro

loteulado

A NOVA MAESA

Passarela industrial reabre neste domingo.



Museu Industrial Maesa reabre após o ato de vandalismo que defendia a abertura do mercado público na cidade. **Página 13**

Projeto de Maesa que previa criação de sempre-viva abandonado, retomado a Fibriza com um novo loteamento.

CARIAS DO SUL
 QUARTA-FEIRA
 24 DE AGOSTO DE 2023
 ANO 85
 Nº 165.663
 R\$ 2,50
 WWW.SAOPALCO.RS.LOJ

Pioneiro

ateulado

ANTIGA MAESA

Maesa abre as portas para feirantes neste sábado



Apesar do Mercado Público ganhar para o antigo Big, o espaço da Maesa mantém seu calendário de feiras. A feira orgânica passa para o endereço da Associação. **Página 13**

Feirante de Maesa levanando a produção em um dos estandes no antigo.

Decreto nº. 505407, de 13 de julho de 2028

Regulamenta o uso do complexo industrial Maesa, doado a este município pelo Estado do Rio Grande do Sul.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

Art. 1º. Considerando que o prazo final para destinação do imóvel doado a este Município pelo Estado do Rio Grande do Sul tem previsão de findar-se na data de 31 de dezembro de 2028, decide:

§ 1º. Que seja definido pela Câmara de Vereadores, no prazo máximo de 60 (sessenta dias), a destinação do referido imóvel;

§ 2º. Havendo indicação de demolição, execute-se.

§ 3º. Havendo destinação contrária à demolição, estipula-se como prazo inicial para implantação, 60 meses após as deliberações.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 13 de Julho de 2028.

Alice das Dores
Prefeita

Camilo Coelho
Chefe de Gabinete

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.